

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projeto final elaborado para a obtenção
em Grau de Mestre em Arquitetura

Revitalização do Barreiro Velho Uma estratégia inclusiva e vinculativa

Filipa da Costa Porfírio
(Licenciada)

Orientação Científica:

Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus
Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Presidente de júri: Professor Doutor Pedro Rodrigues
Arguente: Professor Doutor Francisco Agostinho

Documento Final
Lisboa, FA Ulisboa, Dezembro, 2018

Revitalização do Barreiro Velho

Uma estratégia inclusiva e vinculativa

Filipa da Costa Porfírio
Licenciada em Estudos Arquitetónicos

Projeto final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientadores Científicos:
Dr. Arq. Daniel Maurício Santos de Jesus
Dr. Soc. Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Lisboa, Dezembro, 2018

Título

Revitalização do Barreiro Velho

Sub título

Uma estratégia inclusiva e vinculativa

Nome

Filipa da Costa Porfírio

Orientadores Científicos:

Dr. Arq. Daniel Maurício Santos de Jesus

Dr. Soc. Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Lisboa, Dezembro, 2018

Resumo

A presente proposta de projeto final de mestrado versa sobre o estado desvitalizado do bairro denominado como Barreiro Velho, no Barreiro. Após o encerramento da atividade industrial nas imediações do bairro, este entrou num processo de declínio evidente, onde a dinâmica social e cultural que lhe corresponde se alterou, assim como o estado do edificado. A mudança de paradigma traduz-se, no presente, em afloramentos do passado percecionados na estrutura urbana como edifícios devolutos e espaços expectantes, associados a apropriações recentes por parte da comunidade de etnia cigana, que teve como contraponto o crescimento da insegurança da população envelhecida, assim como novas apropriações que ignoram a convivalidade do lugar.

As sombras do passado associativo continuam a percorrer as ruas de uma envolvente segregada e degradada, que tem no espaço público o elemento físico vinculador do bairro fragmentado. Neste contexto pretende-se fazer uma reflexão acerca das relações inerentes ao espaço público e a potencialidade das mesmas, através das quais se veicula a curiosidade intelectual e a possibilidade de aquisição de conhecimento através da leitura como catalisador de novos encontros e discussões e capaz de diluir fronteiras no espaço público.

Compreendendo-se o sistema de ideais, valores e princípios, cujo reconhecimento pode ser potenciado pelo usufruto do objeto arquitetónico, procura-se através da relação entre o projeto e a população contribuir para a revitalização da vida local e despertar as novas intervenções para o contexto do lugar.

Bairro, Espaço público, Valor de uso, Espaços de encontro e leitura

Title

Barreiro Velho's Revitalization

Sub title

An inclusive and binding strategy

Name

Filipa da Costa Porfírio

Advisers:

Arch. PhD. Daniel Maurício Santos de Jesus

Soc. PhD. Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Integrated Master in Architecture

Lisbon School of Architecture

Lisbon, December, 2018

Abstract

The present master's Final Project proposal deals with the devitalized state of the Barreiro Velho neighbourhood, in Barreiro. After the closing of industrial activities in the neighbourhood's vicinity, it entered a visible process of decline, where social and cultural dynamics were altered, as did the state of the built patrimony. This paradigm shift nowadays manifests itself as highlights from the past, perceived in the urban structure as abandoned buildings and expecting spaces, which in turn are associated with a recent appropriation by the gypsy community, leading to the older generation feeling less safe, as well as new appropriations which ignore the space's conviviality.

The shadows of the associative past continue to roam the streets of a segregated and degraded environment, with the public space being fragmented neighbourhood's binding element. In this context, the goal is to make a reflexion about the public space's inherent connections and its potential. Through these connections, intellectual curiosity is channelled, and the possibility of acquiring knowledge by means of reading as a catalyser for new meetings and discussions, as well as for diluting barriers in public space.

Understanding the system of ideals, values and principles, whose recognition can be empowered by the usufruct of the architectonic object, serves to find the link between the project and the population, with the goal of contributing towards the revitalization of local life and awakening new interventions in the place's context.

Neighborhood, Public space, Use value, Meeting and reading spaces

Agradecimentos

“Às casas e portas
Que se abriram para ver mais de perto.
Entre cores quentes
E cores frias
Novas atmosferas,
A ponte entre a novidade e o familiar.

E no virar da esquina, um novo livro,
Uma pessoa,
Uma discussão.
No café da manhã surge pouco nítida a ideia
Que nos encaminha pela calçada.
E as portas ainda abertas.

Apagar as minhas luzes
Para apreender a do outro
Uma constante partilha, linhas que se cruzam
A luz sombra do lugar
E o lugar que, agora, vejo mais evidente.”

Ana Leão e Sara Mesquita

Índice geral

Resumo	i
Abstract	iii
Agradecimentos	v
Índice Geral	vii
Índice de Figuras	ix
Abreviaturas e siglas	xvi
Introdução	1
I. Barreiro (Velho)	7
1.1 Panorama	8
1.2.A pesca e o ácido sulfúrico	12
1.3.Atrações modernas	22
1.4. O presente e as memórias associativas	28
2. Reflexão dos interstícios partilháveis	39
2.1. Imunidade ou comunidade	40
2.2. O espaço público e a impulsão do bairro	46
2.3. O conhecimento como espaço público	50
2.4. Programa de trabalho - Breve explicação	52
3. Caso de estudo	55
3.1.A Cidade Branca	56
3.2.A interação interior/exterior	62
4. Projeto	81
4.1. Estratégia	82
4.2. Introdução à Proposta Final de Mestrado	84
4.2.1. Interdependências do bairro	84
4.3.A(s) biblioteca(s)	100
4.3.1.A interiorização da travessa do Alto do Hospital	110
4.3.2. O carácter público do largo da Almirante Reis	126
4.3.3.A exteriorização da travessa do Loureiro	142
Considerações finais	158
Bibliografia	160
Anexos	164

Índice de figuras

1. Expressão recorrente nas fachadas dos edifícios do bairro
Fotografia da autora, 2018
2. O Moinho Gigante, Barreiro
Silva Porto, 1887
Fonte: memoriasiamgens.blogspot.com
3. Pesca do cerco
Augusto Cabrita
Fonte: memoriaefuturo.cm-barreiro.pt
4. Rotunda das Máquinas, Barreiro
Autor desconhecido
Fonte: memoriaefuturo.cm-barreiro.pt
5. Companhia União Fabril, Barreiro
Autor desconhecido
Fonte: memoriaefuturo.cm-barreiro.pt
6. Postal “Pescador do Barreiro”
Autor: desconhecido
Fonte: memoriaefuturo.cm-barreiro.pt
7. Travessa Alto do Hospital
Fotografia da autora, 2018
8. Rua Conselheiro António Joaquim d’Aguiar
Autor: Artur Costa Macedo, 1928
Fonte: Cinemateca Portuguesa
9. Barreiro. Uma vista parcial da vila
Autor: desconhecido
Fonte: Câmara Municipal do Barreiro
10. Delimitação da área correspondente ao Barreiro Velho
Desenho realizado pela autora
11. Implantação do bairro em 1816
Autor: desconhecido
Fonte: Câmara Municipal do Barreiro
12. Traçado urbano atual do Barreiro Velho e da área envolvente
Diagrama da autora, 2018
13. Apropriação na rua Marquês de Pombal
Autor: Ana Leão, 2018
14. Domesticidade da travessa da Vitória
Autor: Ana Leão, 2018
15. Traçado da área medieval do Barreiro Velho
Diagrama da autora, 2018

- | | |
|---|---|
| 16. Praça de Santa Cruz
Fotografia da autora, 2018 | Autor: Ana Leão, 2018 |
| 17. Largo Rompana
Fotografia da autora, 2018 | 28. Ilustração portuguesa, 1911
Fonte: cronicasdoprofessorferrao.blogs.sapo.pt |
| 18. Ruínas, Barreiro Velho
Fotografia da autora, 2018 | 29. Biblioteca de Propaganda Social N°6 – 1919
Fonte: patrimoniobarreiro.wordpress.com |
| 19. Travessa do Hospital
Fotografia da autora, 2018 | 30. Fim de dia de trabalho na CUF
Fonte: patrimoniobarreiro.wordpress.com |
| 20. Calçada da Misericórdia
Fotografia da autora, 2018 | 31. Ruínas no Barreiro Velho
Fotografia da autora, 2018 |
| 21. Vazio urbano na rua Almirante Reis
Fotografia da autora, 2018 | 32. Comparação do estado do edificado de 2007 e 2017
Diagrama da autora, 2018 |
| 22. Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral
Fonte: vinculadosaobarreiro.com | 33. Rua Aguiar, 1928
Autor: Artur Costa Macedo, 1928
Fonte: Cinemateca Portuguesa |
| 23. Promoção de apartamentos de luxo na frente ribeirinha do Barreiro Velho
Fotografia da autora, 2018 | 34. Rua Aguiar atualmente
Autor: Ana Leão, 2018 |
| 24. Arte urbana I
Fotografia da autora, 2018 | 35. Comparação da estrutura funcional de 2007 e 2017
Diagrama da autora, 2018 |
| 25. Arte urbana II
Fotografia da autora, 2018 | 36. Habitação unifamiliar recentemente |
| 26. Arte urbana III
Autor: Ana Leão, 2018 | |
| 27. Horta urbana | |

- construída no Barreiro Velho
Autor: Ana Leão, 2018
37. Atuação na espera do semáforo
Fonte: segundocliche.blogspot.com
38. Criança residente no Barreiro Velho
Fotografia da autora, 2018
39. Edifício da Associação Os Penicheiros
Autor: Artur Costa Macedo, 1928
Fonte: Cinemateca Portuguesa
40. Sobrevalorização da admiração pública
Fonte: apptuts.com.br
41. Apropriação da rua
Fotografia da autora, 2018
42. Relação da garagem com a rua
Autor: Ana Leão, 2018
43. Apropriação de fachada
Fotografia da autora, 2018
44. Esporádico mercado no largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral
Fonte: mercadomarquezedepombal.blogspot.com
45. Idealizações, em render, de uma Alfama
Fonte: cidadaniaix.blogspot.com
46. Moradores de Alfama, Mouraria e Castelo reivindicam os bairros
Fonte: ocorvo.pt
47. Escola Conde Ferreira (ECF): Centro de Produção e Participação Artística “Da gente do Barreiro e de todo o Mundo”
Fonte: facebook.com/condedeverreira-barreiro
48. ECF reúne crianças do bairro e realiza diversas atividades
Fonte: facebook.com/condedeverreira-barreiro
49. A ECF tem a capacidade de reunir residentes do bairro com população exterior, através de eventos culturais e sociais no recinto da escola
Fonte: facebook.com/condedeverreira-barreiro
50. Biblioteca itinerante no Parque D. Carlos I, Caldas da Rainha
Fotografia da autora, 2018
51. Chegada a Lisboa do cargueiro

- Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
52. Primeiro momento entre o personagem e a escala da cidade
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
53. Elementos morfológicos da cidade
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
54. Atividades da cidade
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
55. A presença do rio
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
56. O fresco das sombras I
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
57. A roupa lavada
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
58. O cheiro das sardinhas
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
59. Compras entre a multidão
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
60. A penumbra
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
61. O fresco das sombras II
- Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
62. Frente ribeirinha
Fonte:A Cidade Branca,Alain Tanner
63. Reportagem sobre o Bairro Alto <http://www.ilovebairroalto.com/blog/1613001/Lisboa+Anos+80>
64. Reportagem sobre o Bairro Alto II <http://www.ilovebairroalto.com/blog/1613001/Lisboa+Anos+80>
65. Zé da Guiné
Fonte: publico.pt
66. O frágil
Fonte: redbull.com
67. A Annunciazione, Fra Angelico
Fonte: From doorstep to living room, Alvar Aalto
68. Casa del Cirujano, Pompeia
Fonte: art.lostonsite.com
69. Perspetiva do átrio da Atrium House, Alvar Aalto
Fonte: From doorstep to living room, Alvar Aalto
70. Perspetiva exterior Casa de Verão Experimental
Fonte: archdaily.com.br
71. Planta do projeto
Fonte: alvaraalto.fi

72. Relação interior exterior, através do pátio
Montagem realizada pela autora, 2018
73. Câmara Municipal de Saynatsalo
Fonte: moma.org
74. Secção do projeto
Fonte: archdaily.com
75. Relação interior/ exterior através do pátio
Fonte: Montagem realizada pela autora, 2018
76. Vista aérea do centro da cidade de Seinajoki
Fonte: maps.google.pt
77. Planta do projeto
Fonte: pinterest.com
78. Perspetiva do edifício da Biblioteca de Belém e da adição do café
Fotografia da autora, 2018
79. Implantação do edifício da Biblioteca Municipal de Belém
Desenho realizado pela autora
80. Relação do espaço do café com o exterior
Autor: Ana Leão, 2018
81. Relação interior/exterior
Fotografia da autora, 2018
82. Comunicação entre espaços interiores
Autor: Ana Leão, 2018
83. Perspetiva do café
Fotografia da autora, 2018
84. Espaço exterior
Autor: Ana Leão, 2018
85. Composição morfológica do Barreiro Velho, antes das demolições
Desenho realizado pela autora, 2018
86. Diagrama de relação dos espaços públicos com os edifícios devolutos e vazios urbanos
Diagrama realizado pela autora, 2018
87. Inventário de espaços públicos, aos quais se reconhecem certas especificidades e qualidades
Desenho realizado pela autora, 2018
88. Diagrama de intensidade de fluxos e permanência no exterior
Diagrama realizado pela autora, 2018
89. Diagrama de acessibilidade automóvel proposta
Diagrama realizado pela autora, 2018

90. Diagrama vazios urbanos a trabalhar; acessibilidades; percurso
Diagrama realizado pela autora, 2018
91. Diagrama vazios urbanos a trabalhar e respetiva área de influência no espaço público
Diagrama realizado pela autora, 2018
92. Planta de espaços cívicos livres (incluindo a proposta) segundo os mapas de Noli
Desenho realizado pela autora, 2018
93. Planta da Ágora de Atenas
Fonte: Flesh and Stone, Richard Sennett
94. Esquema da circunscrição do pátio
Desenho realizado pela autora, 2018
95. Vista em planta de maquete com propostas
Modelo realizado pela autora, 2018
96. Positivo de percurso entre propostas
Desenho realizado pela autora, 2018
97. Asilo D. Pedro V antigamente
Autor: Artur Costa Macedo, 1928
Fonte: Cinemateca Portuguesa
98. Asilo D. Pedro V devoluto
Fonte: vinculadosaobarreiro.com
99. Implantação asilo D. Pedro V Esc. 1/1000
Desenho realizado pela autora, 2018
100. Vazio urbano após demolição do asilo; permanência de habitação unifamiliar de 1 piso Esc. 1/1000
Desenho realizado pela autora, 2018
101. Implantação da proposta incluindo a pré-existência Esc. 1/1000
Desenho realizado pela autora, 2018
102. Planta de implantação da proposta
Desenho realizado pela autora, 2018
103. Perspetiva do pátio
Desenho realizado pela autora, 2018
104. Planta piso térreo Esc. 1/500
Desenho realizado pela autora, 2018
105. Perspetivas
Desenho realizado pela autora, 2018
106. Planta piso I Esc. 1/500
Desenho realizado pela autora, 2018
107. Corte e alçado Esc. 1/500
Desenho realizado pela autora, 2018
108. Perspetiva exterior
Desenho realizado pela autora, 2018

109. Pátio
Desenho realizado pela autora, 2018
110. Modelo tridimensional, alçado norte
Modelo realizado pela autora, 2018
111. Alçado poente
Desenho realizado pela autora, 2018
112. Vista aérea
Modelo realizado pela autora, 2018
113. Vista aérea
Modelo realizado pela autora, 2018
114. Relação da proposta com a rua José Relvas
Modelo realizado pela autora, 2018
115. Implantação do conjunto habitacional Esc. 1/1000
Desenho da autora, 2018
116. Vazio urbano após demolição das habitações; permanência de uma habitação isolada de dois pisos Esc. 1/1000
Desenho da autora, 2018
117. Implantação da proposta Esc. 1/1000
Desenho da autora, 2018
118. Poikile stoa
Fonte: modernstoicism.com
119. Planta de uma stoa
Fonte: agora.ascsa.net
120. Planta de implantação da proposta Esc. 1/500
Desenho da autora, 2018
121. Planta piso térreo Esc. 1/500
Desenho da autora, 2018
122. Perspetivas do exterior
Desenho da autora, 2018
123. Cortes transversais Esc. 1/500
Desenho da autora, 2018
124. Perspetiva interior
Desenho da autora, 2018
125. Relação da proposta com a travessa do Loureiro
Modelo realizado pela autora, 2018
126. Rua Almirante Reis e o largo definido pela proposta
Modelo realizado pela autora, 2018
127. Relação da proposta com a rua da Amoreira
Modelo realizado pela autora, 2018
128. Implantação do conjunto habitacional Esc. 1/1000
Desenho da autora, 2018
129. Vazio urbano após demolição das habitações Esc. 1/1000
Desenho da autora, 2018

130. Implantação da proposta Esc. 1/1000
Desenho da autora
131. Perspetivas do projeto Casa de las Ideas, em Tijuana
Desenho da autora, 2018
132. Planta piso térreo da proposta Esc. 1/500
Desenho da autora, 2018
133. Perspetivas
Desenho da autora, 2018
134. Corte e Alçado Esc. 1/500
Desenho da autora, 2018
135. Perspetivas da relação com o exterior
Desenho da autora, 2018
136. Planta piso I Esc. 1/500
Desenho da autora, 2018
137. Perspetiva exterior e do átrio
Desenho da autora, 2018
138. Relação da proposta com o bairro e o rio
Modelo realizado pela autora, 2018
139. Alçado da avenida Bento Gonçalves
Modelo realizado pela autora, 2018
140. Definição do pátio
Modelo realizado pela autora, 2018
141. Alçado da rua Aguiar
Modelo realizado pela autora, 2018
142. Biblioteca Municipal de São Lázaro
Desenho da autora, 2018
143. Biblioteca Municipal de Belém
Desenho da autora, 2018
144. Biblioteca Municipal das Galveias
Desenho da autora, 2018
145. Esboço da distribuição da biblioteca de Belém
Desenho da autora, 2018
146. Esboço biblioteca
Desenho da autora, 2018
147. Esquissos do projeto na travessa do Alto do Hospital
Desenho da autora, 2018
148. Esquissos do projeto na travessa do Loureiro
Desenho da autora, 2018
149. Esquissos do projeto na travessa do Loureiro
Desenho da autora, 2018
150. Esquissos do projeto na rua Almirante Reis
Desenho da autora, 2018
151. Estudo de sombra à tarde Esc. 1/2000
Desenho da autora, 2018

Abreviaturas e siglas

CMB Câmara Municipal do Barreiro

CUF Companhia União Fabril

ECF Escola Conde Ferreira

GTL Gabinete Técnico Local

PROURB Programa de Reabilitação Urbana para o Barreiro Antigo

PRAUD Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas

RECRIA Regime Especial de Participação na Recuperação de Imóveis

Introdução

Apesar da relativa familiaridade para com o território de intervenção, o concelho do Barreiro apresentava-se-me como figuração estranha, à qual nunca havia dedicado uma particular atenção. Entre a ambivalência emocional em relação ao concelho do Barreiro, encara-se relutantemente o território e sem expectativa. Contudo, uma visita guiada por elementos de gestão urbanística da Câmara Municipal do Barreiro desencadeia uma curiosidade pela eventual desmistificação do lugar industrial e descoberta de um sistema espontaneamente construído e vivido. Contextualiza-se o rio Tejo como motivo para o desenvolvimento do território, tal como era espectável.

O rio como recurso deu origem a uma vila de pescadores e agricultores, que foram construindo a pegada artificial por necessidade e em conformidade com a paisagem de uma forma internamente organizada. À marca destes trabalhos coletivos e fisicamente duros acresceu a industrialização dos setores primários das atividades moagueiras, produção de sal e corticeira, marcando o primeiro surto industrializador do Barreiro. As novas formas de trabalho tiveram como consequência significativas migrações no contexto rural em que se vivia. No entanto, a grande metamorfose da génese da vila teve origem na instalação da empresa C.U.F (Companhia União Fabril) cuja dimensão exigiu a instalação de uma série de infraestruturas industriais e sociais (embora insuficientes), colocando a vila como ponto atrativo a nível nacional. O fim da era industrializadora no Barreiro ditou a estagnação e recessão demográfica, sentida especialmente no bairro do Barreiro Velho que desde aí se encontra num processo de desertificação e da degradação do construído.

A estrutura física do Barreiro Velho encontra-se num impasse, percecionada por demolições e edifícios devolutos, à qual se associa o sensível estado social caracterizado maioritariamente pelas apropriações da comunidade cigana, pelo envelhecimento da população e pela quase inexistente regeneração da mesma.

Face à degradação e segregação do bairro têm sido promovidas políticas de incentivo por parte das forças políticas da autarquia, recorrendo a modelos de

apropriação que têm como base o capital financeiro na tentativa de revitalizar a estrutura urbana. Este processo atrativo parece desviar-se do significado do bairro e ignorar a respetiva historicidade e a realidade social e cultural, direcionando-se para a revitalização do território como mercadoria. Considera-se este método orientado pelo capital e pela livre iniciativa económica como desassociado do contexto social que não se pauta pelo consumo e pela obsessão da visibilidade imediata. Neste sentido, o Barreiro Velho parece estar a ser contaminado pelo modelo de consumo que tem invadido os bairros históricos de Lisboa, conduzindo à substituição dos residentes por estadias temporárias e de luxo.

A inquietação perante o estado e o rumo do bairro desvitalizado, conduz à interrogação sobre a possibilidade da arquitetura para intervir nos modelos de apropriação e solucionar as profundas questões sociais presentes no bairro. Acredita-se que novos gestos que contemplem a condição social e cultural, assim como a singularidade do complexo sistema construído, podem contribuir para o melhoramento da situação, beneficiando a heterogeneidade social e cultural e a vida urbana.

O conhecimento aprofundado das populações que habitam o bairro e das suas práticas quotidianas são condição necessária para pôr em prática as preocupações associadas ao local. Para tal, privilegiou-se o trabalho de observação e de contacto com as populações através de conversas informais e de entrevistas não diretivas. Para além da observação no local, constituiu-se como fundamental a leitura de bibliografia especializada não só de arquitetura, mas também das ciências sociais, especialmente de sociologia, antropologia e ciência política.

Desenvolvendo-se o presente Projeto Final de Mestrado sobre o bairro histórico fortemente marcado pela diversidade de apropriações, o primeiro capítulo serve de enquadramento ao local: o seu contexto histórico e o assentamento das várias populações – piscatórias, agrícolas, industriais e mais recentemente pela comunidade cigana -, uma breve designação das políticas de revitalização e dos seus resultados, e as dinâmicas associativas.

A composição social do bairro é constituída maioritariamente por uma população envelhecida e por uma comunidade cigana, cujos hábitos e apropriações en-

tram em conflito no espaço público, tendo como resultado o bairro socialmente fragmentado. As ações dos diferentes grupos na esfera pública e as possibilidades de estimular o encontro entre os residentes, e entre os residentes e a população exterior, são motivo de análise e reflexão. A potencialidade do espaço público como vínculo entre fragmentos é abordada no segundo capítulo, através da interpretação do conceito de espaço público a partir dos autores (H.Arendt, Borja e Muxi, J. Ghel, F.Serdoura e F.Oliveira), traduzindo para o projeto a ideia de espaço público como lugar de reunião, discussão e participação política

Os casos de estudo que compõem o terceiro capítulo realçam aspetos ao nível do bairro e do projeto de arquitetura que, indispensavelmente, direcionaram e justificaram o Projeto Final de Mestrado. O primeiro caso versa sobre a revitalização dos bairros históricos de Lisboa, que circunscrevem a margem norte do rio, na década de 1980, como resultado do contacto e da troca informal de conhecimento, relacionando essas dinâmicas com a reafirmação da estrutura urbana. O segundo caso de estudo influencia diretamente o pensamento da proposta do objeto arquitetónico partindo da conceção do pátio, analisado e explorado por Alvar Aalto, como o espaço nuclear do edifício. Distingue-se o artigo *From the Doorstep to the Living Room* e as obras em que o autor aborda o tema com programas e escalas distintos. Os edifícios abordados são a Casa Experimental de Verão em Muuratsalo, em que o arquiteto trata a questão do pátio na escala da habitação, a Câmara Municipal de Saynatsalo circunscreve o pátio como lugar da democracia na escala do equipamento, e por último o Centro da Cidade de Seinajoki que reflete a importância da introdução deste elemento à escala urbana, configurando espaços exteriores comuns na narrativa construída. Associado ao entendimento da ligação entre o exterior e o interior e a relevância do acolhimento desse momento de transição, surge o caso experienciado da Biblioteca Municipal de Belém.

Por fim, no quarto capítulo é apresentada a estratégia, programa, conceito e proposta de projeto, que relaciona a escala do bairro até à escala de três equipamentos propostos, que procuram contrariar os fenómenos de segregação e fragmentação social. Os dispositivos arquitetónicos propostos introduzem-se na teia compositiva do bairro como uma janela de acesso ao conhecimento para a população, contribuindo para estimular a reunião e integração das pessoas da comunidade para reforçar a singularidade do bairro.



I. Expressão recorrente nas fachadas dos edifícios do bairro

Capítulo I

Barreiro (Velho)

I.1. Panorama



2. O Moinho Gigante, Barreiro

Página Seguinte:

3. Pesca do Cerco

Uma vila de pescadores e agricultores; um papel relevante nos Descobrimentos; um local de passagem entre o Norte e o Sul do país; uma morada aprazível à indústria: o lugar despoletado pelo sonho e que com ele desvaneceu.

Tal como nas povoações próximas, os primeiros passos no Barreiro foram dados por “culpa” do rio Tejo que beneficiava a atividade piscatória, a exploração marinha de sal e a construção naval. Todos estes fatores constituíram-se, desde cedo, como elementos condicionantes para a fixação do Homem neste local. Remontam os primeiros vestígios datados ao período paleolítico, naturalmente atraídos pela íntima relação do lugar com o rio, assumindo-se como principal fonte de alimento, de trabalho e de economia para a população¹.

No início da expansão portuguesa reconheceu-se a proximidade ao rio e a uma importante mancha florestal, a Mata da Machada, indicando a relevância que este território possuía para a implementação de infraestruturas para a construção naval. Na sequência do desenvolvimento no período dos Descobrimentos, práticas de foro ancestral estiveram na origem do primeiro surto industrializador, assinalando a implementação da indústria moageira e de produção de sal e a modelação da orla fluvial com início no séc. XVIII².

A implementação de vias de comunicação ferroviárias a nível nacional integrou a política fontista, tendo sido os primeiros troços da linha do caminho de ferro Sul e Sueste inaugurados no Barreiro. A ligação da capital à região alentejana transformou o que era um ponto de passagem, num ponto de atração para operários, provenientes principalmente do sul do país, determinantes na transformação da vila de pescadores na vila industrial³.

¹ CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO-
**Programa de Reabilitação Urbana
Barreiro Antigo**. Barreiro, 2007.

² *idem, ibidem*.

³ *idem, ibidem*.

A tecnologia e o crescimento urbanístico assaltam a Vila do Barreiro e assinala-se, na viragem do séc. XIX para o séc. XX, uma revolução social, económica, identitária e cultural da vila, rompendo com a génese rural deste território. A localização estratégica do local revelou ser determinante na eleição de uma área para a implementação da Companhia União Fabril, que no respetivo desenvol-



Página seguinte:

- 4. Rotunda das Máquinas, Barreiro
- 5. Companhia União Fabril, Barreiro

vimento urbano não se satisfaz com o complexo fabril, integrando como seus objetivos a inclusão e desenvolvimento de outras produções, serviços e utilidades para a população⁴. A instalação da empresa passou a estar intimamente ligada com o crescimento da vila, a fase de consolidação, momento de apogeu e a estagnação e recessão foram sentidos em todo o território.

A expansão urbana da cidade, e o facto de esta se ter desenrolado centrada numa só atividade que satisfazia a maior parte da área, afastou as diversas atividades que ali se localizavam e “após os picos de turbulência social e política que se seguiram à Revolução e na sequência da crise económica internacional que tão amplos e negativos efeitos causaram na bacia do Tejo, o Barreiro acomodou-se a uma etapa de declínio e reconversão”⁵.

⁴ ROSAS, Fernando – **História a história – A CUF do Barreiro, um século de indústria** [Registo vídeo]. Lisboa: RTP/Garden Films, 2015. [consult. 22 Jun. 2018]. Disponível na WWW: <URL: <http://ensina.rtp.pt/artigo/cuf-barreiro-seculo-industria/>>.

⁵ ALMEIDA, Ana – A Fábrica e a Família: famílias operárias no Barreiro, p.201.





6. Postal “Pescador do Barreiro”

Página seguinte:

7. Travessa Alto do Hospital

8. Rua Conselheiro António Joaquim d’Aguiar

9. Barreiro. Uma vista parcial da Vila

10. Delimitação da área correspondente ao Barreiro Velho

11. Implantação do bairro em 1816

⁶ CÂMARA MUNICIPAL BARREIRO – Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana. Barreiro, 2011

⁷ CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO- Programa de Reabilitação Urbana Barreiro Antigo. Barreiro, 2007.

⁸ *idem, ibidem.*

⁹ *idem, ibidem.*

1.2.A pesca e o ácido sulfúrico

O sentido do assentamento e desenvolvimento do território é orientado no Barreiro pelo plano de água, que constitui o limite Norte da área. Na sombra, a margem sul do rio Tejo olha Lisboa sem encadeamentos, implementando-se na carência de radiação refletida no plano de água e beneficiando da disposição para lugares frios e menos luminosos⁶.

A morfologia urbana do bairro, berço do concelho, reflete a sensível implantação humana baseada na adaptação às condições naturais do lugar. Estas características são expressas na composição de um sistema bioclimático à escala urbana. O complexo urbano é definido pela orientação nascente/poente dos principais eixos, garantindo maior proteção aos ventos dominantes, cruzados por estreitas travessas permitindo a ventilação natural do bairro; por baixas cérceas possibilitando a insolação dos pisos inferiores; e no posicionamento dos espaços públicos no interior da estrutura urbana, nunca abertos para o rio como proteção aos ventos. O assentamento do sistema assume diferentes expressões devido à orografia da área que é plana, perto do rio, e que se vai afastando, para sul, compondo um pequeno outeiro, conhecido como Alto de São Francisco. Razões estrategicamente defensivas e climáticas estiveram na génese do Barreiro Velho, que partiu do Alto do Hospital⁷.

O núcleo urbano pertencente à pegada de assentamento dos agricultores neste lugar ignora o rio e estabelece-se no ponto mais alto. É a partir do ponto mais alto que o traçado irregular tardo-medieval inicia o denominado traçado popular e espontâneo, indo de encontro à comunidade ribeirinha entre ruelas, praças e escadinhas⁸.

A beneficiada recolção de peixe e marisco do Rio Tejo resultou numa organizada comunidade piscatória impressa urbanisticamente no traçado do bairro. Implantados linearmente ao longo da Rua Conselheiro Joaquim António de Aguiar, os pescadores definem a frente da vila sobre o Tejo, mas de costas voltadas para o mesmo, protegendo-se dos ventos provenientes dessa direção. A ocupação reticulada é apontada por pequenas travessas ao longo das ruas paralelas ao rio,











Página anterior

12. Traçado urbano atual do Barreiro Velho e área envolvente



13. Apropriação na rua Marquês de Pombal

14. Domesticidade da travessa da Vitória

15. Traçado da área medieval do Barreiro Velho

destacando-se apenas duas praças ao longo desta extensa área, características do traçado pombalino⁹.

O crescimento pré-industrial contribuiu para a continuidade da área ribeirinha, definindo pequenos quarteirões e criando ruas e travessas em consonância com o bairro existente. O traçado urbano reticulado pombalino integrou e reforçou o sentido de unidade, ficando definidos assim os limites do Barreiro Velho.

O denominado aglomerado primitivo constitui uma unidade de distintas fases da evolução urbana no território do Barreiro. A expansão urbana da cidade realizou-se a partir do mesmo para sul, limitado a nascente pelo complexo industrial da extinta CUF, a norte pelo Rio Tejo, a poente a área natural de Alburrica, dando continuidade à frente ribeirinha.

Nas ruas existem várias representações do sentido íntimo e pessoal de quem as habita. A reduzida dimensão da casa exterioriza o interior da habitação para o espaço da rua, sendo ambíguo o limite da casa e extravasando o sentido da privacidade como hoje o conhecemos. Partindo da dimensão da rua e do edifício (que mantêm uma relação doméstica) relacionada com a praça e outras “formas de escalas inferiores”, constitui-se uma estrutura que “corresponde numa cidade aos bairros, às partes homogêneas identificáveis”¹⁰. A esta realidade que se determina não só tipológica e topograficamente, mas também pelas diferentes apropriações e pelo sistema de relações, entre a população e entre o território e a população, corresponde como bairro, indissociável da sua historicidade, o Barreiro Velho.

A teia construída revela relações intrincadas, que sustentam a sua existência e disposição com o indivíduo, como se de uma conversa informal se tratasse. Constituintes do tecido, os elementos morfológicos traduzem os fenómenos que estiveram na génese do bairro.

Nesta composição reúnem-se os elementos e enaltece-se o assentamento, a estruturação do edifício e do quarteirão e a comunicação dos traçados¹¹ nas distintas escalas da forma urbana. A unidade representada como Barreiro Velho vive do relacionamento entre o traçado tardo medieval com o traçado pombalino, provocando diferentes apropriações, vivências, relações e hábitos na

¹⁰ LAMAS, José – Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, p.100.

¹¹ idem, ibidem.

população residente.

O passeio vai descortinando o espaço onde se chega, por onde se vai passando. Experimenta-se algo diferente. O espaço é de quem ali passa e de quem ali vive, e há algo de harmonioso na relação de coexistência destes dois tipos de utilização do espaço. Aqui tudo está próximo. A “pequena unidade (...) com forma própria”¹² interliga os diferentes lugares estreita e inclinadamente, assumindo de quando em vez a forma de escada, gozando esta área de zonas de passagem agradavelmente frescas. A composição da rua escreve-se de distintas formas, num ajustamento sensitivo e evolutivo, personificando cenários próprios. O alargamento desta dimensão abre espaço para os residentes, para a casa na rua, para novas apropriações, para novos elementos. Os ajustamentos resultam em pontos de entrada do bairro, no prolongamento da casa, em lugares de brincadeira e estendais de roupa, no estacionamento automóvel, nos pontos de encontro, nos lugares de convívio ou de observação, em jardins, no estar e passar, na casota do cão,

Os elementos vazios têm um valor estruturante neste bairro, assumindo-se como centros de convergência de valores e dinâmicas sociais. Intimamente relacionados com o traçado da área, a praça de Santa Cruz e o Largo Rompana transmitem a essência da vida do bairro e potenciam a estreita relação do vazio, como espaço de permanência, com o cheio do edificado ¹³. Primeiro ponto de água potável no Barreiro, o largo Rompana afirmou-se como um ponto de encontro e ainda hoje dá continuidade a essa característica presente na sua génese, por ser um local de passagem e de encontros, mas foi perdendo a capacidade de fixar as pessoas torna-o num ponto de encontros fugazes. A praça de Santa Cruz, enquadrada por duas igrejas, mantém-se como lugar de passagem e convívio, de práticas comerciais ambulantes e de antigos valores institucionais. Apesar da sua localização no limite do bairro, a praça constitui o centro comercial e social deste sistema.

“Naquele tempo...quando para nós a Rua Aguiar era a Rua Augusta” ¹⁴. Partindo da praça de Santa Cruz até ao largo de Nossa Sr^a. Do Rosário, estabelece-se na orientação nascente/poente, paralelamente ao rio, a rua Joaquim António d’Aguiar que se manifesta como o eixo estruturante deste tecido marcado por percursos longos, ruas paralelas ao rio, sem fim à vista, atravessadas perpendi-



16. Praça de Santa Cruz



17. Largo Rompana

¹² idem, ibidem, p.174.

¹³ LAMAS, José – Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

¹⁴ CABRITA, Augusto - O Barreiro na Pintura de Belmiro Ferreira, p.15



18. Ruínas, Barreiro Velho.

cularmente por travessas que acalmam a rua. A afluência de pessoas continua, principalmente da população residente na rua Aguiar, ainda que a atividade comercial se resume a pontuais tascas. Entre estreitos passeios e amplas estradas, o automóvel bloqueia a extensão da casa para a rua, havendo lugar apenas para alguns pontos de convívio perto das habitações. As travessas que não permitem o atravessamento automóvel dão espaço para que a casa exista na rua, então ao longo das ruas paralelas ao rio vão havendo frescos vislumbres do rio e da vida popular. Entre os vazios das artérias e das travessas surge a praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral e a travessa do Leão, que se integram no sistema como expressão da realidade social e do associativismo. A praça conhecida pelo largo dos penicheiros, do cine teatro e do café aproxima-se da dimensão social e comercial da praça de Santa Cruz, sendo um ponto de encontro, de convívio das pessoas do passado e das pessoas do presente.

As praças e a travessa do Leão são os únicos pontos do bairro em que existe mobiliário urbano, em que o lugar que nos convida a ficar formaliza esse convite. A procura de acolhimento e convívio traduz-se na significação funcional e dinâmica social destes lugares.

O espaço privado relacionado com a morfologia urbana, reflete a associação do quarteirão com o lote e o edifício, o traçado e a rua, determinando a sua relação com o espaço público. A irregularidade e adaptação do quarteirão à envolvente reproduz-se no espaço urbano, sendo este elemento caracterizador e condensador dos elementos morfológicos circundantes: os vazios do espaço público derivam dos cheios do espaço privado, assim como a delimitação do espaço privado determina o espaço público.

Páginas seguintes

19. Travessa do Hospital

20. Calçada da misericórdia

21. Vazio urbano na rua Almirante Reis





22. Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral

¹⁵CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO- **Programa de Reabilitação Urbana Barreiro Antigo**. Barreiro: 2007.

¹⁶ idem, ibidem.

¹⁷ A CMB tem procurado concorrer a programas que cooperem e financiem projetos de regeneração e reabilitação urbana, melhoria de acessibilidade e inclusão social e emprego. De entre as candidaturas salientam-se as seguintes: PROURB 2008, Políticas de Cidade – Parceria para a Regeneração Urbana em 2009 e projetos de reabilitação urbana em 2105. Sobre este assunto ver : CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO – **Planeamento, Ambiente, Mobilidade, Gestão e Regeneração Urbana** [Em linha]. Barreiro: Ordenamento do Território e Urbanismo [Consult. 20 Set. 2018]. Disponível em WWW: <URL:<https://www.cm-barreiro.pt/pages/556>>.

1.3. Atuações modernas

A cidade é processual, compõe um sistema que se desenvolve em diferentes velocidades, em múltiplas direções e variados contextos. A instauração da *fábrica* no Barreiro revolucionou a vila piscatória conduzindo-a ao estado positivo da ordem e do progresso, ao grandioso desenvolvimento industrial, ao seu apogeu e mais tarde declínio. Atualmente, o bairro é caracterizado pela Câmara Municipal do Barreiro, no Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana, como uma “área habitacional envelhecida e em declínio, com graves deficiências ao nível das condições de habitabilidade, degradação física e segregação social”¹⁵. Este espaço degradado tem um efeito muito forte na população residente e no despovoamento, que se revê no espaço físico do bairro¹⁶.

A CMB tem vindo a desenvolver estratégias, planos de ação e concorrendo a programas e concursos associados à regeneração urbana, as quais refletem opções estratégicas ao nível do edificado, do espaço público e ao nível social, económico e cultural¹⁷. De entre as candidaturas realizadas apenas a apresentada ao programa RECRUA e ao PRAUD foram aprovadas, tendo este último programa possibilitado a reabilitação urbana da praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral (1998) e a instalação do Gabinete Técnico Local (1996 -2000). Implantado no centro do bairro, o G.T.L. constituía uma equipa pluridisciplinar que desenvolveu trabalho no âmbito da reabilitação de espaços comuns e recuperação de edifícios, acompanhando os processos *in situ* e dinamizando a população para a participação na realização de obras e na obtenção de apoios financeiros para a execução das mesmas. Dos projetos propostos pelo gabinete, apenas dois chegaram à fase de concretização: praça St.^a Cruz e largo Rompana. No início da década, através do programa PROURB, a autarquia procurou desencadear uma reviravolta na gradual degradação física, ambiental, social e económica da zona. No entanto a programação incidia somente na recuperação física do bairro, ficando aquém das suas necessidades sociais e económicas. Muitas das ações propostas estão ainda por realizar.

Os últimos anos têm sido marcados pelo combate à desertificação através do

desenvolvimento de vários tipos de mecanismos de incentivo por parte das forças políticas, que visam incentivar os proprietários ao nível dos benefícios fiscais e ao nível municipal. Os incentivos consistem na não cobrança de taxas camarárias e a redução/ não cobrança de impostos sobre o imóvel, desburocratização do licenciamento de obras, e a criação de “bolsas de projetistas e construtores” procurando um menor custo nas intervenções. Paralelamente, a fase de declínio no bairro vai consomando o estado de degradação em demolições, muitas vezes realizadas pela câmara devido ao risco que os edifícios apresentam para a segurança pública ¹⁸.

Recentemente, é possível verificar uma mudança na posição da CMB, que intensificou a ‘venda’ do território barreirense à iniciativa privada, procurando atrair estrangeiro para investir nas diversas áreas por qualificar. Este cenário começa a ganhar vida no Barreiro Velho, havendo diversas propriedades compradas por estrangeiros.

Este cenário reflete uma nova política de gestão do território circunscrita no liberalismo económico, encontrando no mundo moderno fundamento para o desencadeamento deste processo. O modelo económico liberal governa as políticas de espaço público comum e, como tal, começa a sugerir a introdução na

¹⁸ NASCIMENTO, Luís – **Dos dias gloriosos do Barreiro Velho ao abandono das casas e à tristeza dos que ficaram** [Em linha]. Lisboa: Público, atual. 31 Ago. 2014 [Consult. 3 Jan. 2018]. Disponível na WWW: <URL: <https://www.publico.pt/2014/08/31/local/noticia/dos-dias-gloriosos-do-barreiro-velho-ao-abandono-das-casas-e-a-tristeza-dos-que-ficaram-1668111>>.

23. Promoção de apartamentos de luxo na frente ribeirinha do Barreiro Velho



¹⁹ MOURA, Dulce, [et al] – A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. **Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para a formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN.** Lisboa, 2005.

²⁰ LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean – A Estetização do Mundo. Viver na Era do Capitalismo Artista, p.6

Páginas seguintes:

24. Arte urbana I

25. Arte urbana II

26. Arte urbana III

27. Horta urbana

sociedade contemporânea e dos seus hábitos, o abandono da dinâmica coletiva a que o espaço público convida, e a sua substituição por uma lógica altamente privada e pela procura de satisfazer as necessidades egocêntricas individuais¹⁹. Porém a esfera pública do bairro é fortemente marcada pelo sentido e configuração do espaço público enquanto expressão pública da vida dos residentes.

A economia liberal afasta-se do sensível e da teia social existente neste lugar, pondo em causa não só a estrutura social e económica, mas também as “formas harmoniosas de vida, o desvanecimento do encanto e da graça da vida em sociedade”²⁰ desenrolados nos centros históricos. A realidade do pretérito prefeito e dos espaços comuns, e o risco de desaparecimento da mesma, manifesta-se como polo atrativo para artistas e associações que assumem nestes momentos o papel de intermediários culturais. A sensibilidade do lugar e o grau de delicadeza que uma transformação no mesmo necessitaria, cativa e requer a multiplicação de atividades de criação e produção artística que não só enriquecem o bairro e as pessoas do bairro, como desempenham a função de articulação do bairro com outros mundos sociais e culturais. Neste contexto a cultura e a arte fundam relações coletivas de mudança, fundamentais no fortalecimento da estrutura comunitária, assumindo-se como vínculo entre os fragmentos, através das inúmeras manifestações que adquirem expressão na esfera pública de toda a cidade.

As atuações da comunidade artística e associativa procuram despertar a população, fomentando o desenvolvimento das suas potencialidades como o poder comum, o direito coletivo, a variedade de perspetivas, o conhecimento como poder, a pluralidade necessária à diversidade urbana. Estas ações podem ser caracterizadas como permanentes como a horta urbana, a arte urbana presente um pouco por todo o bairro reavivando as habitações devolutas e o apoio escolar e social de uma associação de produção artística aos mais jovens; e temporárias como concertos, exposições, encontros, participação na pintura de murais e mobiliário urbano. Neste processo educativo existe uma forte intenção de relacionar as partes, com o objetivo de estimular uma educação espontânea e de reconhecer o *outro* na presença em comum, com o fim de reforçar a estrutura comunitária e o conseqüente processo de revitalização.









28. Ilustração portuguesa, 1911

Página seguinte:

29. Biblioteca de Propaganda Social N°6 - 1919

²⁰ ROSAS, Fernando – **História a história – A CUF do Barreiro, um século de indústria** [em linha]. Lisboa: RTP/Garden Films, 2015. [consult. 22 Jun. 2018]. Disponível na WWW: <URL: <http://ensina.rtp.pt/artigo/cuf-barreiro-seculo-industria/>>.

²¹ O período que antecedeu a Grande Greve de 1943 marcava, a nível mundial, a impulsão dos Aliados na Grande Guerra. As notícias da recuperação estimulavam e perspetivavam tempos melhores, encorajando a luta pelos direitos da população no Barreiro.

²² ROSAS, Fernando, *op. cit.*

²³ FARIA, Miguel F. ; MENDES, José A. - **Actas do colóquio internacional Industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro**. Lisboa: EDIUAL – Universidade Autónoma Editora, S.A., 2008. ISBN 978-989-8191-18-2.

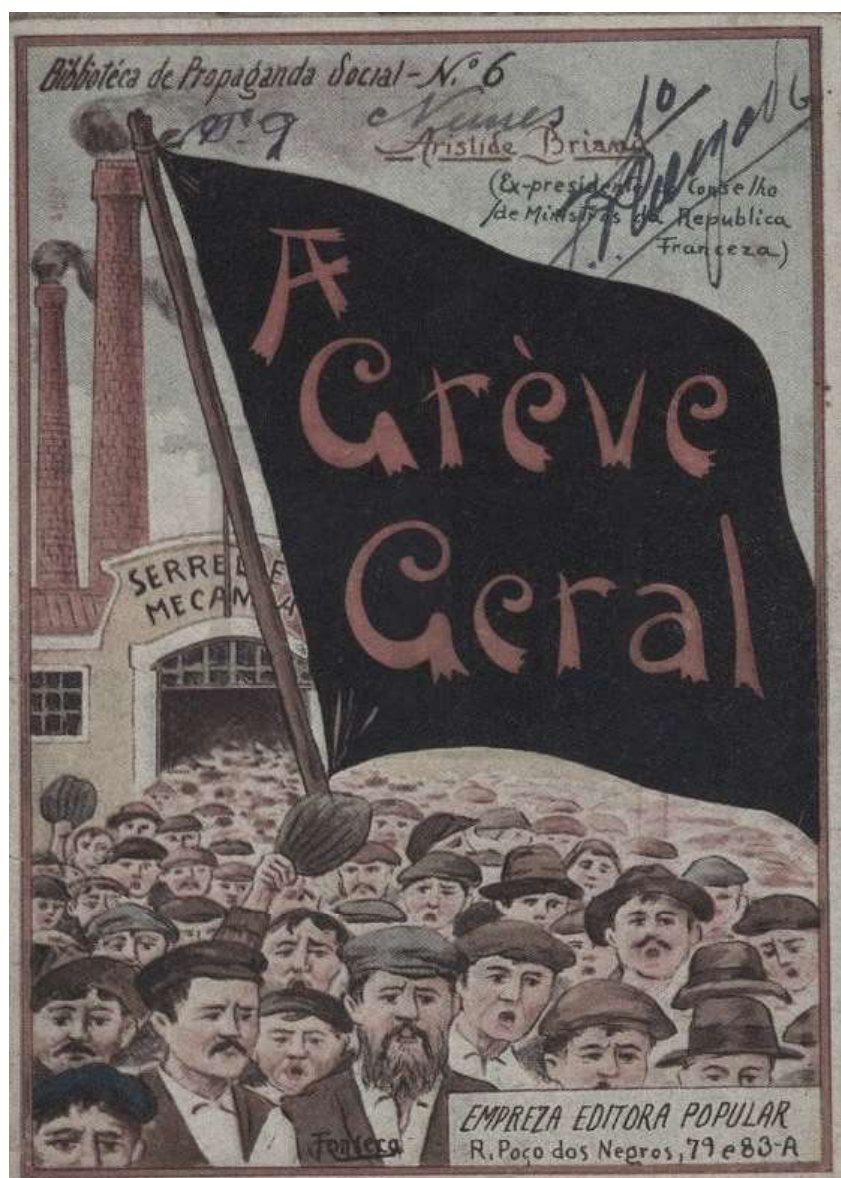
I.4. O Presente e as Memórias Associativas

O Barreiro Velho retrata um modo de vida diferente da atmosfera citadina por que nos regulamos, com tempos e comportamentos diferentes.

Terra de migrações, recebeu gentes oriundas do Alentejo e da serra algarvia que se fixaram no Barreiro devido ao desenvolvimento da indústria corticeira, da agricultura e da pesca. No final da primeira década do séc. XX, um novo ciclo migratório atraiu habitantes de todos os pontos do país para aqui serem trabalhadores do gigante industrial que marcou este território indefinidamente. Grande parte do operariado tinha como objetivo de vida ter um emprego fixo na CUF, até porque se respeitasse a disciplinada ordem social imposta teria bastantes benefícios. No entanto, o rompimento do consenso da ordem imposta e a reivindicação dos seus direitos e interesses, principalmente devido a questões de higiene e salubridade no quotidiano, afetado pela presença da indústria, alastraram-se aos trabalhadores das fábricas da vila ²⁰. O sentido de comunidade e direito coletivo foi reforçado. A luta conjunta de várias associações, coletividades e sindicatos definiu o movimento associativo que relacionou cada indivíduo com a comunidade, relação essa atualmente mais fraca, mas ainda definidora da imagem deste lugar.

A luta reivindicativa começou praticamente desde o início dos trabalhos na CUF. Os vários surtos grevistas tinham respostas violentas por parte da empresa, como corte de salários, o despedimento de quem participava e a prisão dos ativistas. As situações desesperadas em que se vivia, os despedimentos e o aumento do custo de vida, associados às notícias esperançosas do fim da guerra²¹, despoletaram o movimento organizado pelo partido comunista. Em julho de 1943 deflagrou a greve “historicamente mais importante do Barreiro”²² do ciclo da confrontação social, a última greve até à queda do regime. Em 1974, os trabalhadores continuaram a luta contra a repressão brutal da CUF e pela conquista de direitos económicos e políticos. A Revolução ditou a nacionalização e, a consequente, desarticulação da empresa²³.

Relembra-se o fim da CUF e, com isso, a perda de postos de trabalho, de ativi-





30. Fim de dia de trabalho na CUF

31. Ruínas no Barreiro Velho

dade económica e de população. Com o encerramento no final da década de 80, podemos verificar a variação da população entre 1981 e 2001, através da análise dos dados estatísticos dos censos de 2001, 1991, 1981, sendo que nos primeiros dez anos houve uma variação negativa de cerca de -29,8% e de -25,7% nos últimos dez, significando estes valores que, em duas décadas, a variação da população foi de -47,8%.

A degradação da estrutura física do bairro revelada pelo decréscimo da população, agravou-se nos anos 2000 precisamente pela acentuada variação demográfica registada nesta área,

Tabela 1 Variação entre 2001 e 2011 (%)

Variação	Grupos etários			
	0-14	15-24	25-64	65 ou mais
-15,57	-18,26	-37,81	-14,72	-3,66

Fonte: INE, Recenseamento da População 2011

Em consequência desta perda de residentes, principalmente dos grupos etários mais jovens, e da taxa de 43,48% de população economicamente ativa, a falta de manutenção e o abandono das habitações evidenciam-se associados a uma população envelhecida sem capacidade financeira e emocional para reavivar o seu bairro.

A referência a espaços degradados reflete o envelhecimento das estruturas físicas e ainda a sua repercussão nos grupos sociais. O envelhecimento da população e a pouca atratividade para as gerações seguintes conduziram à desertificação e à consequente degradação do edificado, agora ocupado por diferentes

culturas e distintos grupos etários.

“Havia drogaria, sapateira, padaria”²⁴, havia tudo, principalmente na rua Aguiar, a rua mais concorrida da cidade. Até a farmácia encerrou portas, naquilo que é atualmente um bairro de artérias degradadas, emparedadas, demolidas. Os proprietários encerram os edifícios, para manter os ocupantes ilegais longe. Tal não é suficiente. *A malta* já não se junta. *As famílias* sim. A vida ativa mudou-se para outra zona e ficou o vazio a retratar o passado. Amarrado ao passado, o presente é apropriado por quem vê no bairro uma oportunidade.

O espaço público e de convívio é um elemento caracterizador e fundamental no desenvolvimento urbano, a falta de dinâmica do mesmo repercute-se em todo o ciclo do bairro e, por conseguinte, da cidade. As ações concretizadas na esfera pública, produzidas em diferentes intensidades e representações, são principalmente caracterizadas pela acentuada disparidade existente entre as diversas comunidades e grupos que compõem o território, assumindo-se como uma relação socialmente fragmentada. A fraca inclusão da população envelhecida e da comunidade cigana na organização social e nas distribuições lógicas de poder, colocam estas frações da sociedade em situações de desvantagem social, tendo uma repercussão excessiva no dia a dia do bairro segregado sem sentido de direito coletivo.

O assentamento dos ciganos sedentários em Portugal está culturalmente associado a bairros de habitação social, geralmente pertencentes ao Estado que faz a gestão destes conjuntos habitacionais. O tempo de permanência nesses territórios depende da adaptação e integração nessas áreas e das zonas e condições habitacionais²⁵.

O agravamento do estado do edificado e o conseqüente abandono atraiu aqui a etnia cigana que começou a ocupar as habitações devolutas, constituindo hoje uma comunidade nesta área. A preservação dos seus hábitos, ricos em manifestações no espaço público aliado ao aumento do tempo de permanência no bairro levou à apropriação, por parte da comunidade cigana de grande parte do território em que atuam. O reconhecimento de determinados espaços como seus, provocou inimizades e confrontos com a restante população. A definição de uma identidade espacial resulta da expressão da identidade étnica que im-

²⁴ NASCIMENTO, Luís – **Dos dias gloriosos do Barreiro Velho ao abandono das casas e à tristeza dos que ficaram** [Em linha]. Lisboa: Público, atual. 31 Ago. 2014 [Consult. 3 Jan. 2018]. Disponível na WWW: <URL: <https://www.publico.pt/2014/08/31/local/noticia/dos-dias-gloriosos-do-barreiro-velho-ao-abandono-das-casas-e-a-tristeza-dos-que-ficaram-1668111>>.

²⁵ MENDES, M. e MAGAMO, O. – **Ciganos Portugueses. Olhares Plurais e Novos Desafios Numa Sociedade de Transição**. Lisboa: Mundos Sociais, 2013.



32. Rua Aguiar, 1928

33. Rua Aguiar atualmente

Página seguinte:

34. Comparação do estado do edificado de 2007 e 2017, respetivamente

35. Comparação da estrutura funcional de 2007 e 2017, respetivamente



- Vazio Urbano
- Edifício devoluto
- Mau
- Rezoável
- Bom





- Habitação
- Garagem
- Comércio 1ª necessidade
- Comércio diverso
- Restauração e similares
- Serviços diversos
- Armazéns
- Desporto e lazer
- Equipamento de solid./seg. social
- Educação
- Seg. Pública
- Religioso
- Administ. pública
- Imóvel devoluto



²⁶ CASTRO, Alexandra – Ciganos e Habitat :entre a itinerância e a fixação. **Sociologia – Problemas e práticas**. Lisboa: ISCTE, 1995

plica a sensação de pertença à comunidade, estreitando as ligações sociais com a família e o grupo, cujos aspetos dinâmicos e situacionais se manifestam no espaço de encontro, o espaço público ²⁶. A ocupação motivou o sentimento de insegurança e desconforto nos residentes, perdendo espaço na sua representação pública e cedendo a população envelhecida ao refúgio do espaço privado.

○ sentimento de pertença por parte da população envelhecida foi perdendo lugar no espaço público, devido ao sentimento de insegurança que a população mais antiga sente. Aquilo que era manifestação física e pública, extinguiu-se: a sala de estar exterior reduziu-se a vislumbres pela janela.



36. Habitação unifamiliar recentemente construída no bairro

Capítulo 2

Reflexão dos interstícios partilháveis

¹ BAUMAN, Zygmunt – Confiança e Medo na Cidade, p. 76

² idem, ibidem p.80

³ idem, ibidem p.82

2.1. Imunidade ou comunidade

Encontramos no condomínio privado o conforto da propriedade, da segurança e do controlo. Z. Bauman refere esta percepção da realidade controlada como um fenómeno de segregação voluntária, que procura a exclusividade e a semelhança. “mantendo os estranhos à distância”¹. Paradoxal seria lembrar a cidade como “desejo de mistura de diferenças”, por abrir “caminho a aventuras de toda a espécie”², característica que sempre fez parte da constituição da cidade através dos tempos.

Circundarmo-nos da reflexão mimética da nossa própria existência, ou seja, dos que nos são semelhantes, em pontos de encontro que são restritos e seguros, tem como consequência a neutralização da esfera pública. A redução do domínio público tem manifestação física na transformação do espaço comum num “vazio supérfluo e estéril”, limitado a zonas de “conflitos entre automobilistas e peões: entre ricos e pobres, sejam estes últimos os que pedem esmola ou os que vendem isto ou aquilo nos semáforos”³.

As ações concretizadas na esfera pública do Barreiro Velho, produzidas em diferentes intensidades e representações, são principalmente caracterizadas pela acentuada disparidade existente entre as diversas comunidades que compõem o território, assumindo-se como uma relação socialmente fragmentada. Assiste-se ao fenómeno de separação voluntária, segundo Bauman, que corresponde ao reduzido número de famílias com maior capacidade económica, que têm as suas habitações no bairro, que estão circunscritas em meios de sociabilidade contemporâneos, traduzindo a sua quase anulação no contexto público do bairro, por não se identificarem com a dinâmica do mesmo. Este fenómeno agravou o processo de degradação do estado social do território, que tem lidado com a fraca inclusão da população envelhecida e da comunidade cigana, na organização social e nas distribuições lógicas de poder, colocando estas frações de classe em situações de desvantagem social, num bairro segregado sem sentido de direito coletivo.



37. Atuação na espera do semáforo

A manifesta divisão social e indisponibilidade de reclamar o direito da comuni-

dade como um todo resultam em grande parte do comportamento derivado da dissociação por oposições étnicas e geracionais. Uma etnia pressupõe o entendimento de um segmento da sociedade como diferente da sociedade como um todo, diferindo na língua, religião, cultura e origem, e o reconhecimento da origem e cultura comuns entre os membros do grupo⁴. Grupos étnicos surgem correntemente associados a condições sociais desprivilegiadas, ganhando particular relevância as desigualdades sociais, identidades culturais e formas de ação coletiva por que se caracterizam.

Esta diferença tem conduzido à fragmentação social do bairro, sendo através das manifestas palavras de Arendt, em *A Condição Humana*, que se recupera a percepção positiva da diferença e da potencialidade da heterogeneidade na constituição do ser *público* no lugar *público*. Num primeiro momento apresenta-se a posição da autora que declara a ação política como “característica essencial do Homem na condição humana”⁶, característica que permite a integração na esfera pública. A ação, enquanto expressão individual de palavras e atos, distingue e revela a singularidade de cada um e abre caminho a “novos processos ilimitados e potencialmente externos”⁷. Considerando que a manifestação das relações entre seres humanos assume a forma da ação e do discurso, sendo através destes que os homens “revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares”⁸ no mundo comum, entende-se que a ação necessita da desvinculação do Homem do espaço doméstico integrando a esfera pública. A manifestação da singularidade transfigura a definição positiva ou negativa da diferença assim como o *público* e o lugar em que se é *público*, porque a liberdade do espaço estimula a vivência comum.

A definição do espaço público, como expoente máximo da expressão pública da vida coletiva, é complementada pela visão de Arendt acerca da *vida pública* que tem em conta as relações de poder “ser visto e ouvido por outros”, pois “todos veem e ouvem de ângulos diferentes”⁹. A revelação da singularidade resulta, assim, da publicidade de experiências individuais e privadas, o que constituirá a realidade das mesmas, pois o reconhecimento dos *outros* é o que “garante a realidade do mundo e de nós mesmos”¹⁰. Portanto, público significa aparência, ser visto e ouvido, sendo que a esfera privada é pré-condição para a existência da esfera pública.

⁴ MENDES, Manuela – Etnicidade cigana, exclusão social e racismo. **Sociologia:** Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ISSN 0872-3419. (1998) 207-246.

⁵ BAUMAN, Zygmunt – *Confiança e Medo na Cidade*. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

⁶ CAPOTE, Charles - A Condição Humana/Hannah Arendt 01 - Resumo [Registo vídeo]. Charles Capote, 2016. [consult. 10 Out. 2018]. Disponível na WWW: <URL:https://www.youtube.com/watch?v=3DVCqajXiHA>.

⁷ idem, ibidem

⁸ ARENDT, Hannah – *A Condição Humana*, p. 192.



38. Criança residente no Barreiro Velho

¹¹ Os Penicheiros escrevem a história do movimento associativo no Barreiro, sendo por seu intermédio que se mantém a atividade da Sociedade Filarmónica Barreirense. Atualmente a coletividade apresenta-se como Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (SIRB), apostando na promoção da cultura, recreio e desportos, considerando que são essenciais ao Homem para a sua *luta* em conseguir uma sociedade melhor. A fachada principal do edifício da sede da SIRB abre para o largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

39. Edifício da Associação Os Penicheiros
40. Sobrevalorização da admiração pública



Ser *público* tem como premissa a *aparição* pública. A alteração da motivação para a *aparição* pública é motivo de crítica à sociedade contemporânea, na qual se inscreve a fração com maior capacidade económica residente no Barreiro Velho. Desde a era moderna que o Homem tende a sobrevalorizar a *admiração* pública, tornando a *aparição* num objeto a ser consumido, o denominado *status social*. Arendt diagnostica a modernidade e entende que esta compromete a ação e o discurso, recusando-se a aceitar que a liberdade, a razão de ser da política, possa ser substituída pelo alívio proporcionado pela segurança.

Derivada da estéril presença *pública* contemporânea, a interpretação do ser *público* no bairro histórico do Barreiro realiza-se segundo a análise da expressão pública da população idosa e da comunidade cigana.

Os habitantes mais antigos marcam compasso com o bairro. O poder associativo e comum era intensamente vivido pela população nos tempos áureos, poder esse que se tem vindo a perder aos olhos dos residentes, em paralelo com a degradação do edificado. A relação que mantém com o lugar, devido aos tempos passados ali vividos, associado à perda de expressão pública, constitui uma das razões que levou à fragilidade do sentido de comunidade. As ações da população envelhecida no espaço público são determinadas pela contínua perda de expressão pública e, por conseguinte, de poder comum. A redução da esfera pública deste grupo é motivada pelo sentimento de insegurança, conduzindo à sua circunscrição ao perímetro doméstico. Estes residentes representam a antiga esfera pública do bairro, potenciadora da vida coletiva, e de pertença a uma comunidade política, que lhes atribuíra direitos e lhes permitia o reconhecimento público enquanto cidadãos. O presente desta população é conformado por idas ao mercado, passeios no jardim, troca de algumas palavras e pela perceção das mudanças. Alguns homens ainda se reúnem n'Os Penicheiros¹¹ e no largo que o defronta. A falta de esperança, o medo, a degradação do edificado e o modo de vida dos novos habitantes acentuam o declínio que se tem vindo a viver desde o fim da CUF. A memória do antigo quotidiano da vida de bairro na população envelhecida provoca-os e estimula-os a não se deixarem perder neste enfraquecimento e cederem à comodidade da esfera privada procurando manter, ainda que poucos, alguns hábitos.

O grupo étnico cigano pode ser caracterizado por três dimensões: social –

inserção e desigualdade social; cultural – tradições, práticas e estilos de vida; política – organização e autoridade intragrupo, associativismo e participação política¹². O lugar que os envolve, que habitam, é sem dúvida essencial para a realização da inserção da comunidade num certo contexto. A constituição da comunidade cigana estabelece-se com base nas relações humanas, nas quais a identidade étnico-cultural e o modo de vida assentam na filiação étnica¹³. Na realização da inserção do grupo, a relação e identidade comum revê-se no lugar que apropriam e habitam. A comunidade, fortemente marcada pelos valores comuns, costumes e tradições, intensifica a sua representação no bairro através de uma forte apropriação do espaço público acompanhada com a extensão da vida privada para a esfera pública. Obviamente, a ocupação de habitações devolutas não propicia a experiência mais agradável do espaço privado. Sendo caso que a casa o empurra para a rua, os ciganos marcam a esfera pública pela sua dimensão social interna e face ao exterior. A roupa estende-se na rua, a televisão ouve-se da rua, a música ouve-se na rua, os bancos e brinquedos estão na rua, as conversas e encontros são na rua. A ocupação não só do passeio, mas da rua, caracteriza a presença e ação social intensa no bairro do grupo. Contudo, a participação da comunidade no espaço público não significa que a comunidade cigana integre a esfera pública do bairro. Este fenómeno decorre do forte sentido coletivo do grupo, que conduz à acomodação dos indivíduos a relacionarem-se com os seus semelhantes. A restrição (voluntária e involuntária) da teia de relações ao seio da comunidade compromete a ação e o discurso, que necessitam da diferença, não sendo confrontados com outras perspetivas e que os tornaria seres *públicos* do bairro. Deste modo, a homogeneidade social subordina a expressão individual dos membros da comunidade.

A heterogeneidade social não tem representação pública no bairro, que esmorece na degeneração da esfera pública, sendo, por esse motivo, enfatizada a importância da ação, pois esta “não apenas mantém a mais íntima relação com o lado público do mundo, comum a todos nós, mas é a única que o constitui”¹⁴. A ação é a condição humana da pluralidade, uma vez que a “pluralidade é a paradoxal pluralidade de seres singulares”¹⁵. A ação e o discurso resultam da organização da comunidade e é entre as pessoas que se cria o espaço que as interliga, em que “eu apareço aos outros, e os outros a mim”¹⁶. No contexto específico do Barreiro Velho presenciavam-se diferentes representações no espaço público, no

¹² MENDES, Manuela – Etnicidade cigana, exclusão social e racismo. **Sociologia:** Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ISSN 0872-3419. (1998) 207-246.

¹³ idem, ibidem.

¹⁴ ARENDTH, Hannah – A Condição Humana, p. 210.

¹⁵ idem, ibidem, p. 189.

¹⁶ idem, ibidem, p. 211.



41. Apropriação da rua

42. Relação de garagem com a rua

Páginas seguintes:

43. Apropriação de fachada

entanto não são constituintes de um sistema de interligações, mas de diferentes fragmentos entre os quais há um reduzido contacto, por vezes gerador de conflito. Para que a aparição reflita a ação de um indivíduo e a consequente integração pública, este tem de pertencer a uma comunidade organizada que represente a estrutura construída, possibilitando que os homens ajam associadamente, sem que as suas vozes se confundam e dissipem, e sejam reconhecidos publicamente como cidadãos.

A esterilização da esfera pública do Barreiro Velho encontra-se num contínuo processo negativo, para o qual se procura uma justa inversão. Enquanto expressão física do mundo público e a falta de poder coletivo, o vazio caracteriza o bairro enfraquecido. O espaço público e de convívio é um elemento caracterizador e fundamental no desenvolvimento urbano, através do qual se pretende promover o encontro entre os residentes, e entre os residentes e população exterior ao bairro, estimulando uma dinâmica que, idealmente, se repercutiria em todo o ciclo do bairro e, por conseguinte da cidade.

A heterogeneidade do traçado foi em tempos representação da diversidade de apropriações criando um sentido de comunidade e direito comum. A distinção entre traçados dentro do bairro tem representação nas diferentes atividades, todavia a dinâmica atmosférica do bairro integra essas vivências na sua narrativa. Contrariamente, a relação entre o bairro e a área dissonante que o contorna determina uma dissonância física, social e atmosférica com o percebido no bairro. Esta dissemelhança na narrativa que une as diferentes áreas é momento fulcral para a estimulação do encontro não só com residentes, mas com população exterior. Neste sentido, propomos neste projeto a permeabilidade dos limites do bairro, através da introdução de polos atrativos às diferentes frações do território, procurando reforçar a unidade e circunscrevê-la numa narrativa aberta a novos encontros.



¹⁷ SERDOURA, Francisco – As Dimensões do Espaço Urbano Público. **ARTI-TEXTOS**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. ISBN 978-972-9346-03-3 (2007) 149-156

¹⁸ *idem, ibidem*.

¹⁹ BORJA, Jordi; MUXI, Zaida – El espacio público: ciudad y ciudadanía. , p.83.

Tradução nossa. No original: “tiende a reducir el riesgo del encuentro con el outro, el riesgo de la diferencia y la heterogeneidade”

²⁰ *idem, ibidem*.



44. Esporádico mercado no largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Página seguinte:

45. Idealizações, em *render*, de uma Alfama

46. Moradores de Alfama, Mouraria e Castelo reivindicam os bairros

2.2. O espaço público e a impulsão do bairro

A composição e dinâmica urbana estruturada pela possibilidade de apropriação diferenciada dos espaços vazios, desafia com a deslocação de muitas atividades que tinham lugar na rua e que agora se realizam no interior do edifício, - espaços privados de usufruto público, a exemplo dos centros comerciais - por conjunto de indivíduos, que tende a restringir-se aos espaços domésticos e familiares. O espaço público construído e não construído é um lugar de encontro entre pessoas e atividades que estas desenvolvem, refletindo o “processo de adaptação da cultura ao ambiente”¹⁷. A redução da participação política na esfera pública e o afastamento e exclusão do espaço público das redes de sociabilidade enunciam o declínio do espaço público e, por sua vez, do *homem público*¹⁸.

A noção de decadência do *público* concilia-se com o pensamento de Borja que indica o agravamento da tendência de pensar a cidade como produto, que “tende a reduzir o risco de encontro com o outro, o risco da diferença e da heterogeneidade”¹⁹, Cria-se assim, discretamente, limites para que a cidade contemporânea assuma e disfrute de agradáveis espaços públicos sem medo, ao mesmo tempo que se criam guetos de populações marginalizadas. Os ideais do urbanismo de produtos, da subordinação ao mercado, da força económica e da fragilidade política da iniciativa pública permitem a liberalização das leis da concorrência e a submissão dos espaços ao valor económico²⁰. A transformação do espaço público como mercadoria reforça a disparidade social e o empobrecimento do domínio público.

A privatização atual do espaço público compreende a privatização e o embelezamento do edificado, que se tem vindo a verificar pontualmente no Barreiro Velho. O receio antecipa-se à confirmação da transfiguração do bairro já justificado por casos práticos: novos residentes em que o usufruto do local se limita à habitação (reabilitada ou nova construção); pela promoção do território pela CMB a investidores estrangeiros; e, por fim, pela compra e metamorfose de imóveis devolutos e terrenos baldios, pelos investidores atraídos, na construção de habitações de luxo. O sentido em que está a ser conduzido o bairro desen-

cadeia a conceção de uma perspetiva inquieta, em referência à fragilidade da esfera pública.

Como fortalecimento da vida pública e política, o espaço público é o lugar físico, simbólico e político de interseções, conexões e disjunções, em que valem as interações dos indivíduos, a apropriação dos espaços e as coletividades sociais e culturais. O espaço público pressupõe um domínio público, um uso social coletivo, ainda que muitas vezes o uso e apropriação sejam individualizados. Ideologicamente, o *lugar público* constitui o espaço cívico da população definidor da “qualidade da cidade, porque indica a qualidade de vida da gente e a qualidade da cidadania dos seus habitantes”²¹. Neste sentido a vocação da cidade do espaço público assume-se igualitária e aberta, procurando referenciar-se através de elementos “produtores de sentido, com diversidade de centralidades e com capacidade de articular peças e funções diferentes”²².

Borja defende que a rua cumpra um papel mais importante que a casa²³. Na mesma direção, J. Gehl destaca a vida da rua como um processo auto reforçante, sendo considerado positivo quando algo acontece e, na sequência desse acontecimento, “há uma clara tendência para outros se juntarem”, motivados pelo desejo de participação ou para “experimentarem o que os outros estão a fazer”²⁴. Por outro lado, quando nada acontece assiste-se à redução da vida entre edifícios. Gehl estabelece a permanência no exterior como condição para o melhoramento da vida entre os edifícios.

A insegurança invade as perspetivas contemporâneas acerca de espaços não controlados, gerando políticas que vão condicionando cada vez mais a expressão pública no espaço público. O sentido e as possibilidades são distorcidos em mediáticos problemas sociais e económicos sobre os riscos dos espaços públicos, resultando na prática de um certo *higienismo social*, solução rápida encontrada por técnicos para sanear a cidade²⁵. A resposta consiste na privatização dos espaços públicos, de modo a criar zonas protegidas para uns e excluídas para outros, propondo um aumento de espaços muito regulados. Na tentativa de converter o espaço público num elemento especializado de lugares segregados e monovalentes, em que há espaços direcionados para cada um, perde-se a forma e o sentido coletivo, ressaltando as diferenças, e a hierarquização das relações existentes entre os diversos componentes da cidade²⁶.

²¹ *idem, ibidem*, p.25.

Tradução nossa. No original: “El espacio público define la calidad de la ciudad, porque indica la calidad de vida de la gente y la calidad de la ciudadanía de sus habitantes”

²² *idem, ibidem*, p.85.

Tradução nossa. No original: “productores de sentido, con diversidad de centralidades y con capacidad de articular piezas y funciones diferentes”

²³ *idem, ibidem*.

²⁴ GEHL, Jan - *A Vida Entre Edifícios*, p.73

²⁵ BORJA, Jordi; MUXI, Zaida, *op. cit.*



²⁶ *idem, ibidem.*

²⁷ Gehl, Jan, op. cit.

47. Escola Conde Ferreira (ECF): Centro de Produção e Participação Artística “Da gente do Barreiro e de todo o Mundo”

No contexto específico da zona histórica do Barreiro, os habitantes do espaço público distinguem-se entre quem distende a sua casa para o espaço público (os habitantes de etnia cigana) e quem apenas o vislumbra pela janela (a população envelhecida). O quotidiano é marcado pelas dinâmicas que incluem e excluem quem habita, e acrescenta ao *lugar público* os passados, as diferentes culturas, as memórias e as conversas de quem *significa* o espaço. A nostalgia do espaço público é acompanhada pela população envelhecida a partir do espaço privado, sensação essa oposta da percepção cigana deste lugar, que age ativamente, por vezes de forma doméstica, no espaço público, e que se integra na morfologia do bairro, mas sem a historicidade e memória. Diferentes culturas geram diferentes apropriações, o que pode desenvolver conflitos. A situação agrava-se com a perda de todos os serviços e estabelecimentos comerciais que existiam na zona, tendo subsistido apenas alguns restaurantes e cafés, muitas vezes associados a associações.

Na sequência do que foi referido pelo conjunto de autores referenciados (Serdoura, Borja e Muxi, Arendt e J. Gehl) conclui-se que o Barreiro Velho se encontra num processo negativo, desencadeado pelo sentimento de insegurança e pela contínua degradação do construído: um ciclo vicioso em que as poucas atividades existentes reduzem, e são reduzidas, a permanência no exterior, e, por conseguinte, a expressão pública, gerando a redução da esfera pública. A reversão do sentido do processo auto reforçante não supõe a idealização de tempos passados, mantendo-se apenas como um sonho de consolação, mas considera o conhecimento das rotinas e o entendimento do espaço público como “símbolo de mediação” capaz de motivar a *recriação* do sentido do *lugar público*²⁷. Aliado à ideia do espaço público como “símbolo de mediação”, surgem os artistas que se identificam com a referência significativa deste território e sentem-se acolhidos pelo bairro e pela necessidade de transfiguração do mesmo. A capacidade identitária, cuja expressão funda o caráter libertador das práticas e dos espaços públicos, estabelece as produções culturais como centros de dinamização dos lugares e vida públicos.

Concluindo, o produto mais importante que se troca na cidade é a interação entre as pessoas, o diálogo cara a cara, os sussurros e os gritos²⁸. *Conviver* constitui a representação da relação intermediária entre a esfera pública e os que



nela habitam em comum, na simplicidade da convivência e do espaço que a correlaciona e fortalece, “como uma mesa se interpõe entre os que se sentam ao seu redor” exemplifica Arendth. Enquanto “mundo de coisas” que nos reúne uns com os outros, o Barreiro Velho perdeu a força como *lugar público* das pessoas e, por essa razão, “de relacioná-las umas às outras e de separá-las”²⁹.

A decadência da esfera pública repercute-se na estruturação do bairro, que tende a ter espaços públicos fragmentados num contexto em que se manifesta a pobreza, a exclusão social, o racismo e, ainda, práticas marginais. O envolvimento dos habitantes na vida pública e, por sua vez, a viabilização da potenciação da participação, compreendendo as suas *vozes, práticas e flexibilidade* dos limites sociais, constroem a condição para a existência do *homem público no lugar público*³⁰. A qualidade do espaço da esfera pública pode ser recuperada pelos movimentos sociais como lugar de manifestação e protesto. A expressão coletiva no espaço resulta dos distintos valores culturais, diferentes apropriações e visões de ordem social, construindo um “processo de construção social do espaço” que lhe atribui significado³¹.

O progresso do entendimento do *homem público* no espaço público do bairro em estudo recusa, em síntese, os princípios da privatização do domínio público e do *higienismo social*. Objetivando a promoção do encontro e da convivência de diferentes vozes e práticas no espaço comum público, admite-se a importância de estimular a permanência no exterior, potenciadora de mais atividades. Por conseguinte, o estímulo à atração da estada no espaço comum, sendo o espaço público lugar de acolhimento de práticas pensadas e espontâneas, procura unir a heterogeneidade presente no bairro e motivar o reconhecimento do mesmo como lugar de manifestação e protesto.

²⁸ BORJA, Jordi; MUXI, Zaida, op. cit.

²⁹ ARENDTH, Hannah – A Condição Humana, p. 62

³⁰ MENEZES, Marlucci - Espaço Público Urbano e Práticas Socioculturais de uso, sua apropriação e representação. Lisboa: LNEC, 2005.

³¹ MENEZES, Marlucci. Espaço Público Urbano e Práticas Socioculturais de uso, sua apropriação e representação, p.142, apud LOW, Sethe M – On the Plaza – The politics of Public Space and Culture. Austin: University of Texas, 2000.

48. ECF reúne crianças do bairro e realiza diversas atividades

49. A ECF tem a capacidade de reunir residentes do bairro com população exterior, através de eventos culturais e sociais no recinto da escola



³² OLIVEIRA, Francisco - O Intelectual, conhecimento e espaço público. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. ISSN 1413-2478 (2001) 125-132.

³³ *idem, ibidem*, p.126.

³⁴ *idem, ibidem*.

³⁵ *idem, ibidem*.

2.3. O conhecimento como espaço público

Francisco Oliveira³² apresenta e relaciona entre si a tríade composta pelo intelectual, o conhecimento e o espaço público. Para a compreensão desta relação dialética, o autor recua ao passado para identificar a evolução do conhecimento e do intelectual. Fundamenta que as ligações tradicionais do saber a mecanismos de dominação e poder da Igreja e do Estado, depois quebradas pelo homem intelectual moderno, que procurava na produção de conhecimento, conhecer, implodindo as relações de poder tradicionais, substituindo-as por um novo sistema, baseado na razão. A ruptura com os limites tradicionais convencionados pelas determinações representadas por tais instituições históricas poderia, em tese, figurar uma genuína liberdade. Contudo, novos saberes – acompanhados pela ascensão de uma burguesia industrial – acabaram por instaurar novos poderes e novas práticas de dominação. Oliveira estabelece que neste processo surgem novos universos restritos aos detentores dos novos saberes. No seguimento das “novas especializações”, o autor defende que o espaço público ganha dimensão privilegiada nas interações entre intelectuais, enquanto o público, que não detém esses “códigos de acesso”, é excluído deste espaço da *liberdade*³³.

Considera-se importante interpretar as mais recentes transformações do ato de conhecer e das repercussões dessas metamorfoses. O conhecimento veste a pele de *indústria cultural*, quando é reduzido a mercadoria que molda a *fabricação* da sociedade e controla o ingresso neste diálogo circunscrito de saberes e poderes³⁴. Da familiar protagonista da sociedade contemporânea, a informação, resultou *indústria cultural*, onde a cultura se transforma num objeto produzido em série. A mutação do conhecimento em produto mergulhou o homem numa intoxicação de informação, em que não há interação, reduzindo a esfera pública³⁵.

Considerando que o lugar do diálogo é a cidade, a inexistência do mesmo traduz-se na simples comunicação de informação, que trespassa passivamente os seus recetores, adquirindo desta forma um carácter autónomo. A emancipação da informação reduziu a existência de diálogo e, por conseguinte, a interação no espaço público. Neste sentido, a sociedade foi cedendo à “pressão e tendência à

privatização da vida”³⁶, refugiando-se em espaços conhecidos e seguros. O caráter exclusivo do espaço público, a desigualdade e o estigma público intensificam e evidenciam a incapacidade de reconhecer e conhecer o desconhecido. A *fabricação* da sociedade estigmatiza sobretudo o denominado público desconhecido, caracteristicamente excluído dos critérios comuns estabelecidos na sociedade.

Enquanto sociedade que valoriza formalmente a educação (ou a fabricação da mesma), desconsidera e estigmatiza a cultura dos não-instruídos que celebra a inocência, a pureza e bravura dos sobreviventes das várias formas de exclusão³⁷. Como resistência à depreciação da instrução informal, o conhecimento adotou novas formas de expressões públicas partilhadas, com a intenção de dar sentido à educação. No espaço público, o conhecimento compreende a partilha através das relações entre os indivíduos e das diferenças que permitem a intercomunicação. Este fenómeno possibilita o reforço do poder de iniciativa e a permanência no meio social da comunidade. No contexto específico do Barreiro Velho, a valorização do conhecimento informal no espaço público procura promover a reversão do declínio do *público* associada à capacidade de os espaços públicos acolherem e estimularem “a expressão coletiva das manifestações cívicas”³⁸.

“O ideal da sociedade urbana entendida como *civitas*” é o de uma coletividade composta por diversas realidades, reforçando o sentido heterogêneo da génese da cidade e criando e preservando os “elementos de identidade”³⁹. Por essa razão, e valorizando a instrução informal, concorda-se que “A cidade como espaço público ‘necessita’”⁴⁰ das denominadas áreas marginais, caracteristicamente heterogêneas e protetoras do público excluído, que transportam, idealmente, para o todo da cidade a expressão da diversidade, da troca e da tolerância. Especificamente, os grupos sociais que constituem o bairro em estudo, circunscrevem-se, na sua maioria, no denominado público dominado, marcado pelo estigma social. A aparente caracterização negativa é percebida pela população e, à semelhança do processo de degradação do espaço público, esta designação acentua o fenómeno de segregação social. A exclusão do público dominado desmotiva o interesse pelo conhecimento, revelando falta de confiança e esperança e evidenciando a disparidade dos grupos constituintes do bairro, assim como a indisponibilidade de se reconhecerem mutuamente, conduzindo à inexistência de uma narrativa comum. No contexto do bairro, a proposta arquitetónica não

³⁶ *idem, ibidem*, p. 129.

³⁷ NÓVOA, António – O espaço público da educação: Imagens, narrativas e dilemas. **Espaços de Educação, Tempos de Formação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (2002) 237-263. No artigo de A. Nóvoa, o autor refere Madhu Prakash e Gustavo Esteva como defensores do regresso à cultura dos não educados, pondo em causa a ideia da educação como “um bem universal” e um “direito humano” e ressaltando a pureza e coragem daqueles derivam e sobrevivem à exclusão.

³⁸ BORJA, Jordi; MUXI, Zaida – El espacio público: ciudad y ciudadanía. , p.108.

Tradução nossa. No original: “expresión colectiva, las manifestaciones cívicas, la visibilidad de los diferentes grupos sociales”.

³⁹ BORJA, Jordi; MUXI, Zaida – El espacio público: ciudad y ciudadanía. , p.106.

⁴⁰ *idem, ibidem*, p. 110

⁴¹ *idem, ibidem.*

I. Biblioteca itinerante no Parque D. Carlos I, Caldas da Rainha

inclui a renovação arquitetónica das estruturas devolutas e em mau estado, pois considera-se que esta não alcança a inclusão e a pluralidade do público excluído. Tendo em conta a boa localização do bairro, a reabilitação do edificado apenas atrairia população com maior poder económico. Esse processo poderia gerar um agravamento da situação de exclusão do público dominado, resultando na substituição da população residente.

A génese polivalente do espaço público e o favorecimento do intercâmbio, possibilitam a recomposição do conhecimento na narrativa do espaço público do bairro e desenvolvem um exercício conjunto de recuperação dos direitos e poderes do público. Assim, a introdução de um lugar propício ao desenvolvimento da hipótese de conhecer, na esfera pública, enquanto complexo mundo integrador, representa uma função comunitária expressa na possibilidade do acesso à participação e à mobilização política⁴¹.



2.4. Programa de trabalho

Reconhecida a relevância do conhecimento na constituição e empoderamento da comunidade e visando-se a potenciação de momentos de conexão e discussão, propõe-se a introdução de uma biblioteca no *lugar público*, capaz de contribuir para a preservação de todo um ambiente pré-existente carregado de memória e de vivências. Assim, revela-se o espaço público como mediador da integração do conhecimento na complexa vida pública, capaz de acolher e estimular a participação e manifestação do homem como ser político.

O entendimento do domínio público e do interesse do conhecimento na valorização do mesmo, permitiu definir como possibilidade física a introdução de uma infraestrutura que apoia e impulsiona o espaço público como mediador do processo de transformação de informação em conhecimento. Assumindo como intenção o estímulo do desenvolvimento da identidade pessoal, o encontro e

a troca no espaço comum público, e a transformação do mesmo em lugar de conscientização, manifestação e protesto, propõe-se o programa da biblioteca, que traduz o berço da informação aberto à cidade, na tentativa de direcionar para a existência do *homem público* no *lugar público*, reforçando o sentido de direito coletivo na população e a significação do bairro.

Capítulo 3

Casos de Estudio

¹ A *Cidade Branca* é um filme realizado por Alain Tanner, de 1983,

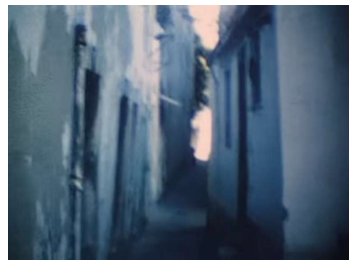
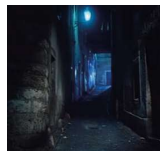
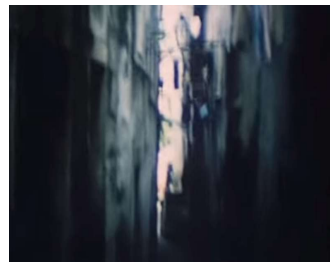
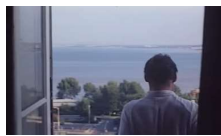
3.1. A cidade branca



Em *A Cidade Branca*¹, Alain Tanner revela a *cidade* não tanto como um lugar em particular, mas como uma série de estados de espírito. Na passagem por Lisboa de um cargueiro, Paul interrompe a vida de marinheiro e entrega-se à deambulação pela *cidade*, repartindo, a narrativa do filme com a ilustração da exploração da Lisboa nos anos 1980. Nesta década pós 25 de Abril cabe ainda a incerteza que se seguiu à revolução, caracterizando-se por uma importante alternância política no caminho para a relativa estabilidade desejada, com a instauração da democracia plena no país. Esta transição não é evidenciada na narrativa, mas parece ser condição imanente que se entrevê nos enquadramentos da cidade percorrida pelo protagonista, onde Lisboa se oferece como moldura existencial para um tempo em que tudo parece possível. Paul, na sua demanda existencial, explora a sinuosidade da cidade embalado pelo álcool, pela luz e pelo encanto da liberdade. através de filmes que realiza com a sua (agora arcaica) câmara Super8, descreve a brancura da cidade, a sombra entre a luz, as ruas e ruelas entre a cal, os azulejos e a roupa estendida que as revestem, o peixe no grelhador à porta de casa, o rio que escolta a cidade.

Sem rumo, as personagens interdependentes, Paul e Lisboa, evoluem a coberto da liberdade recém-encontrada. A década em que Paul descobre Lisboa, estranhando-a no tempo e no espaço, retrata também uma época de regeneração da própria cidade e do país. A circunscrita Lisboa destacada como antro de marginalidade, constituída pelos bairros históricos, vive a revolução do Bairro Alto como centro da revitalização.

O Bairro, o eterno boémio, constituía-se ali como refúgio simultâneo para a atividade artística emergente da capital e como abrigo seguro para o vício e para a amoralidade. Os decadentes palácios da nobreza atraíram a instalação da imprensa no Bairro Alto, o que motivava, dia e noite, o encontro e a conseqüente excitação intelectual e política. A intensa vida ligada ao jornalismo conferia um ambiente peculiar ao bairro, quando este “mergulhava numa azáfama dos diabos, gritavam os ardinás os títulos mais chamativos”² na distribuição dos jornais,



O BAIRRO



O COMEÇO DE UMA NOVA LISBOA

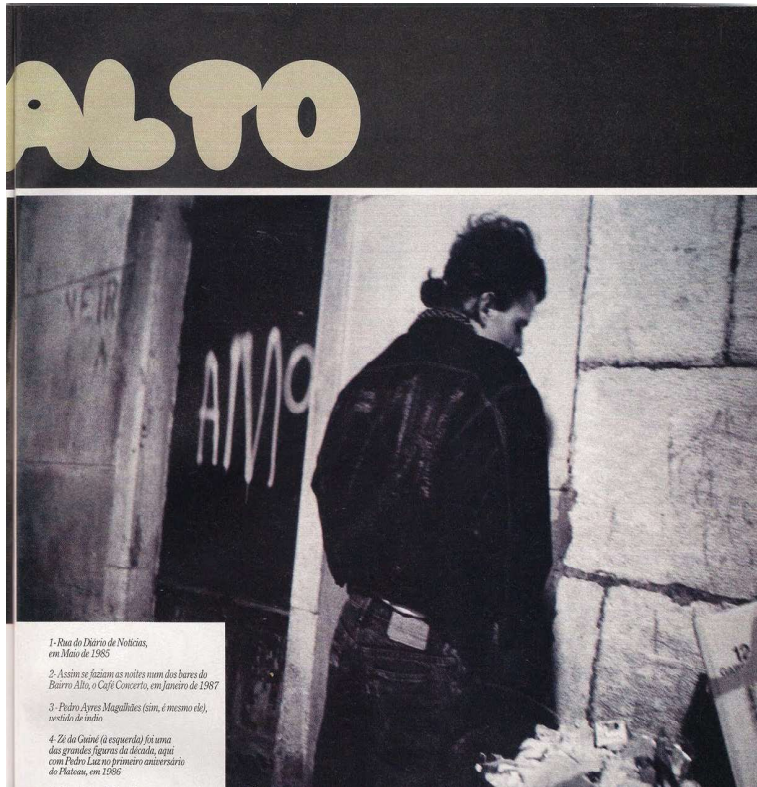
Nos anos 80 não havia telemóveis. As pessoas encontravam-se nos sítios. Havia menos gente no Bairro Alto (BA), havia menos bares, as tribos eram mais definidas. Todos se encontravam naquelas ruas por entre as prostitutas e os chulos e os marinheiros. E o Bairro era mais residencial, menos turístico. "As pessoas encontravam-se", disseram várias vezes os entrevistados para este artigo. Não era preciso combinar, as pessoas sabiam onde se encontrar. Hoje, talvez mais por sorte do que por hábito, as pessoas também se encontram no BA — é por sorte que, na Rua Luz Soriano, ao Bairro, encontramos o realizador João Botelho. Mostramos-lhe um livro com fotografias dos ícones portugueses dessa década. Nessas imagens estão alguns dos frequentadores das noites do

BA nos anos 80: Rui Reininho, Pedro Ayres Magalhães, Julião Sarmento, Anamar — um álbum de gente que definiu essa década e que esticou a corda dos costumes e da criatividade, gente que venceu na vida ou que desapareceu do mapa mediático ou que já morreu. Está lá uma fotografia de João Botelho. E ele resume todas as perguntas que lhe queríamos fazer a uma única resposta: "Os anos 80 eram [a discoteca] o Frágil." (Ver texto "Fragil e revolucionário", na página 22.)

O Bairro era um recreio, um lugar para aqueles que começavam a desfrutar plenamente da liberdade. Ali se misturavam beatniks, punks, pré-românticos, jornalistas, escritores, artistas plásticos, estilistas e as bandas de música que começavam a ter sucesso. Nos bares e nos passeios podiam encontrar-se os Xutos & Pontapés, os Peste & Sida, os Rádio Macau, os Heróis do Mar ou os Pop Dell'arte.

Paulo Gomes, produtor de moda, recorda que a noite era também um teatro, um ever um lugar de criação: "Havia o prazer da irgem, passávamos os dias a fazer roupa e se mos todas as noites. Se passávamos na r começava tudo a olhar. Eramos uns bicl raros. E se saíssem dessa zona do Bairro e Chiado não ias sozinho para não levar p rada." Paulo Gomes lembra-se do risco andar vestido como um rapazinho da primé — chapéu com as cores de Portugal, calções j tos e brancos, meias até ao joelho, camisola ponto inglês e pintalinhos de peluche cola na lapela. Também era normal ver os Heróis Mar, vestidos como nos videoclipes ou enc trar homens de saia.

Paulo Gomes diz que, apesar da obsess com a imagem, os frequentadores do Ba eram pessoas informadas, sempre a procu filmes e música e revistas estrangeiras: "A



e o dia terminava e tornava a começar neste círculo efervescente. A higiene totalitária da ditadura havia colocado o bairro num processo de declínio, ao consentir a própria degradação física e a exclusão social dos residentes. Mas a produção literária e artística ali sediada haveria de contribuir para transfigurar a decadência num processo positivo, após o 25 de Abril. A dinâmica dos anos 80 alterou o lugar assinalado pela desconfiança pública, transformando-o em ponto de encontro “fora de horas”, com base no pré-existente hábito de deambulação noturna. A *movida* do Bairro Alto fica marcada por icónicas figuras como o Zé da Guiné, António Variações, Manuel Reis, e lugares como o Pap’Açorda, o Souk, o Arroz Doce, o Frágil, entre outros³. “Num simples bar da Rua da Atalaia, número 126, os jovens esclarecidos do pós 25 de Abril fizeram a revolução simbólica de que precisavam”, o Frágil, aberto por Manuel Reis, em 1982, assume particular

Páginas anteriores:

- 51. Chegada a Lisboa do cargueiro
- 52. Primeiro momento entre o personagem e a escala da cidade
- 53. Elementos morfológicos da cidade
- 54. Atividades da cidade
- 55. A presença do rio
- 56. O fresco das sombras I
- 57. A roupa lavada
- 58. O cheiro das sardinhas
- 59. Compras entre a multidão
- 60. A penumbra
- 61. O fresco das sombras II
- 62. Frente ribeirinha
- 63. Reportagem sobre o Bairro Alto

- 64. Reportagem sobre o Bairro Alto II
- 65. Zé da Guiné

² Cit. Por PAVEL, Fabiana – Transformação Urbana de uma Área Histórica: O Bairro Alto. Reabilitação, Identidade e Gentrification, p.202.





66. O Frágil

³ PAVEL, Fabiana – Transformação Urbana de uma Área Histórica: O Bairro Alto. Reabilitação, Identidade e Gentrification. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2015. Tese de Doutoramento.

⁴ HORTA, Bruno – O Frágil abriu há 30 anos. *Time Out Lisboa* (20 Set. 2018), p.22. ISSN: 1711-7976.

⁵ Cit. Por PAVEL, Fabiana – Transformação Urbana de uma Área Histórica: O Bairro Alto. Reabilitação, Identidade e Gentrification, p.208.

⁶ PALLASMA, Juhani – *The Eyes of The Skin*, p.28.

⁷ *idem, ibidem*, p.29.

⁸ *idem, ibidem*, p.29.

⁹ *idem, ibidem*, p.36.

¹⁰ *idem, ibidem*, p.34.

destaque na metamorfose do Bairro⁴, tornando-se num marco para a geração jovem dos anos 80 e 90. “No sítio certo, à hora certa, o Frágil deu-lhes corda para ascenderem a um país novo”, diz-se do bar que transformou “a face do Bairro Alto e instituiu uma nova maneira de fruir a noite”⁵.

Retomando a encenação de Tanner, também a divagação solipsista de Paul viria a inscrever-se na vida boémia existente, como uma deambulação existencial constituída sobre o cenário vivido. A cidade que circunstancialmente abrigou e adotou o desertor do navio nada tinha de recente ou inaugural: era, ao invés, plena de vivências passadas, às quais se encaixava uma deriva adicional. Esta relação entre o sujeito e o suporte que percorre não é estimulada pela procura pessoal e existencial particular, mas parece fazer-se à conta do mero abandono do corpo na deambulação pelo bairro: um corpo afetado pela singularidade do lugar, gerando “associações suficientes para marcá-lo no nosso mundo pessoal”⁶, em que a interação dos sentidos com o espaço define o contacto “entre a pele e o mundo”⁷. Quando Juhani Pallasma crítica a hegemonia do olhar, defende que o tato é o ingrediente que serve de base e reforça os outros sentidos. Entendendo o corpo como centro das experiências com o mundo e no mundo, declarando que “a visão revela o que o tato já conhece” (as arestas, as texturas, as formas, o peso) e que nesse sentido, podemos “pensar o sentido do tato como o inconsciente da visão”⁸. Complementa a crítica afirmando que “os nossos ouvidos foram cegados”⁹, reforçando a importância da audição porque “a visão isola, enquanto que o som incorpora; a visão é direcional, o som é omnidirecional” e que a visão “implica exteriorização”, ao contrário do som que “cria uma experiência de interiorização”¹⁰.

A obra *Eyes of The Skin* contribui para a compreensão da relação entre o Homem e, neste caso específico, as estruturas morfológicas que caracterizam o conceito de *bairro*. Morfologicamente, a irregularidade aconchega-nos. O bairro envolve-nos na sua teia material, espacial e histórica, numa experiência sensorial em que os sentidos interagem e fundem-se uns com os outros, incluindo-nos como parte dele e da sua atmosfera pessoal, tal como a experiência de Paul e Lisboa. A harmonia desta relação tem como base a dimensão física e sensorial do lugar e o vínculo emocional individual.

O Barreiro Velho alude, física e sensorialmente, a esta atmosfera dos bairros

históricos lisboetas na década de 1980, que circunscrevem a margem norte do rio. Compreende-se que a revitalização da zona histórica de Lisboa foi produto da liberdade de ser em *público*, foi fruto do contacto, das conversas, da troca informal de conhecimento, das relações e discussões como geradores de um sentido de direito coletivo, capaz de reafirmar e valorizar a área como lugar vivo e estimulador de novas atividades. Este processo de apropriação coletiva oferece-se como analogia ao caso em estudo do bairro do Barreiro Velho e das respetivas dinâmicas constituintes, ao contrário da ênfase na reabilitação dos espaços privados que parece tornar-se no determinante contemporâneo de sentido único – e que poderia desencadear o efeito reverso no processo de empoderamento da comunidade e do lugar.

¹¹ Artigo escrito por Alvar Aalto, publicado em 1926.

¹² Habitação projetada por Alvar Aalto (não construído), em 1925, para o seu irmão.

¹³ A *Annunciazione* foi pintada por Fra Angelico, entre 1437 e 1446, para o Convento de São Marcos, em Florença.

¹⁴ AALTO, Alvar – *From Doorstep to the Living Room*, p.51.

¹⁵ *idem, ibidem*, p.51.

¹⁶ *idem, ibidem*, p.52.

¹⁷ *idem, ibidem*, p.52.

¹⁸ A Casa del Cirujano de Pompeia esteve coberta pelas cinzas resultantes da conhecida erupção do Vesúvio em 79. A casa foi descoberta em 1770,

3.2. A interação interior/exterior

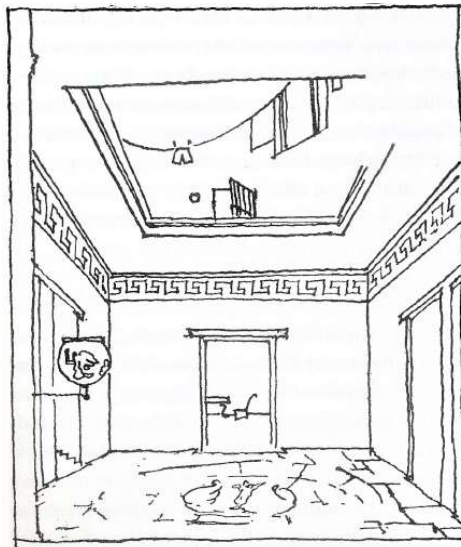
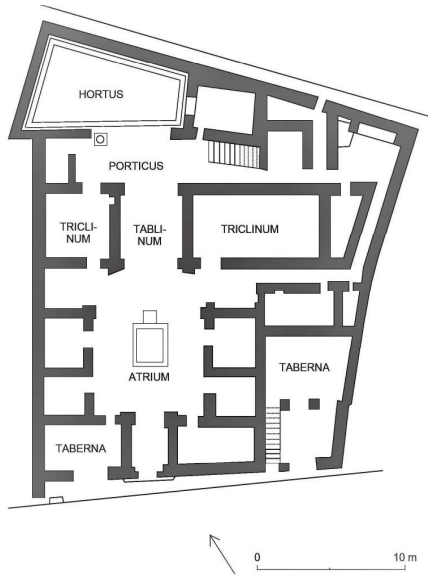
Em *From Doorstep to the Living Room*¹¹, Alvar Aalto recupera o principal tema da *Atrium House*¹², em manifesto ao momento de entrada e acolhimento do edifício, como elemento mais importante da casa.

O título do artigo alude ao ponto da casa que mais intimamente relaciona o interior com o exterior e começa por referir *A Annunciazione*¹³ de Fra Angelico, o fresco que retrata a versão de *A Annunciazione* mais emotiva do pintor. O fresco, segundo Aalto, revela um consonante encontro “entre a verdade e o requinte” que ilustra o enunciado do escrito, através da harmonia entre as figuras e as formas do edifício e do jardim. A *trindade*, como diz Aalto, representada pelo ser humano, o átrio e o jardim compõem “a inatingível imagem ideal da casa”, encontrada no sorriso da virgem e em cada detalhe do edifício e das flores do jardim, constituindo a unidade “da divisão, da parede externa e o jardim”¹⁴ compreendendo o acolhimento da figura humana e a sua expressão. Ao formalizar esta reunião, o autor destaca que o melhor local para o encontro “é onde deixamos a rua e passamos para o jardim”¹⁵ e ao defender que esta área pertence à casa, tal como qualquer outra divisão, clarifica que a forma e a função dos átrios varia e, por essa razão, não se deve voltar a falar de tipos de plantas. Enquadrado neste cenário, o corredor associa-se ao átrio e assume-se como “coordenada natural”¹⁶.

No átrio convergem a perspectiva da rua, a ideia estrutural da habitação e a intimidade do lar. Aalto recorre ao átrio da casa romana para caracterizar o “ponto de contacto entre a estrutura da casa e a intimidade formalizada no término da entrada e, simultaneamente, o espaço central de toda a casa”¹⁷, como a ideia do átrio como um espaço a céu aberto.

Evitando a generalização da casa romana, considera-se uma das mais antigas e importantes domus de Pompeia: a Casa del Cirujano¹⁸, um exemplo quase puro do modelo ideal com átrio. Apresentando o esquema clássico de um tipo de vivenda romano, balanceado ritmicamente, a porta frontal, como primeiro momento de entrada, conduz ao átrio circundado pelas várias divisões. Através





da percepção da simetria original compreendem-se cinco caracteres de espaços: a entrada é ladeada por dois quartos, em que um deles está aberto para a rua podendo servir como loja; os dormitórios que acompanham o átrio; de frente para a entrada, compondo o fundo, o *tablinum*¹⁹ e o espaço intermédio, entre os dormitórios e o *tablinum*, as *alae*²⁰. Como exemplo das domus mais antigas, o átrio estava despido de colunas e pilares, tendo como peça central um lago artificial que enuncia uma abertura no telhado, que direcionaria as águas pluviais para o depósito de água.

Aalto recupera a ideia do átrio como elemento estrutural e admite-o como a divisão mais importante da casa. Em referência à *Atrium House*, evidencia a sua obsessão com o átrio mediterrânico no desenho deste elemento, que é colocado como centro da casa e é caracterizado pelos vãos das portas e, por conseguinte, mantendo relação com as outras divisões. O arquiteto procurou definir o espaço como um cubo puro com uma abertura no teto, para que ao entrar em casa fosse claramente perceptível a sua composição e distribuição interna, deixando-o completamente desguarnecido de mobiliário, ao mesmo tempo que a mobília, presente nas divisões que o circundam, enquadra o cenário do mesmo. Esta intenção é complementada pelo tratamento cerimonial do átrio, sendo a única divisão em que o pavimento é em pedra calcária, em harmonia com a visualização do segundo piso, indicando os vestígios de domesticidade. O

entendimento do átrio como o momento mais íntimo entre o interior e o exterior é enriquecido pelo realce deste “espaço comum como um elemento arquitetónico crucial”²¹.

Entende-se a procura do arquiteto em estabelecer o elemento arquitetónico como limite, mas também como possibilidade relacionar o interior e o exterior, o público e o privado. Na obra de Alvar Aalto exemplificam-se projetos que circunscrevem o pátio como elemento definidor espacial e como espaço mediador de transição.

¹⁹ Na Casa del Cirujano, o *tablinum*, de frente para a entrada, abre-se para o átrio como uma sala, ladeado por pilares e rematado por um entablamento, e como ligação para o pequeno jardim, através de um pórtico.

²⁰ Relacionando os muros exteriores da casa com o átrio, as *alae* estavam completamente a céu aberto e a sua importância deriva da existência de um segundo piso, cuja utilização, ventilação e iluminação era facilitada devido a este espaço.

²¹ AALTO, Alvar, op. cit., p.55.

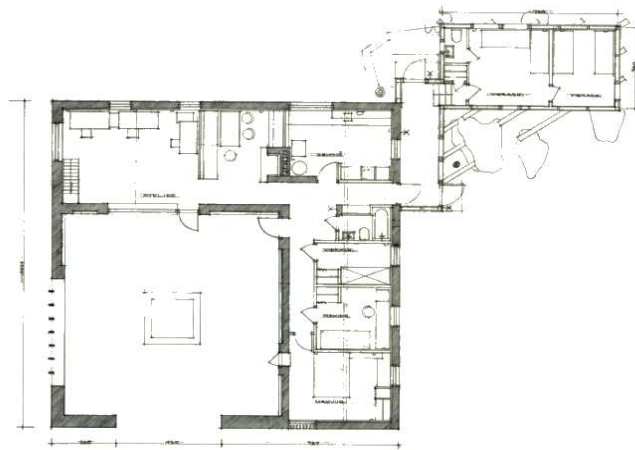
Páginas anteriores:

67. A Annunciazione, Fra Angelico

68. Casa del Cirujano, Pompeia

69. Perspetiva do átrio da Atrium House, Alvar Aalto





KOETALO / PÖHJÄPIIRROK 1/50
MURATYÖ / SAUNNAN JA LAMINOIDUN LATTIAN ARKITEHTI
S. S. S.

²² FLEIG, Karl – Alvar Aalto. Berlim: Birkhauser, 1999.

Alvar Aalto, A Casa de Verão Experimental

A Casa de Verão (1954) de Alvar Aalto e da sua mulher foi construída na região dos lagos da Finlândia, em Muuratsalo. Ao longo do projeto, a casa de verão transfigurou-se num estúdio experimental da materialidade, da construção e da filosofia do objeto arquitetónico²².

Acolhidos pelo contexto natural, o pátio circunscreve-se neste cenário e na forma em L do edifício principal, que agrupa a zona de estar, a cozinha, a casa de banho, os quartos e o estúdio de trabalho. Na parte detrás da casa surge uma ramificação com o bloco de hóspedes.

A casa dialoga com a natureza em que se inscreve, alicerçada em rocha natural e o pátio determina o momento em que essa relação é consumada exponencialmente. Da envolvente arborizada destaca-se o refúgio de cor branca que, na transição do público para o privado, se transfigura na cor de tijolo vermelho. Na casa experimental foram utilizadas 50 variedades de tijolo, dispostos de forma variada, com o propósito de experimentar a durabilidade e o efeito ótico dos materiais nas condições climáticas do lugar. A divisão é apontada por elementos em que o arquiteto procura que o limite entre o espaço interior e o espaço exterior seja sensivelmente anulado, através do desenho do pátio: o desenho a céu aberto e com acesso direto com a envolvente; e o envolvimento do pátio da circulação interna, estabelecendo constantemente contacto com o exterior. No centro do pátio, a existência de uma lareira formaliza o carácter de convívio e reunião procurado pelo arquiteto, aludindo ao cenário de distribuição de tendas de campismo à volta de um espaço central de encontro com uma lareira.

A composição desta atmosfera quente da cor do tijolo, e da respetiva disposição irregular, apoiada pela lareira e pela íntima relação com o interior da casa e o exterior da envolvente, transporta a sensação de acolhimento da natureza envolvente e do lar para o pátio, caracterizando-o como uma sala de estar exterior e um refúgio da natureza.

Páginas anteriores:

70. Perspetiva exterior

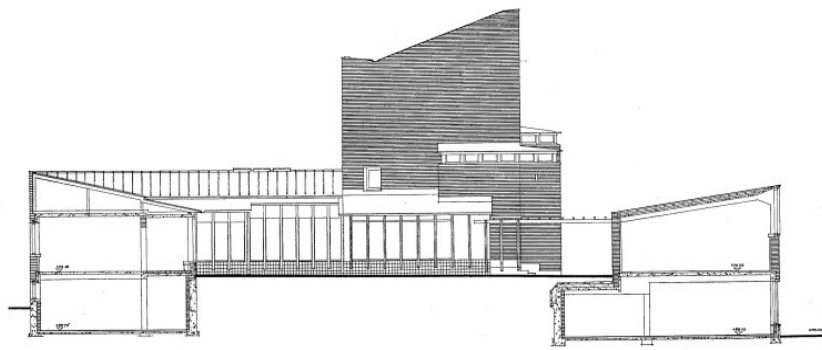
Casa de Verão Experimental

71. Planta do projeto

72. Relação interior exterior, através do pátio







¹³ TUOMI, Timo; PAATERO, Kristiina; RAUSKEE, Eija - Alvar Aalto in Seven Buildings. Interpretation of an architect's work.

Alvar Aalto, Câmara Municipal de Saynatsalo

À escala do equipamento refere-se a Câmara Municipal de Saynatsalo, um edifício monumental e urbano e, simultaneamente, modesto, em harmonia com a envolvente rural.

O edifício é composto por dois pisos, havendo espaços no segundo piso com duplo pé-direito, o que engana a perceção na existência de um terceiro piso. Esta composição indica a variedade de escalas existentes no edifício, que criam uma unidade harmónica através do sensível cruzamento das mesmas. No primeiro piso estão localizados os serviços, uma sauna, um pequeno apartamento, um arquivo, um banco e estabelecimentos comerciais. O segundo piso corresponde, do lado esquerdo, a uma

forma em U que acolhe a câmara municipal e dormitórios, e uma biblioteca, que ladeia o lado direito. O pátio circunscreve-se neste panorama, acolhido pela determinação dos limites dos espaços interiores¹³.

O desenho do objeto arquitetónico é baseado na elevação, resultado de um aterro de 3m, de um pátio central retangular, intenção justificada por Aalto “Em edifícios governamentais e câmaras municipais, o pátio preservou o seu significado primordial desde os dias da antiga Creta, Grécia e Roma ao longo da idade média e do renascimento”⁶⁵. Esta declaração reforça a influência da cultura clássica, em que a praça central se distingue como lugar de reunião e símbolo da democracia.

O arquiteto procurou no tijolo vermelho a referência à simplicidade dos materiais do quotidiano, mas também a capacidade de produzir um sentido requintado e delicado. Deste modo, o tijolo é utilizado nas paredes exteriores e para enfatizar a relevância dos espaços interiores mais importantes.

No pavimento, a manta vegetal determina os limites do pátio, envolvido pela cor vermelha do tijolo e por envidraçado, que nos mantém em constante contacto com o interior dos escritórios e da biblioteca, por vezes invadidos por vegetação, absorvendo o contexto arborizado que compõem o cenário a céu aberto. O espaço convida quem trabalha e estuda naquele edifício ao encontro no exterior, enquadrando-se harmonicamente entre o ritmo das atividades

Páginas anteriores:

73. Câmara Municipal de Saynatsalo
74. Secção do projeto

Página seguinte:

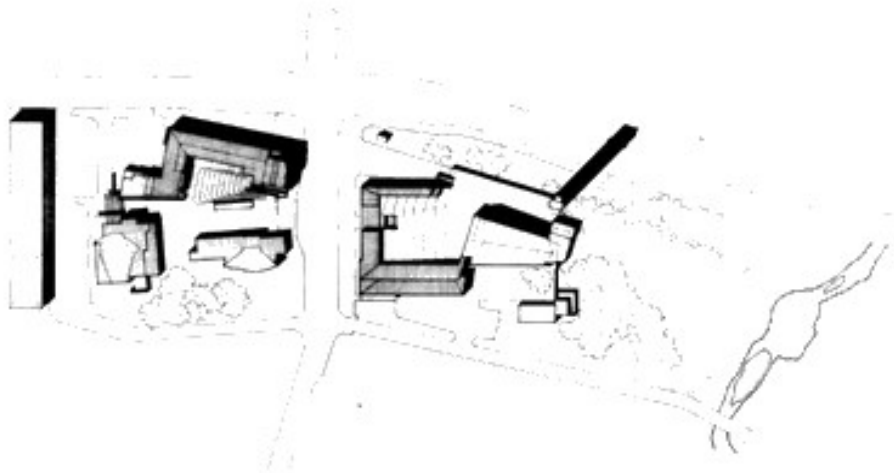
75. Relação interior/ exterior através do pátio

desenvolvidas no interior e a ativa leveza da envolvente. A abertura à cidade reforça o caráter democrático pretendido por Aalto, sem quebrar o harmónico ambiente referido.

¹⁴ FLEIG, Karl, op. cit.

A circunscção de um programa cívico em torno de uma praça traduz a ideologia comunitária do projeto, caracterizado pelo sensível projeto do pátio que nos estimula enquanto indivíduo e ser *público*.





Alvar Aalto, Centro da Cidade de Seinajoki

O planeamento do centro da cidade de Seinajoki reflete a importância da comunidade na sociedade, ideologia essa que Aalto procurou mencionar no planeamento e na obra arquitetónica. O projeto é resultado de dois concursos, separados temporalmente, em que o arquiteto ficou encarregado do plano¹⁴. Não obstante, os dois projetos formam um todo coerente.

O centro da cidade fica então definido por uma igreja, um centro paroquial, uma biblioteca, uma câmara municipal e escritórios. O complexo administrativo e cultural de Seinajoki tem como principal objetivo a separação da circulação automóvel e pedestre, articulando os edifícios em torno de três grandes áreas exteriores públicas, ao longo do eixo longitudinal pedestre.

A igreja insere-se no desenho do centro paroquial, cuja forma em U é essencial para o acolhimento de um espaço central. Os dois equipamentos circunscrevem um espaço de forma quadrada, relvado e ao ar livre. A partir daqui existe uma continuação espacial constituída por locais abertos. A praça pública central, pavimentada com lajes de granito naturais, é abraçada pela forma em S do edifício da câmara municipal e pelo enquadramento do limite da biblioteca como plano lateral. Por fim, existe uma terceira área, que não se integra, idealmente, no caráter de reunião das áreas anteriores: um parque de estacionamento arborizado, fechado pela lâmina dos escritórios.

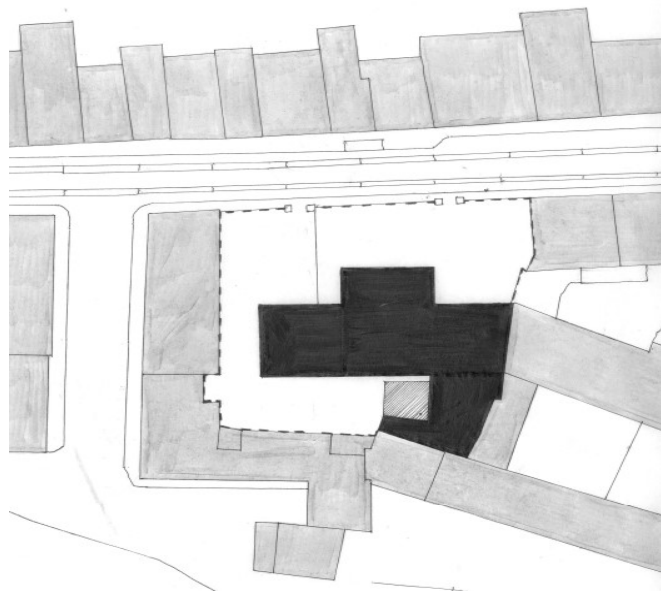
A narrativa construída neste projeto exemplifica como o arquiteto transfigura o tema do átrio e do pátio como momentos de encontro e, se possível, de discussão, à escala urbana. O desenho do centro da cidade reflete uma narrativa espacial, na qual circunscreve espaços exteriores comuns, através da definição dos limites dos edifícios que os envolvem.

Página anterior:

76. Vista aérea do centro da cidade de Seinajoki

77. Planta





Páginas anteriores:

- 78. Perspetiva do edifício da Biblioteca de Belém e da adição do café
- 79. Implantação do edifício da Biblioteca Municipal de Belém

Página seguinte:

- 80. Relação do espaço do café com o exterior
- 81. Relação interior/exterior
- 82. Comunicação entre espaços interiores
- 83. Perspetiva do café
- 84. Espaço exterior

A Biblioteca Municipal de Belém - um caso experienciado

O acolhimento não é condição exclusiva da casa. Não deve. Num bairro antigo de manifesta heterogeneidade social, o estreito passeio e os três pisos, a trepadeira, o jardim e a sua biblioteca aliviam a passagem e convidam à entrada. A receção é formalizada e tranquilizada na linguagem da árvore e pelos sons de quem a habita, na quietude da luz. No momento, vislumbra-se um palacete renascentista na sua regularidade formal e fachada clássica, onde se estabeleceu, em 1962, a Biblioteca Municipal de Belém. O átrio definido por um estreito paralelepípedo encaminha, através do pórtico de frente, para a entrada, para o cénico espaço das escadas lentamente iluminadas, e para três vãos que se distinguem entre si. O corredor encaixa-se como “coordenada natural”, tal como Aalto descreveu, dissociando dos outros três vãos não só na posição no espaço, mas também da luz que o contorna. A composição e distribuição do edifício não é oferecida de imediato, mas descoberta desde o momento em que se passa da rua para o jardim, e desde o jardim ao átrio e ao corredor, que rompe intimamente o edifício. O objeto arquitetónico desdobra-se no rigor geométrico e na simetria como geradores das formas, da compartimentação dos espaços e dos percursos estabelecidos. Assim, a estrutura e a forma são relativamente simples, resultando em fachadas regulares e refletindo o espírito de contraforte, e o percurso é variado, sugerindo circulações com passagens alternativas, permitindo que a biblioteca construa uma narrativa labiríntica.

Concluindo, o entendimento da intimidade da ligação entre o exterior e o interior influencia o pensamento da proposta do objeto arquitetónico, atendendo ao reduzido número de edifícios públicos na área do Barreiro Velho. O espaço público do bairro estabelece, maioritariamente, a acessibilidade a espaços privados, em que a introdução de uma proposta edificada de carácter público diverge da comum transição do lugar, a exterior/interior em consonância com a do público/ privado. Logo, a questão do átrio não se restringe ao momento de ligação, mas também à inserção deste momento no sistema que constitui o bairro. O átrio como elemento que retrata a relação exterior/ interior e a contínua ligação do carácter público, assinalando-o como o espaço mais comum da proposta arquitetónica, gera a composição e distribuição do edifício, algo que se perspetiva que seja perceptível ao utilizador.



Capítulo 4

Projeto

4.1. Estratégia

A percepção do bairro como sistema urbano foi construída fundamentalmente pelas sensações e sugestões do construído, das texturas e dos contrastes, pela respetiva interdependência, e pelo natural cruzamento entre o construído, os habitantes e a sociedade. A definição estratégica da intervenção parte da compreensão da rede qualitativa (heterogeneidade cultural, apropriação do espaço, ruínas, associativismo) que constitui o bairro e dos perigos e potenciais da incidência de novos objetos arquitetónicos na estrutura geral urbana.

Os espaços expectantes e os edifícios arruinados ou devolutos mapeados no bairro traduzem um potencial de acolhimento de novas intervenções, refletindo à escala do sistema a percepção do lugar inacabado e passível de ser regenerado. O reconhecimento da sensibilidade e significação do lugar permite o desenvolvimento de uma estratégia que visa atuar no campo social e cultural do território, segundo uma perspectiva pública e instrutiva.

Como objetivo admite-se a tentativa de contrariar os fenómenos de segregação e fragmentação social, assim como as recentes intervenções que anulam as práticas, percepções e significados do lugar, partilhadas socialmente. Criámos assim propostas que interligam o conhecimento e a população, e a população entre si, e permitem a manifestação da singularidade e pluralidade do bairro. Conscientemente, compreende-se o lugar habitualmente frequentado pelas populações envelhecidas com pouca instrução e pela população de etnia cigana, mas se nesses locais se forem desenvolvendo actividades tendo em conta essas populações: a memória do bairro para os mais velhos; o simbolismo da festa para os habitantes ciganos, será possível atraí-los e procurar novos encontros. Por outro lado, as intenções promovem, também, a permeabilidade da estrutura urbana, determinada pelas fronteiras físicas e sociais, atraindo população exterior ao bairro e estendendo-se ao uso urbano e coletivo.

Assim, promovendo a permeabilidade e a narrativa da estrutura urbana, propõe-se o tema programático da biblioteca fragmentado em três unidades funcionais e a respetiva disseminação em dois pontos de fronteira e no centro geométrico da composição planimétrica do bairro. No projeto estratégico não se considera a escala das intervenções, mas o impacto e as relações que estas são capazes de estimular.

4.2. Introdução à Proposta Final de Mestrado

4.2.1. Interdependências do bairro

Páginas seguintes:

85. Composição morfológica do Barreiro Velho, antes das demolições

86. Diagrama de relação dos espaços públicos com os edifícios devolutos e vazios urbanos

87. Inventário de espaços públicos, aos quais se reconhecem certas especificidades e qualidades

A percepção da totalidade do bairro e da sua atmosfera corresponde a uma narrativa fragmentada, mas, reciprocamente, correlacionada. O elemento horizontal representativo da estrutura vazia e simultaneamente pública, estabelece, transversalmente, relação com os planos verticais adjacentes. Relacionar a referida membrana horizontal com os planos que a ladeiam, corresponde ao limite que relaciona o espaço exterior com o espaço interior, o público com o privado. Como consequência, relaciona-se a rua com o espaço habitado, o devoluto e o vazio.

A relação entre o indivíduo e o contexto parece assegurar uma certa coerência, por meio do vínculo emocional do lugar, da representação humana da escala, da harmonia da regra e da exceção. O entendimento da sua constituição é complementado pela experiência física: carregar o peso do lugar; e a proximidade dos planos, horizontal e vertical, conduz o indivíduo. Verifica-se que existe um controlo informal das perspetivas visuais, em que o olhar se vai projetando espaço a espaço. Na cadência da própria deslocação estranha-se a desproporção do vazio urbano, que não parece ter lugar na densidade e particularidade da estrutura urbana. A narrativa é construída pela identificação de elementos específicos que integram outros semelhantes, em que o mais importante se torna a experiência do sistema de relação entre as coisas. Assim, segundo a interpretação da narrativa construída revelam-se os espaços vazios e os espaços públicos habitados como potenciais elementos a intervir.

Nesse sentido, encontra-se na diversidade do espaço público a diversidade de sensações perante o construído e o não construído. Na figura 86 põem-se em evidência a presença da relação dialética entre o espaço público e o vazio urbano no sistema do bairro, baseado no mapeamento dos edifícios devolutos e vazios urbanos e na percecionada delimitação das diferentes zonas que compõem o espaço público. Associada à figura 87, apresenta-se um inventário morfológico do espaço público, realizado a partir da configuração espacial e das apropriações identificáveis, cujos espaços identificados refletem uma acolhedora experiência

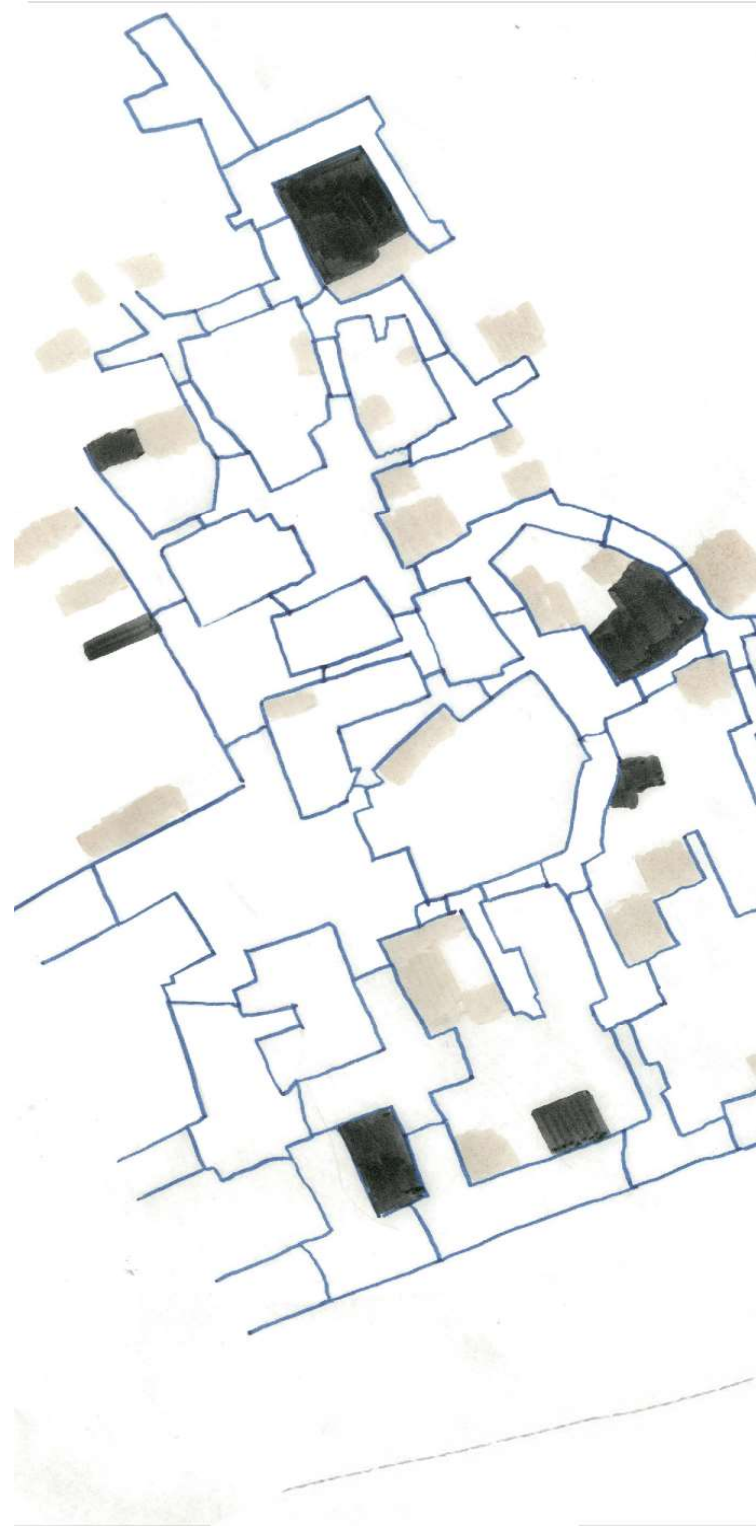
emocional do lugar, transportando também a sensação de desejo de transformação.

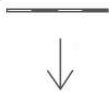
A perspectiva de uma possível transfiguração dos lugares identificados resulta da posição dos edifícios devolutos e dos terrenos desocupados em relação aos lugares inventariados, que tem como efeito a degeneração do espaço público. Entrecruzando o espaço público com os edifícios devolutos e os vazios urbanos, seleciona-se uma série de lugares capazes de acolher ações significantes que operam à escala do largo, da rua, da travessa e da praça, e cuja capacidade de transformação pode ter representação na constituição fisionômica e identitária da cidade.

De acordo com o sentido de continuidade da própria composição do Barreiro Velho, a interpretação da estrutura heterogênea vai construir, gradualmente, um conjunto de intervenções que pretendem manter o suporte vivencial e a pertinência simbólica e estruturante do local, e de um modo mais ativo iniciar um processo de revitalização do bairro.

O bairro tem sido caracterizado pela quase anulação da presença da população envelhecida no espaço público e pela apropriação do mesmo por parte da comunidade cigana. Associado a este fenómeno esgotam-se as atividades ali localizadas e a transitoriedade das mesmas para áreas mais recentes e lúdicas, conduzindo à quase exclusão totalitária do bairro e de quem o habita. A situação da distribuição de atividades revela como plano de fundo a tendencial ausência de diversidade funcional no Barreiro Velho. Na imagem xxx, observa-se que a transferência da agitação pública se localiza a sul do bairro, cujo panorama é funcionalmente diversificado, e a norte, a zona correspondente à frente ribeirinha acompanhada, paralelamente, por um jardim ao longo da sua extensão.

O bairro cruza a densa e irregular massa constituinte com a topografia, que resulta na adaptação e comunicação entre partes, não inibindo as rápidas deslocamentos pedestres e elogiando ao mesmo tempo a permanência (apesar do atual estado desvitalizado). Neste contexto, a presença do automóvel acaba por complicar a ligação com o lugar, por via da redução do espaço exterior. A expansiva presença do carro no complexo sistema representa-se, principalmente, estaticamente, pois é a transfiguração do espaço público em lugar de estacio-



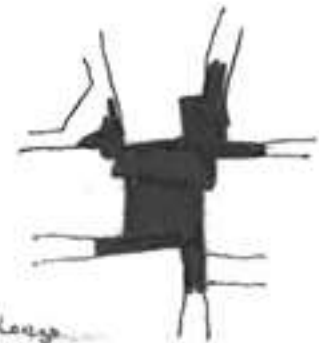




R. Hig. do
Bombrado



Tu. do 16 de Pedro V



Largo
Gampico



Tu. de S. Francisco



Beira de S. Francisco



Plaza
Santa Cruz



R. do
Calvario

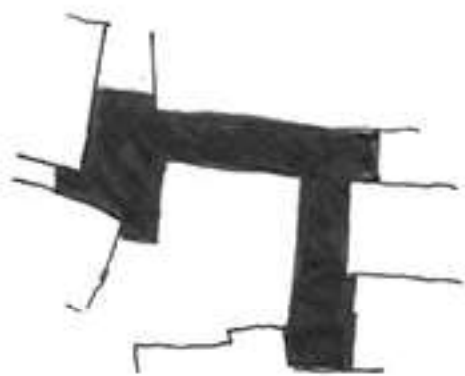


Largo do
Fino



Tu. de Ginbras

 Espaços públicos que integrarão a proposta



Tu. de Priore



de Hospital



R. da Amoreira



R. da Amoreira



Lujo de Espinosa



Tv. do Loureiro

88. Diagrama de intensidade de fluxos e permanência no exterior

Páginas seguintes:

89. Diagrama de acessibilidade automóvel proposta



Páginas seguintes:

90. Diagrama vazios urbanos a trabalhar; acessibilidades; percurso

91. Diagrama vazios urbanos a trabalhar e respetiva área de influência no espaço público

92. Planta de espaços cívicos livres (incluindo a proposta) segundo os mapas de Noli

namento que resulta na perda de sentido nas experiências da exterioridade e publicidade do espaço.

O projeto resiste à vontade de encerrar a característica estrutura ao automóvel, defendendo a simplicidade e naturalidade do lugar, feito de permanência, havendo possibilidade de correlacionar a presença artificial com a natural dinâmica urbana. Reconhecido o valor da permeabilidade, como condição para reforçar o sentido de permanência, procura-se resolver as aparentes contradições: estabelecer limites que negam o acesso ao automóvel; por meio do entendimento do potencial da relação entre os lugares limítrofes, que são o primeiro convite à entrada no bairro, definem-se dois eixos de possível atravessamento do bairro, transversal e longitudinalmente, respeitando a hierarquização viária pré-estabelecida. Perante o paradoxo de sentido, entende-se a impossibilidade de certos encerramentos que poriam em causa a capacidade de suportar a ambiguidade e imprevisibilidade dos comportamentos humanos e, por conseguinte, a sobrevivência do bairro.

Ao entender os limites perceptíveis do bairro e a forma como se circunscreve, compreende-se a permeabilidade como solução possível para a relação entre lugares distintos. Assim, a introdução de intervenções nos espaços expectantes é conduzida pela condição de potencial permeabilidade, localizando-se em pontos limítrofes e procurando constitui-los como dispositivos capazes de corresponder nesses momentos de transitoriedade. Contudo, não só a permeabilidade é motivo para a compreensão das qualidades generativas desses lugares. Ao invés de convergir a intenção num só lugar, atuando principalmente na área que o envolve proximamente, alarga-se a área de intervenção à escala do bairro, através da dispersão das atuações e a simultânea inscrição das mesmas na realidade quotidiana do bairro. Deste modo, a ação pontual procura integrar-se no sistema compositivo do bairro, ao mesmo tempo que, pontualmente, cria pontos atrativos, procurando diluir fronteiras e potenciar o bairro através da relação com a envolvente.





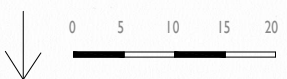
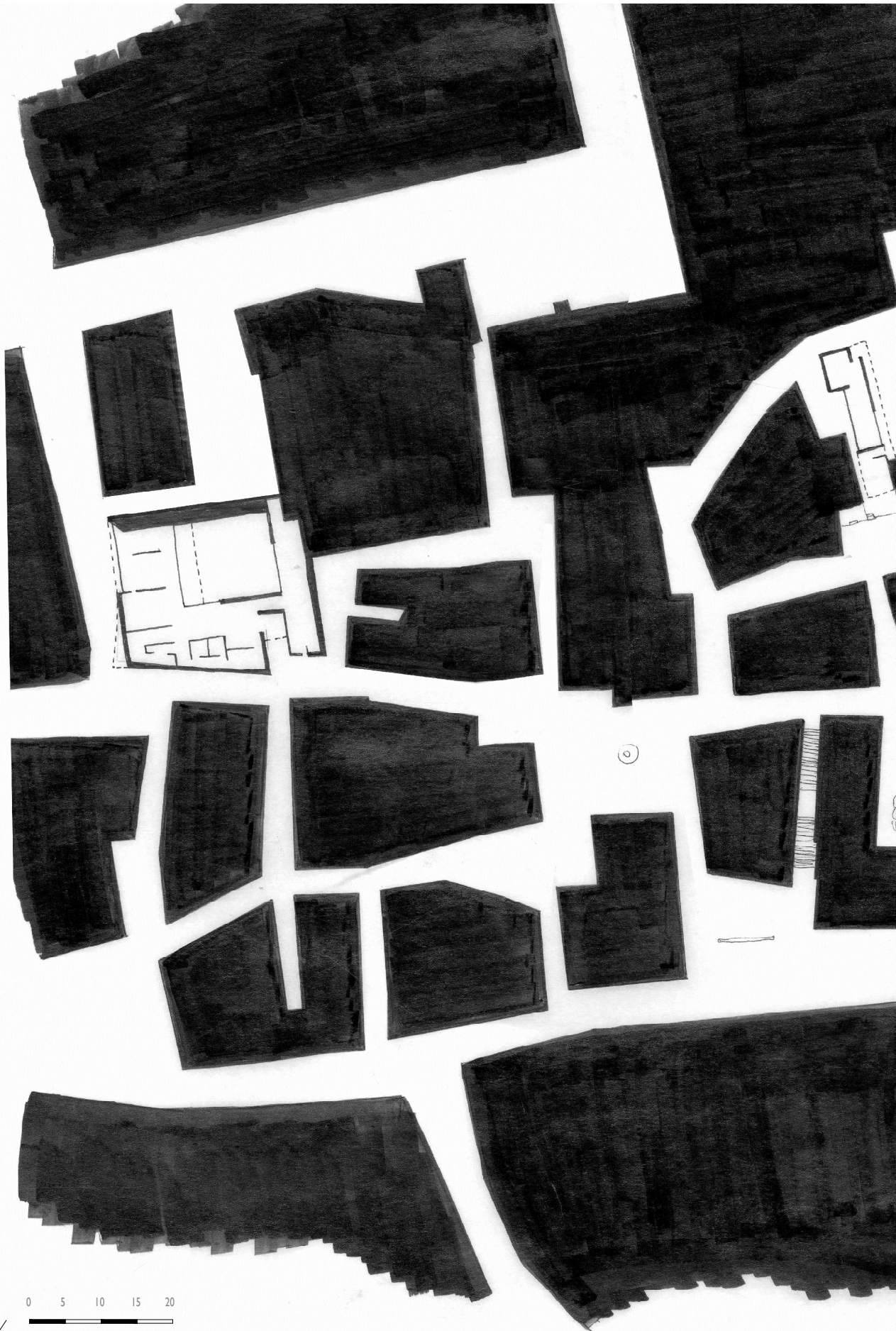














¹ ECO, Umberto – A Biblioteca, p. 16

² Apresenta-se a *Ágora* como um ideal, não podendo esquecer que apenas uma minoria tinha a possibilidade de estar presente no cotidiano da mesma, dificultando a integração, e por vezes excluindo, os escravos e estrangeiros. Ver em

SENNETT, Richard – *Flesh and Stone. The body and the City in Western Civilization*. Londres: Penguin Books, 2002.

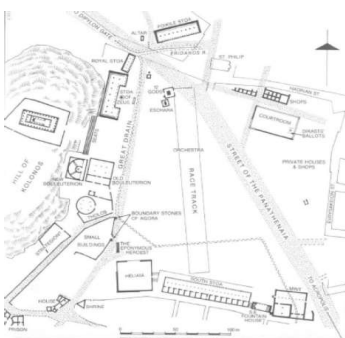
4.3.A(s) Biblioteca(s)

O programa proposto passa pela reunião do bairro, da valorização do mesmo e da relação sequencial entre uma infraestrutura que intermedeia o espaço público, o processo de transformação de informação em conhecimento e o indivíduo. O arquétipo explorado – a biblioteca – aposta no desenvolvimento individual do sujeito, como base para a transfiguração do lugar público. A representação da biblioteca na consciência coletiva é enunciada por Umberto Eco quando enuncia o desenvolvimento das suas funções, admitindo a sua pluralidade de objetivos:

“No início, no tempo de Assurbanipal ou de Polícrates, talvez fosse uma função de recolha (...) Mais tarde, creio que a sua função tenha sido de entesourar (...) Depois, na época beneditina, de transcrever (...) Penso que em determinada época, talvez já entre Augusto e Constantino, a função de uma biblioteca seria também a de fazer com que as pessoas lessem (...) No volume que chegou hoje às minhas mãos, e onde se diz que uma das finalidades da biblioteca consiste em permitir que o público leia os livros.”¹

Associada à questão da permeabilidade e dispersão de atividades, invoca-se a *Ágora* grega como um complexo que acolhia diversas atividades simultaneamente, dentro e fora dos espaços edificados, estimulando o contacto entre indivíduos através da diversidade e simultaneidade de acontecimentos e discussões, tendo sido o espaço aberto da *Ágora*² a base do mundo político grego.

Neste sentido, recupera-se a ideia da *Ágora* como estrutura estimuladora da *aparência pública*, do interesse em ouvir e ser ouvido, cuja aplicação no sistema do Barreiro Velho é privilegiada pela proximidade à população. Assim, propõe-se a fragmentação da totalidade programática da “biblioteca” em três valências específicas, com uma particular inscrição urbana: ao sinalizar três pontos distintos no território, pretende-se contribuir para a impulsão singular e plural da população do bairro, direcionando para a existência do *homem público* no *lugar público*, materializando a simbiose entre o espaço exterior e interior através da ideia do pátio. Associado ao limite interior/exterior define-se o átrio não só como momento de entrada, mas como elemento que acolhe do espaço exterior para



93. Planta da *Ágora* de Atenas

Página seguinte:

94. Esquema da circunscrição do pátio

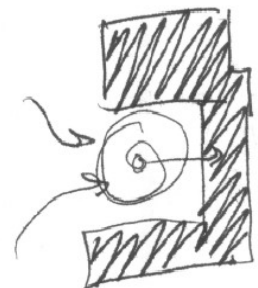
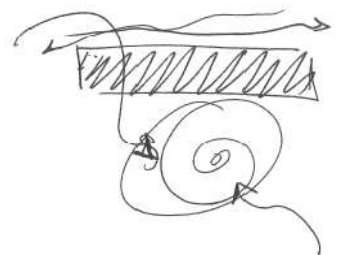
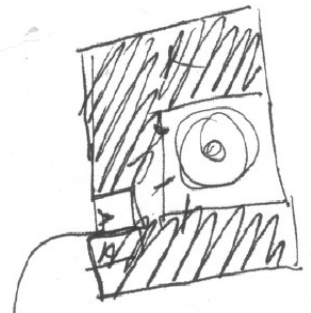
o interior; contrariamente desenvolve-se o largo como lugar público de reunião, que atrai do espaço interior para o exterior.

Entre a densidade do construído, a configuração do vazio ganha relevância, sendo o espaço público a estrutura mediadora dentro do bairro e entre o bairro e as áreas que o envolvem. As nossas propostas são compreendidas como elementos integrantes desse sistema.

A inserção de ações na narrativa do lugar resulta da interpretação da moderação e do ritmo do espaço público, entendendo os níveis de interiorização e exteriorização do mesmo nas relações que estabelece. É através do vínculo com o ritmo do bairro, que as intervenções se circunscrevem harmoniosamente na realidade envolvente.

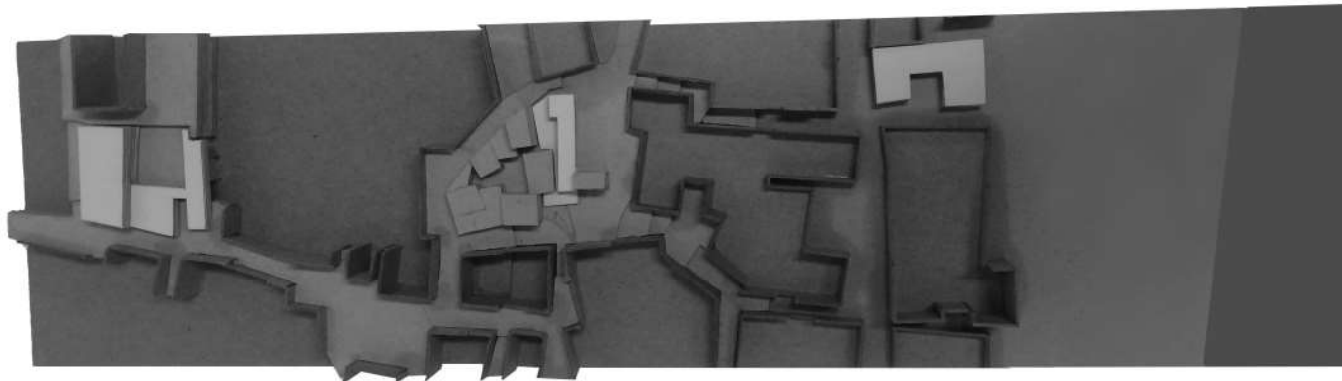
Ao entendimento da intensidade existencialista de um lugar, corresponde a exploração e determinação de um limite, que sucede esse compasso em três momentos. Considera-se como primeiro momento a área limítrofe que relaciona o bairro com a envolvente, a sul, caracterizada por um tecido urbano retilíneo e por atividades em que o caráter privado e individual tem maior evidência no quotidiano. A relação com as características da individualização desta realidade reflete-se, em analogia à interiorização das atividades individuais, no encerramento da proposta edificada em torno de um pátio interior. Contrariamente, a zona de fronteira entre o bairro e o rio representa-se como mais ativa, por efeito das atividades lúdicas que decorrem diariamente no contexto do lugar e na frente ribeirinha. No seguimento da ativa e habitual presença no exterior, o edifício desenvolve-se em torno de um pátio que se abre para a rua, integrando-se na continuidade do espaço público. O terceiro momento reflete a ambiguidade e descaracterização do núcleo central do bairro utilizado como ponto de passagem, marcado por demolições e pela inabilidade de estimular a permanência. Assim, configura-se um objeto linear, como intervenção mínima, envolvido pelo espaço exterior e definindo um largo com os edifícios que o envolvem.

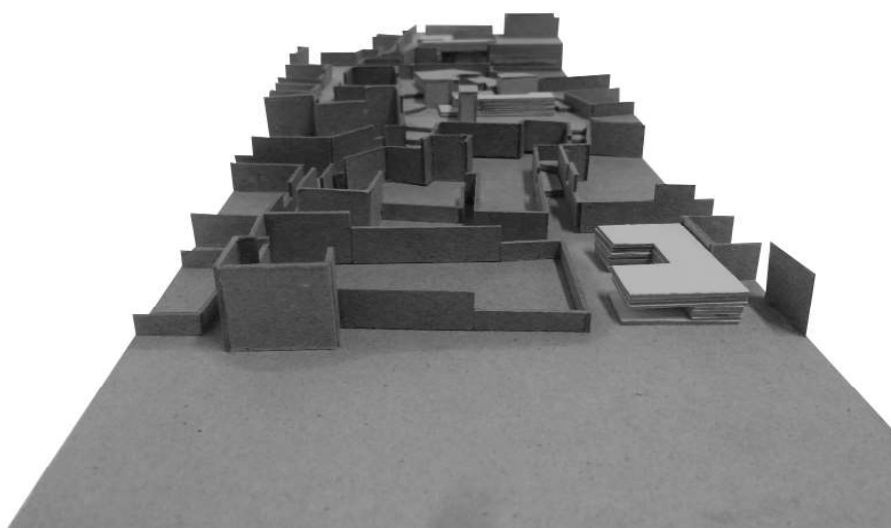
Assim, de acordo com o nível de interiorização e exteriorização do lugar, define-se a configuração do edifício e a inscrição particular do pátio em relação à rua ou ao largo adjacente, e dessa forma, promove-se a especificidade na relação do construído público com a realidade que o envolve.

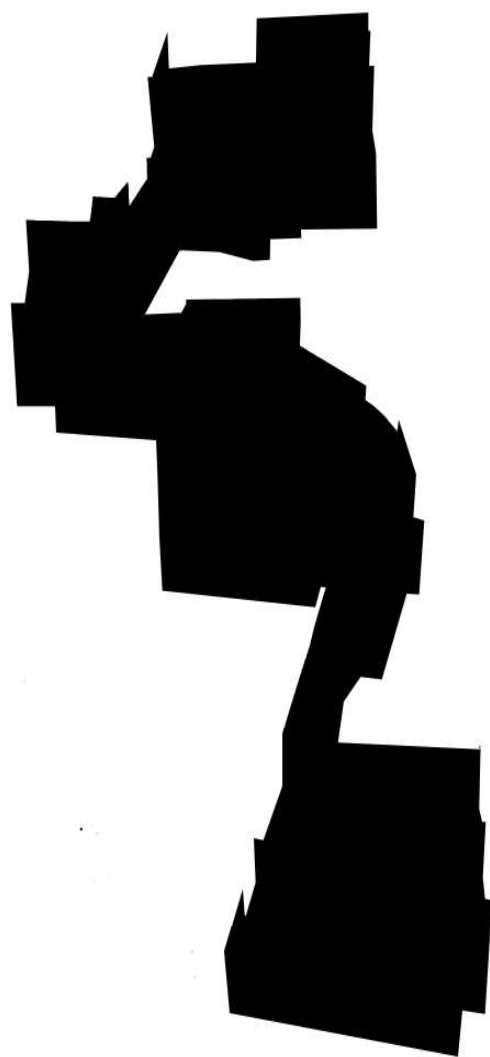


- 95. Vista em planta de modelo com propostas
- 96. Vista aérea do modelo
- 97. Positivo de percurso entre propostas

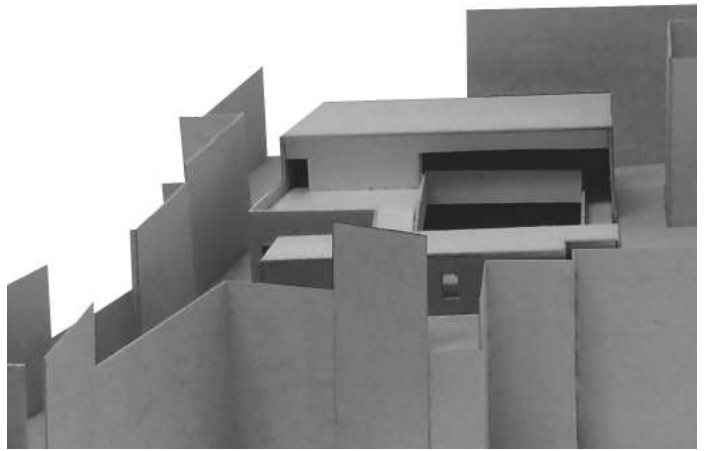
A associação da circunscrição do pátio e da relação com a envolvente tem também reflexo nos usos propostos para os três momentos: a proposta interiorizada em si própria remete para o uso convencional da biblioteca, mais individualizado; o objeto arquitetónico cujo pátio integra a rua associa ao uso mais interativo e de encontro; e por fim o objeto que se deixa envolver pelo espaço público procura conferir condições de acolhimento a atividades ou iniciativas promovidas.

















97. Asilo D. Pedro V antigamente

98. Asilo D. Pedro V devoluto

Páginas seguintes:

99. Implantação asilo D. Pedro V Esc. 1/1000

100. Vazio urbano após demolição do asilo; permanência de habitação unifamiliar de 1 piso Esc. 1/1000

101. Implantação da proposta incluindo a pré existência Esc. 1/1000

102. Planta de implantação da proposta Esc. 1/500

103. Perspetiva do pátio

104. Planta piso térreo Esc. 1/500

105. Perspetivas

106. Planta piso I Esc. 1/500

107. Corte e alçado Esc. 1/500

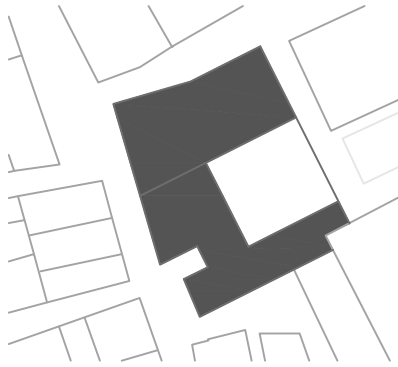
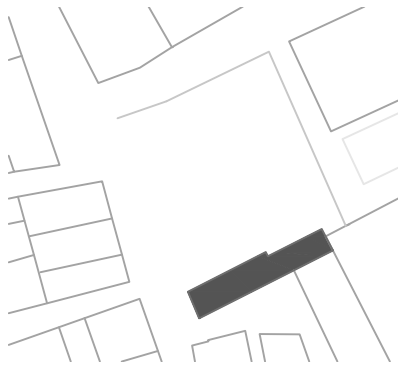
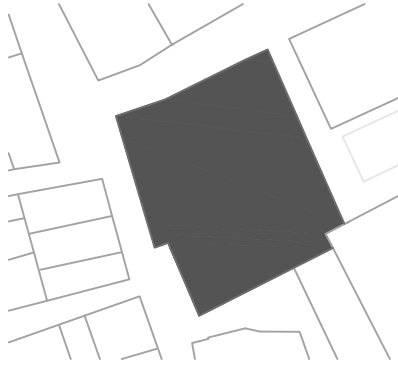
4.3.1.A interiorização da Travessa do Alto do Hospital

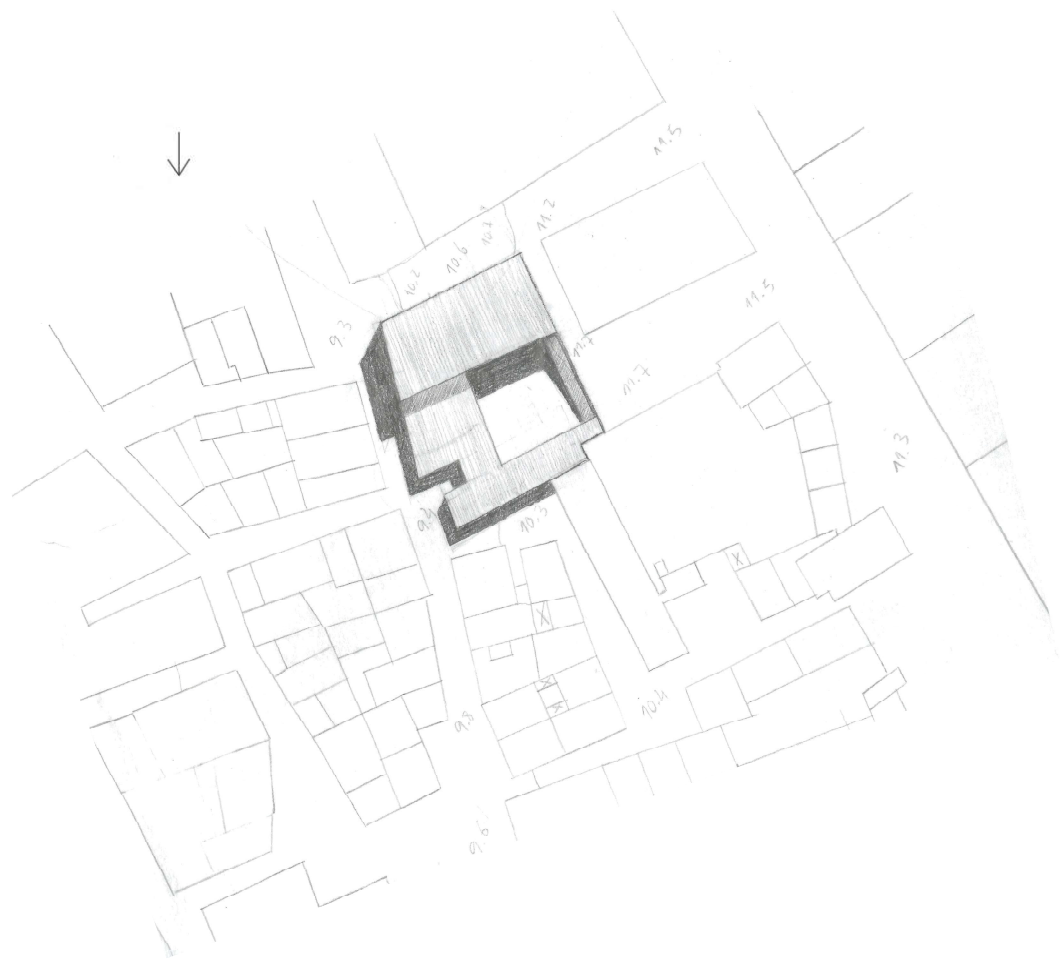
Apesar da ausência de quaisquer indícios arquitetónicos desse passado, o lugar representado encerra a memória da instituição de D. Henriqueta¹ que se estabeleceu no Barreiro numa altura em que ninguém queria servir os pobres: o Asilo D. Pedro V². Neste espaço envolvido pela rua José Relvas, pela rua da Creche e pela travessa do Alto do Hospital, havia-se instalado a terceira sede do asilo, cuja vizinhança com um edifício habitacional adjacente de um piso e uma árvore próxima produzia um espaço quase cénico, capaz de criar a ideia de um refúgio num espaço público. Esta conceção formal era apoiada pelo elemento natural que, dentro da sua escala e tipo, se constituía como único dentro dos limites do bairro, desenhando uma representação imaginada no contexto do lugar. Entretanto, tudo foi demolido, à exceção da habitação de um piso.

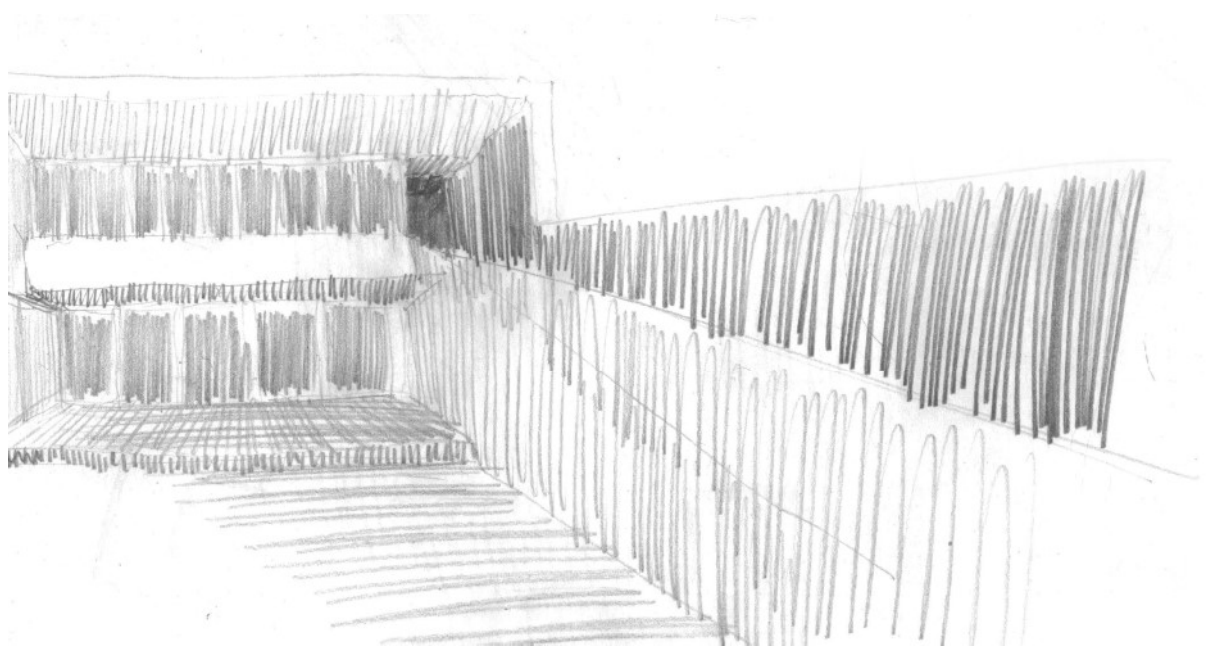
A representação do espaço que associava aqueles constituintes dissonantes serviu instrumentalmente como pretexto para a gestação de uma proposta, que se pretendia sensível a um relativo acolhimento da rua. Desde o início, também a preexistência habitacional que delimita a tv. do Alto do Hospital, integrou a exploração do lugar.

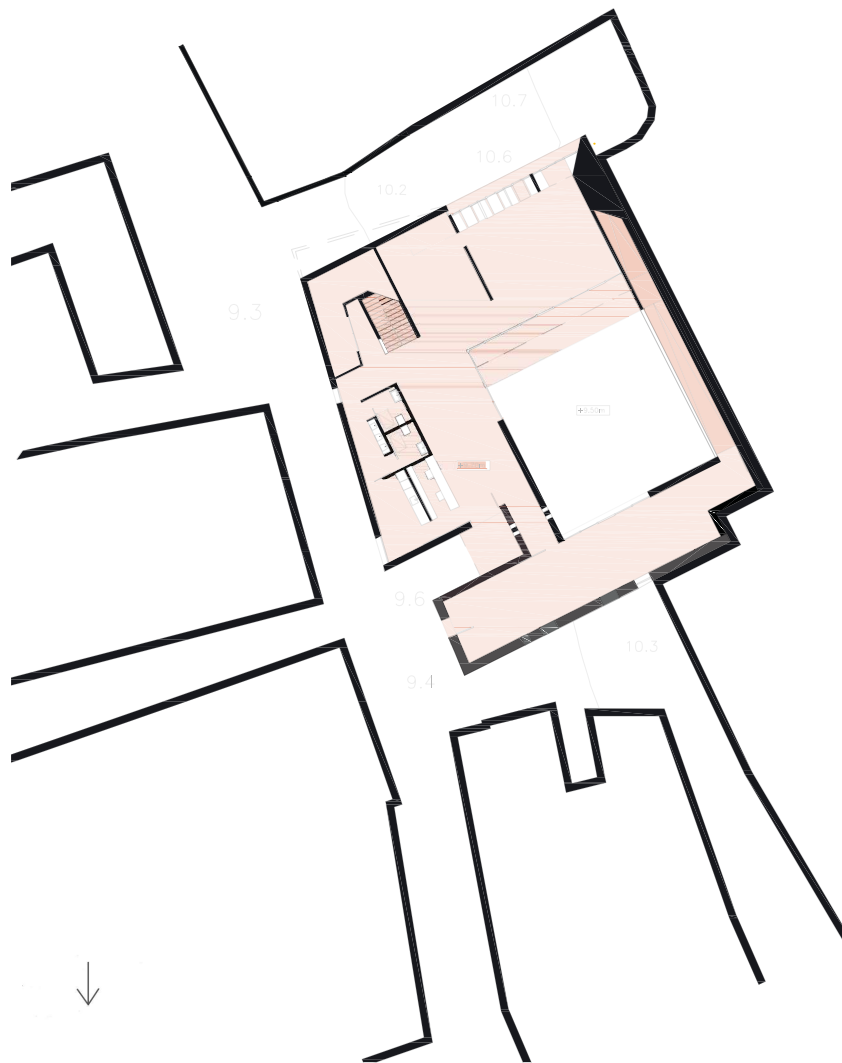
A área limítrofe, de transição entre as dinâmicas locais e a área morfologicamente homogénea, data dos anos 1970, observa-se tipológica e demograficamente diversificada. O sentido da observação prende-se com a fraca atratividade do perímetro em estudo para a população exterior ao bairro, e pela conseguinte estanquicidade entre zonas. Deste modo, a proposta edificada para este lugar é a que mais se assemelha, funcionalmente, à ideia convencional de biblioteca, enquanto depósito de livros.

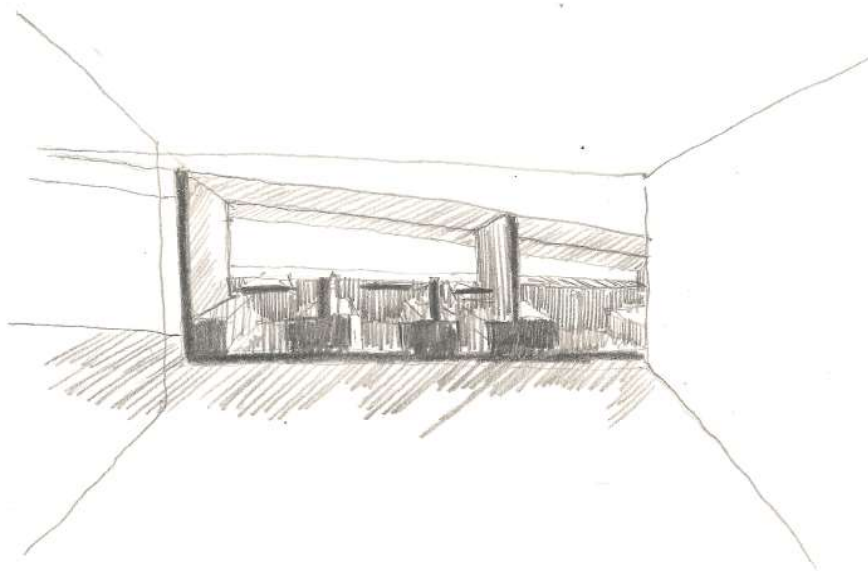
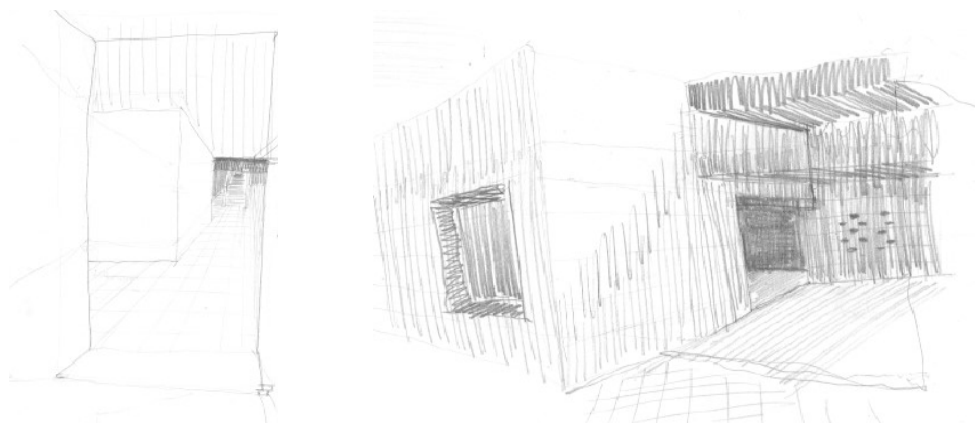
Em analogia a esse processo de interiorização e de curadoria, o edifício orienta-se para dentro, em torno de um pátio somente acessível pelo espaço da biblioteca. O percurso não se esgota, circunscrevendo o pátio que se imagina como espaço de encontro e de exteriorização, mas também o acolhimento da contínua experiência individual, procurando, assim, que a projeção dos espaços flua, de forma perceptiva, a qualquer deambulante e o seu movimento.

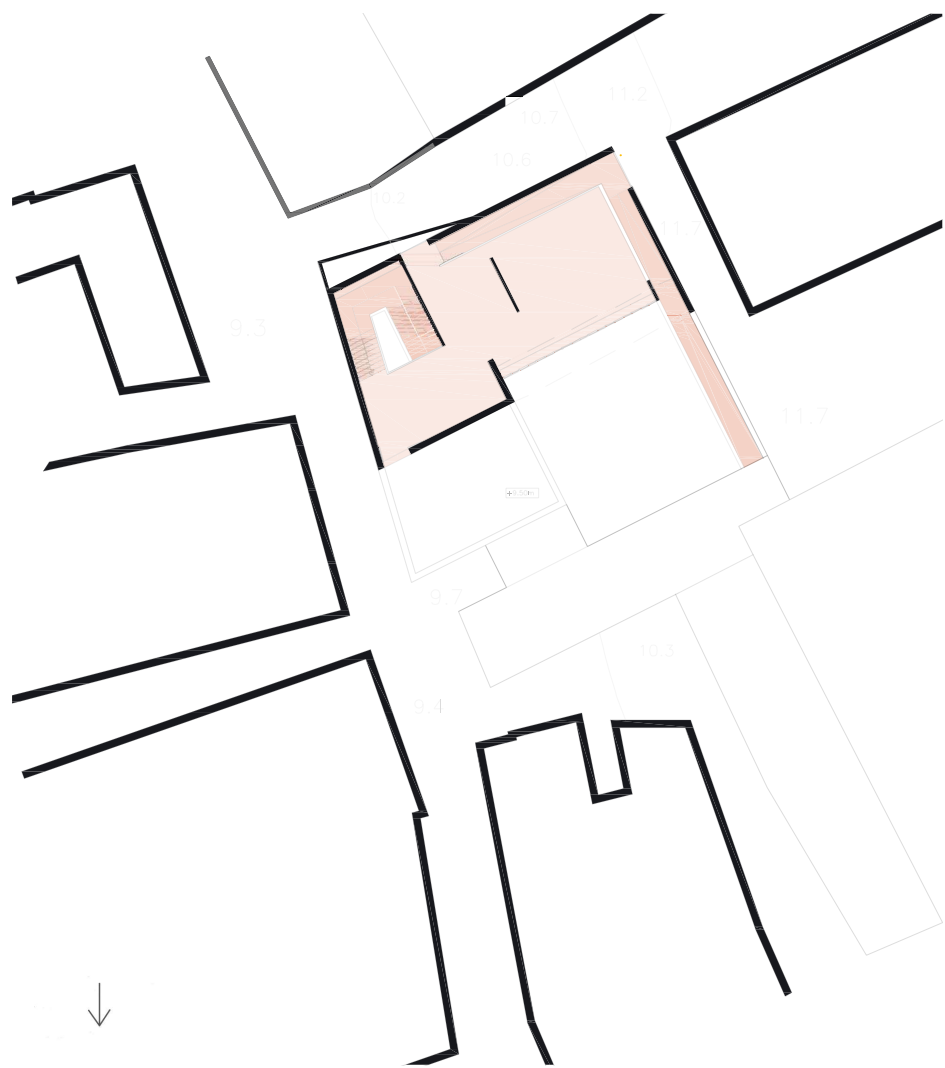


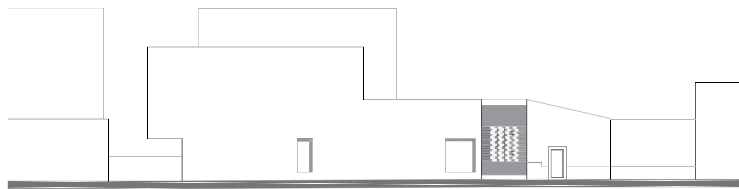
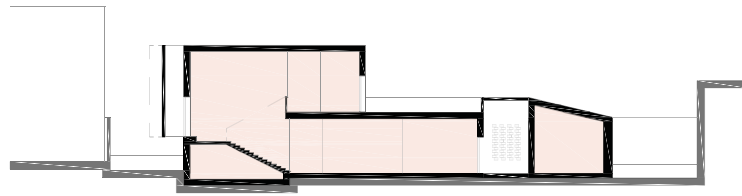


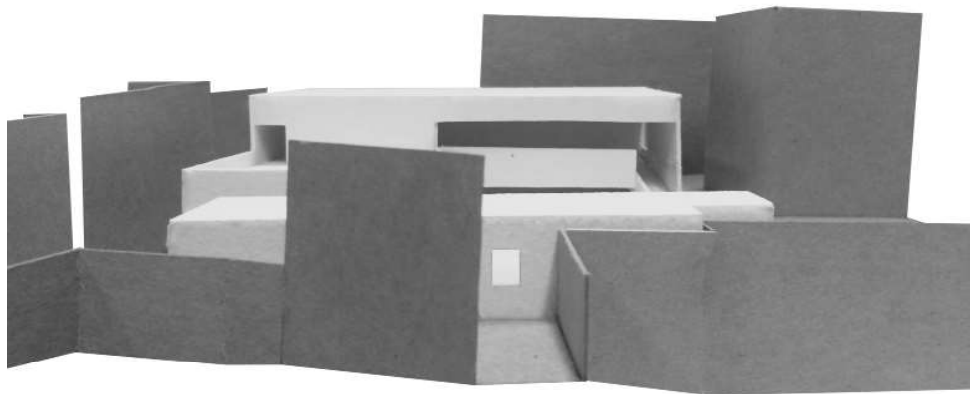
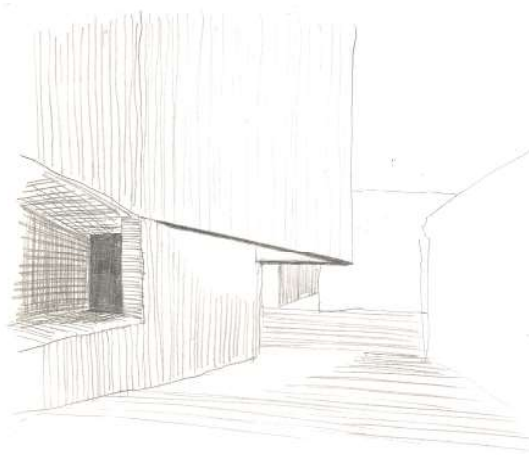


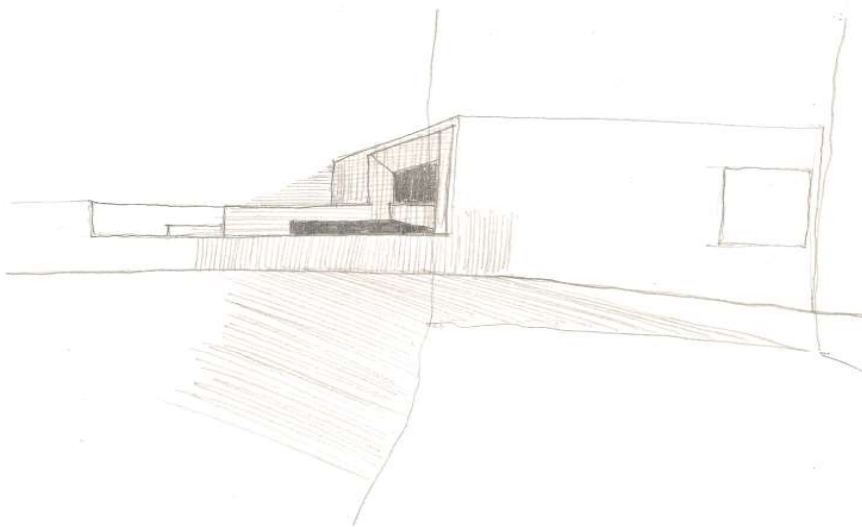












Página anterior:

108. Perspetiva exterior

109. Pátio

110. Modelo tridimensional, alçado norte

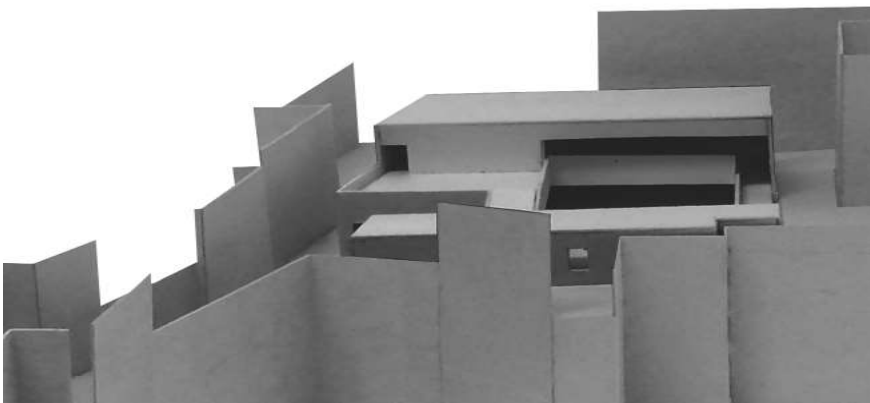
111. Alçado poente

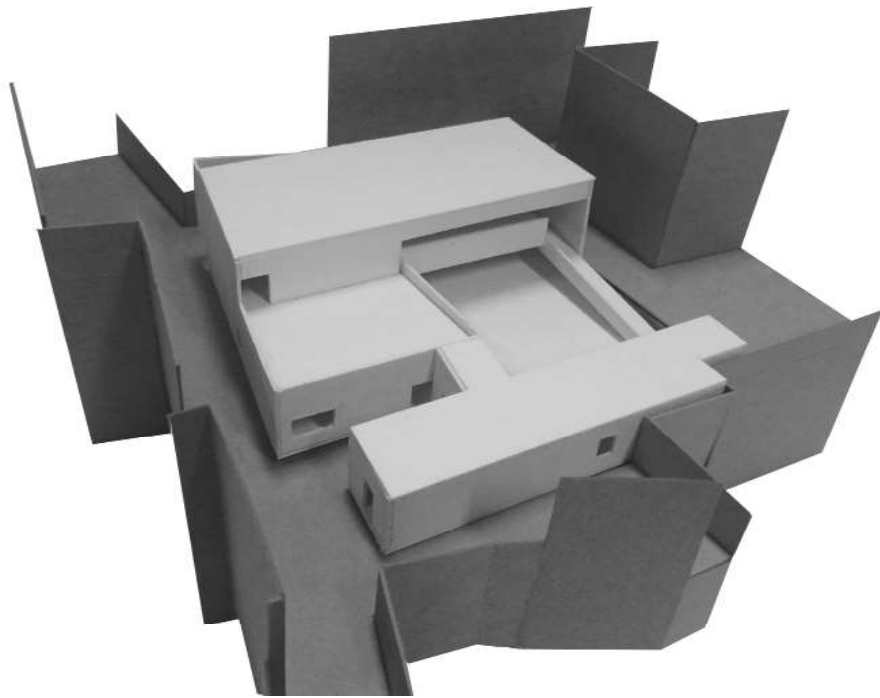
112. Vista aérea

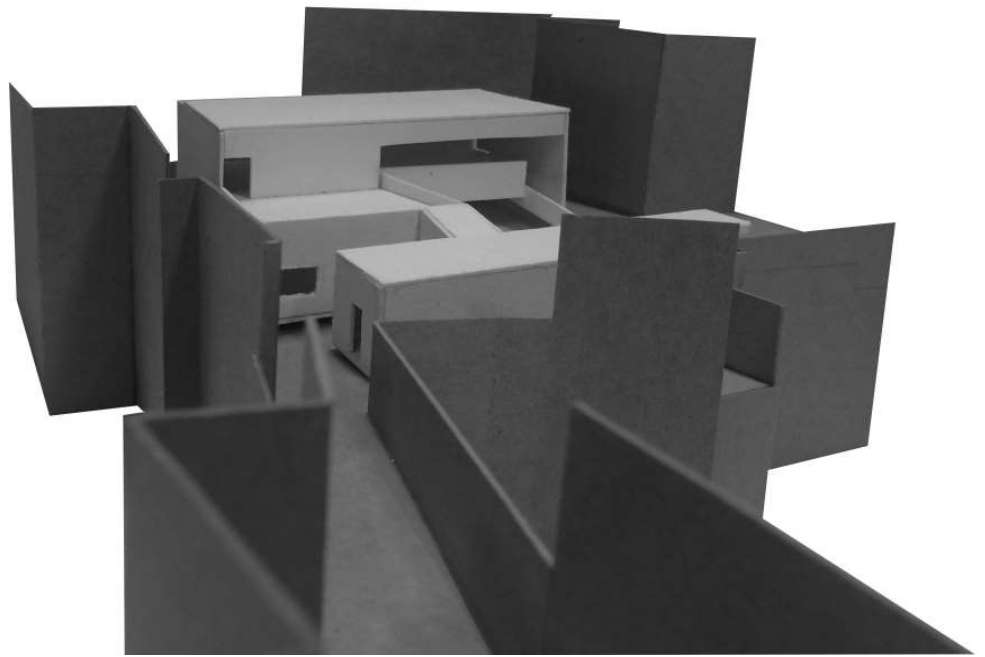
Páginas seguintes:

113. Vista aérea

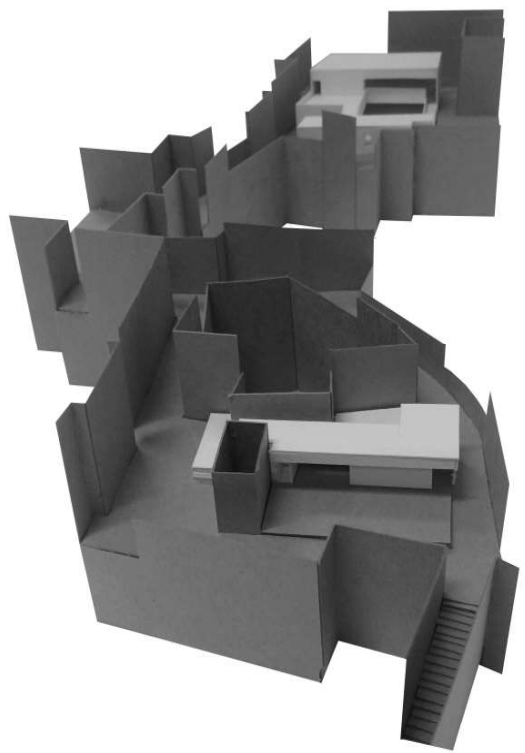
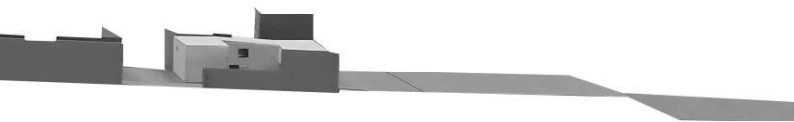
114. Relação da proposta com a rua José Relvas















Páginas seguintes:

I 15. Implantação do conjunto habitacional Esc. 1/1000

I 16. Vazio urbano após demolição das habitações; permanência de uma habitação isolada de dois pisos Esc. 1/1000

I 17. Implantação da proposta Esc. 1/1000

I 18. Poikile stoa

I 19. Planta de uma stoa

I 20. Planta de implantação da proposta Esc. 1/500

I 21. Planta piso térreo Esc. 1/500

I 22. Perspetivas do exterior

I 23. Cortes transversais Esc. 1/500

I 24. Perspetiva interior

I 25. Relação da proposta com a travessa do Loureiro

I 26. Rua Almirantes Reis e o Largo definido pela proposta

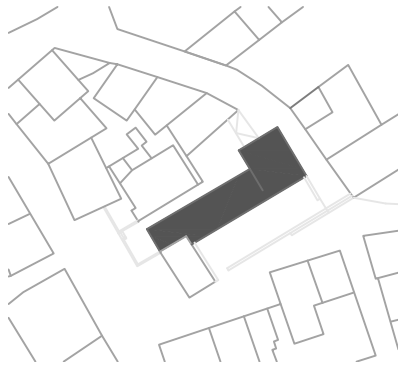
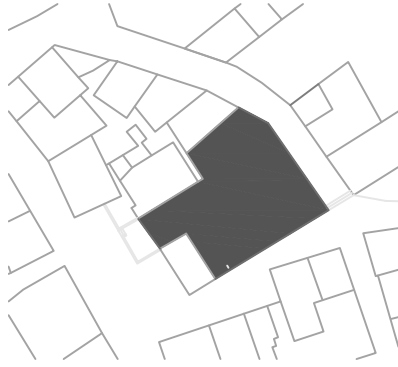
I 27. Relação da proposta com a Rua da Amoreira

4.3.2. O carácter público do largo da Almirante Reis

Entrecruzadas num lugar que preserva a capacidade de representação memorial e uma relativa vivência pública, estranham-se hoje na rua Almirante Reis e na rua da Amoreira a irregularidade do vazio e o carácter devoluto do lugar. Posicionado no centro do bairro, é ponto de passagem, distinguido pela presença da Casa da Cerca – um edifício habitacional que difere por ter nome, pela dimensão e caracterização – envolvida pela travessa do Loureiro e a rua Almirante Reis. Esta habitação que foi recentemente reabilitada pela CMB continua desabitada, não obstante a notícia de que viria a acolher estudantes do Politécnico do Barreiro. A fachada, revestida por azulejos, é enquadrada pelo patamar de acesso, que demarca a transitoriedade do público para o privado. As escadas encaixadas no patamar constituíam praticamente um lugar público, onde as crianças paravam e brincavam.

A relação entre o edifício, o contexto e o sujeito resulta na figuração de um todo fragmentado, em que a ideia da estrutura espacial e da atividade que nela acontece colapsam em conjunto. A intervenção procura motivar a permanência no espaço público e reforçar os vínculos que o lugar estabelece com o sujeito na sua experiência deste lugar. A composição definida por um edifício habitacional de dois pisos, o irregular vazio que serve de intermediário entre o construído, e a Casa da Cerca, invoca a geometria de um espaço público de encontro. Segundo a identificação da geometria primária do espaço, inscreve-se um elemento construído no vazio urbano, conectando as pré-existências e definindo um largo orientado para a rua Almirante Reis, ladeado pela travessa do Loureiro. A proposta tem uma forma estreita e retangular, permitindo o alívio espacial de uma zona densa, ao anular a esquina formalmente determinada pelo cruzamento da rua Almirante Reis e a travessa do Loureiro, permitindo ainda o atravessamento direto entre a rua da Amoreira e a travessa do Loureiro, sendo este percurso delimitado por espaços mais amplos que convidam à estada.

Esta composição resulta da vontade de evidenciar o espaço público como personagem principal, mediador de idas, voltas e permanências, capaz de pro-

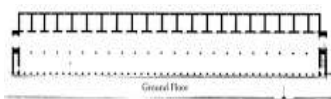


¹ A *stoa* enquadrava-se na *Ágora* como lugar de jantares, encontros, bisbilhotices e discussões religiosas de grupos particulares da população, caracterizando-se formalmente pela planta retangular e a fachada de colunas, como plano principal.

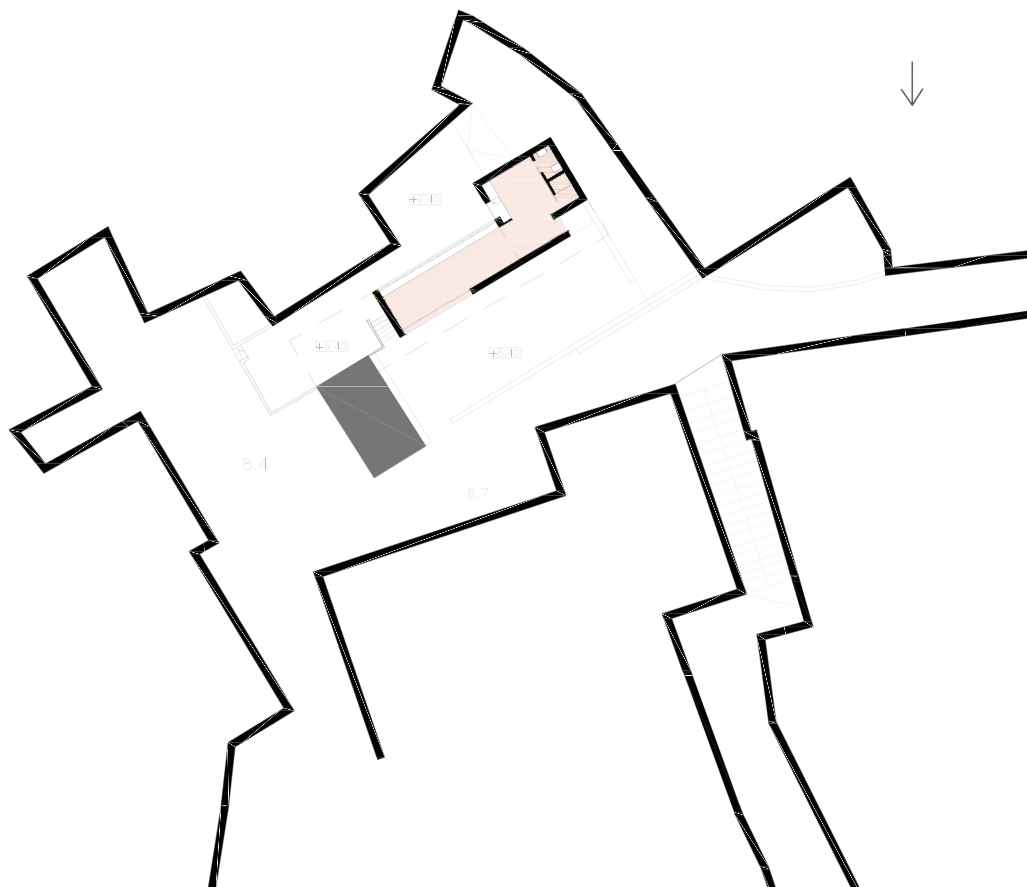
Ver em SENNETT, Richard – *Flesh and Stone. The body and the City in Western Civilization*. Londres: Penguin Books, 2002.

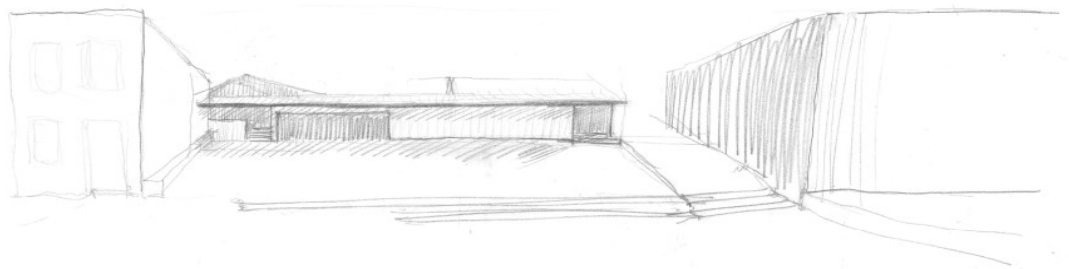
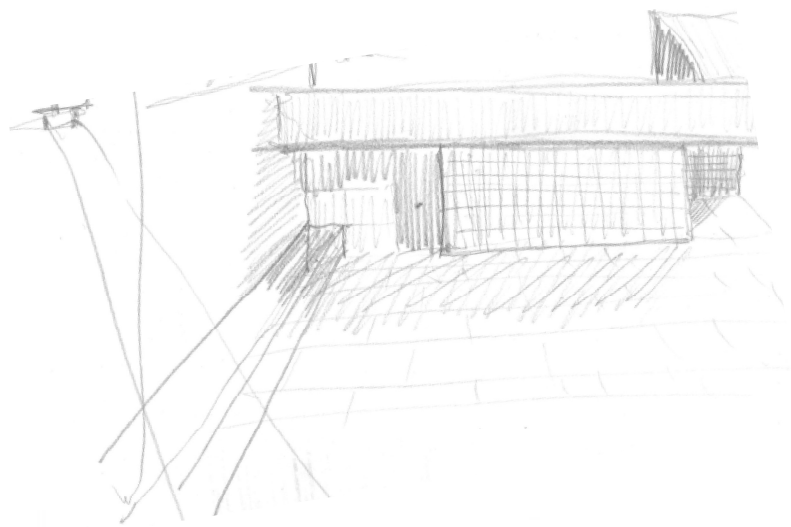
² Este espaço público foi posteriormente local de ensino. Zeno, denominado como “o fenício”, viveu em Atenas toda a vida adulta, tendo estudado em várias escolas filosóficas. Costumava ensinar os seus discípulos em lugares públicos, principalmente na *Poikile stoá*, onde mais tarde fundou o movimento filosófico chamado Estoicismo. Ver em SENNETT, Richard – *Flesh and Stone. The body and the City in Western Civilization*. Londres: Penguin Books, 2002.

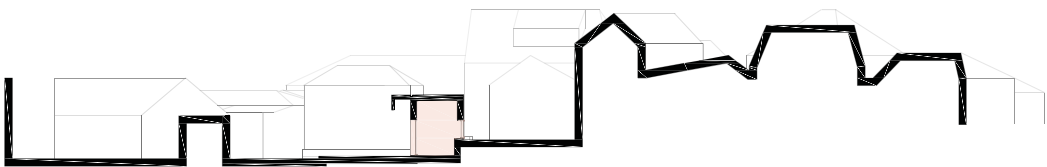
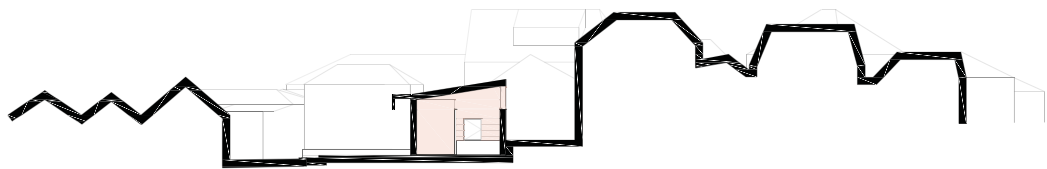
mover encontros. Neste sentido, evoca-se a *Poikile stoá*¹, que representa um lugar arquetípico para a ideia de inclusão e participação, cuja construção não era destinada a um propósito específico, nem à atividade de um grupo particular, mas provia um abrigo e um ponto de encontro fora da praça da *Ágora*, servindo as necessidades da população em geral². A ideia representada pela *Poikile stoa* é interpretada e adquire expressão no desenho da proposta, na tentativa de a dotar de sentido público, recuperando simbolicamente a possibilidade de inscrição na esfera pública, como nos gloriosos tempos do associativismo no Barreiro. Pretende-se que a intervenção se torne progressivamente numa representação da comunidade, e por essa razão não tem uma função específica, sendo capaz de acolher atividades e iniciativas promovidas por indivíduos contagiados pela vontade da *aparição pública*.

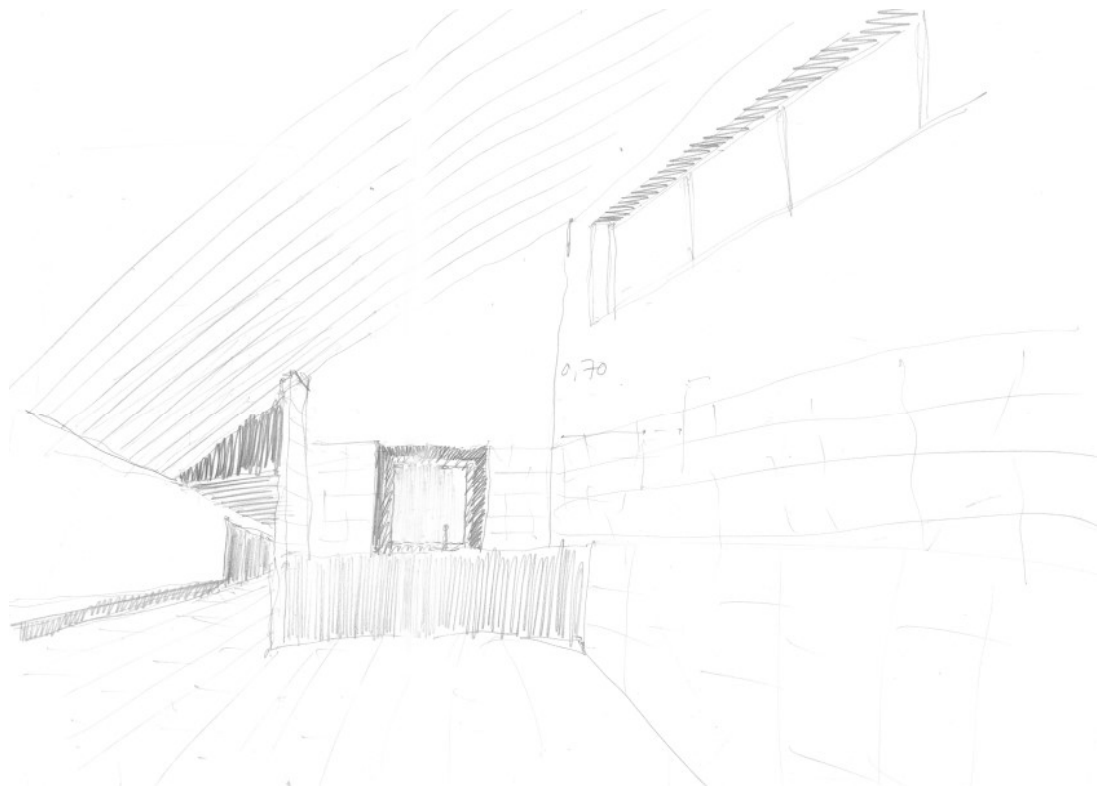


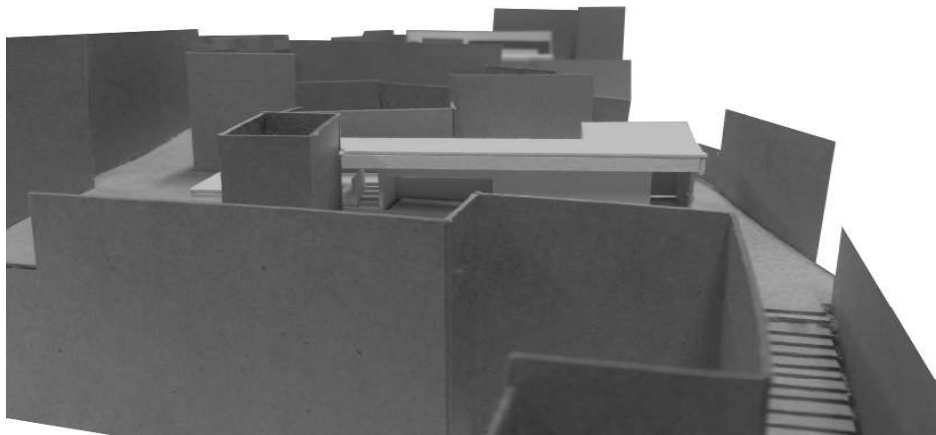


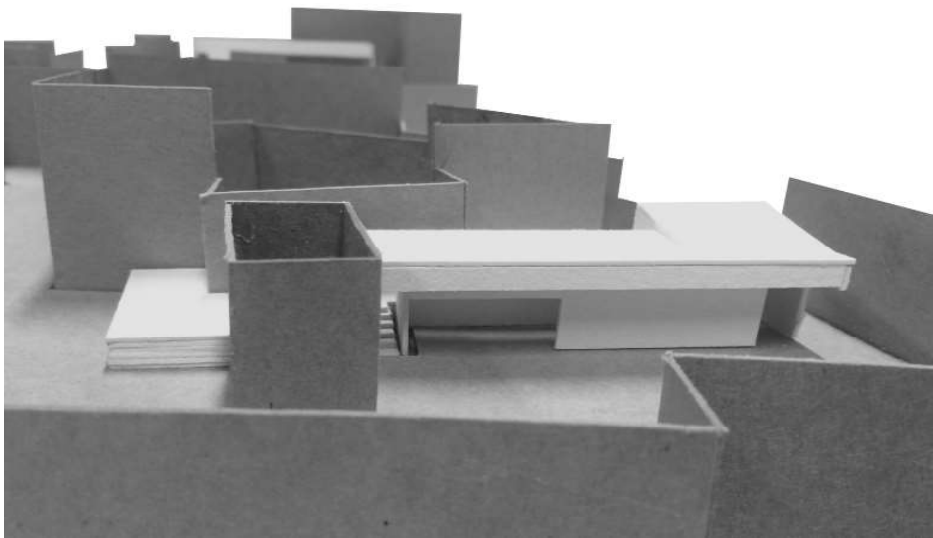


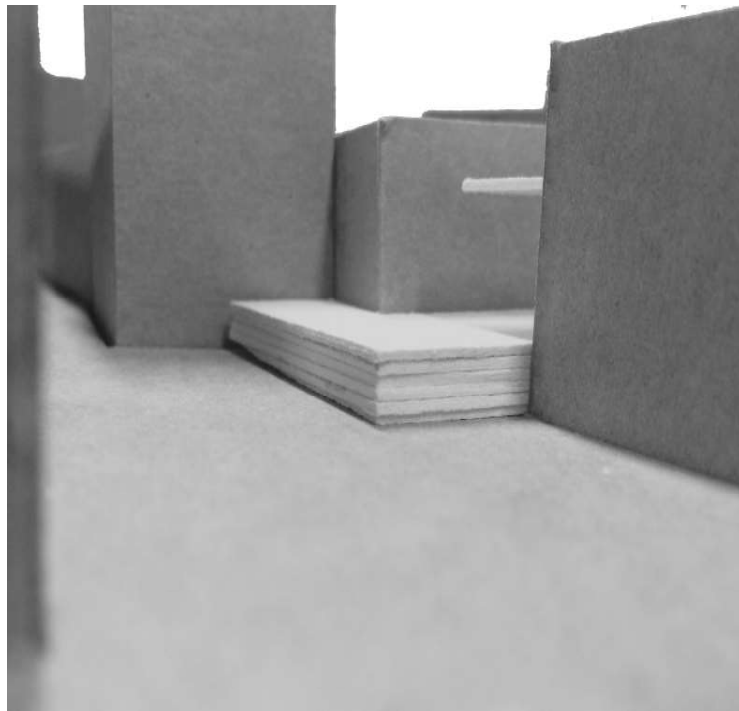






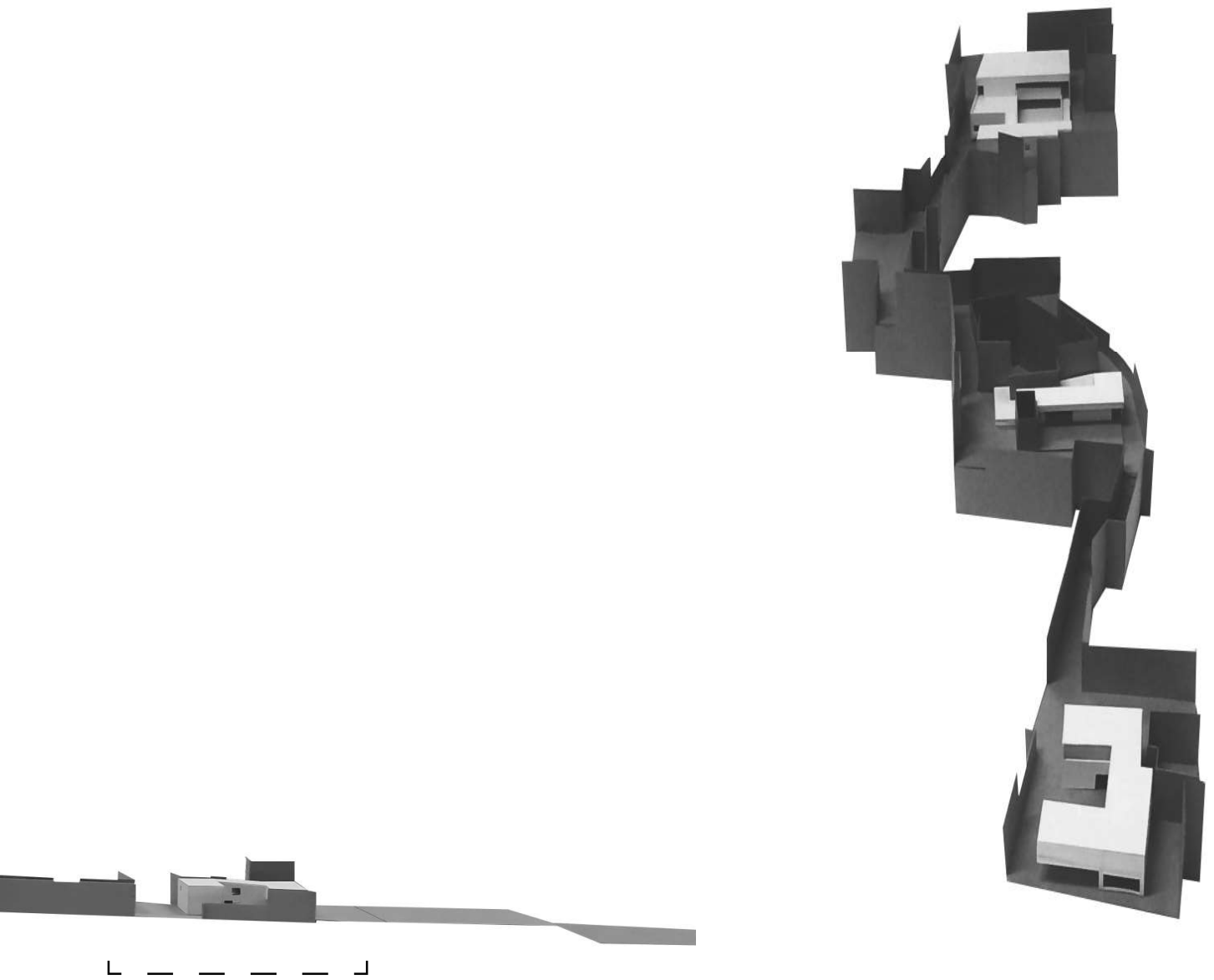
















Página seguinte:

128. Implantação do conjunto habitacional Esc. 1/1000

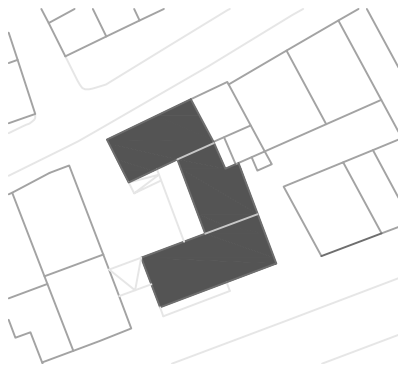
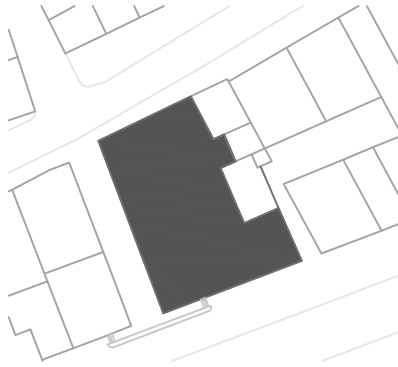
129. Vazio urbano após demolição das habitações Esc. 1/1000

130. Implantação da proposta Esc. 1/1000

4.3.3.A exteriorização da travessa do Loureiro

Na continuidade da travessa do Loureiro, desce-se umas escadas para a cota da frente ribeirinha e, por aí se encontra o rio, ou a visão deste, se o avanço for renitente. O espaço vazio é ladeado pela rua Conselheiro António Augusto Aguiar e pela avenida Bento Gonçalves, sendo o lugar um mediador de duas realidades paralelas e distintas. A primeira rua define um eixo interior no bairro, que o atravessa completamente no sentido nascente/poente. Adjacente ao lugar, o quotidiano da rua anima-se com as crianças que brincam de um lado para o outro, por vezes invadindo o terreno baldio e a imaginada vegetação “selvagem”. Em paralelo, a existência de um café local parece atrair, maioritariamente, jovens em risco. Entre o limite sul do território e o rio existem duas linhas de transição paralelas ao rio, uma primeira determinada pela av. Bento Gonçalves e a segunda por um jardim, com equipamentos desportivos e restauração. A avenida caracteriza-se pelo pontual, mas gradual aparecimento de cafés e restaurantes na frente ribeirinha do bairro, e pelo caráter lúdico e de entretenimento do jardim, que se constitui, regularmente, como um momento de lazer.

O lugar suporta assim uma dualidade de atividades, servindo de intermediário e separação entre as áreas e sujeitos. De acordo com a natureza e sentido do local, estabelece-se como intenção a reunião das realidades num espaço exterior comum, tentando-se obter como resposta a atração dos diversos grupos sociais e a relação dos indivíduos com o espaço que os envolve. Deste modo, assume-se o caráter de abertura da proposta, cujo os espaços interiores, destinados a atividades lúdicas e de lazer para crianças, jovens, adultos e idosos, se distribuem em torno de um pátio que abre para a travessa do Loureiro. Igualmente distribuído entre os dois elementos viários, o pátio centrado compõe a perceção de abertura da proposta e, simultaneamente, o acolhimento do edifício, quer se entre ou não, o indivíduo vê-se envolvido numa experiência comum. Através da fluidez do envolvimento do pátio, compreende-se perceptivamente a distribuição no projeto. A transparência potencia, a partir do elemento central, um ponto de vista sobre o rio, que constitui desde logo um dos primeiros convites à integração do objeto observado.

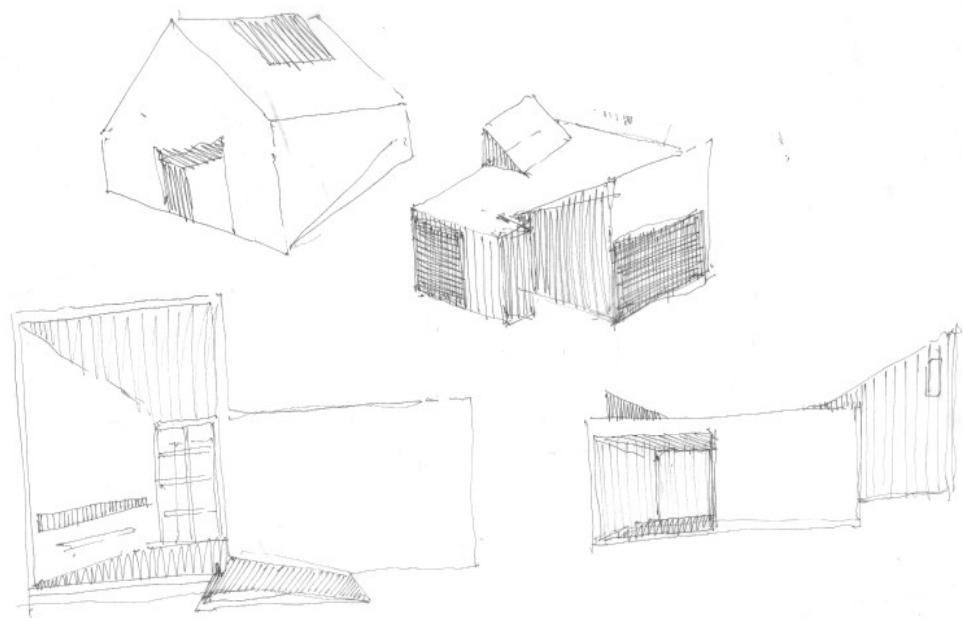


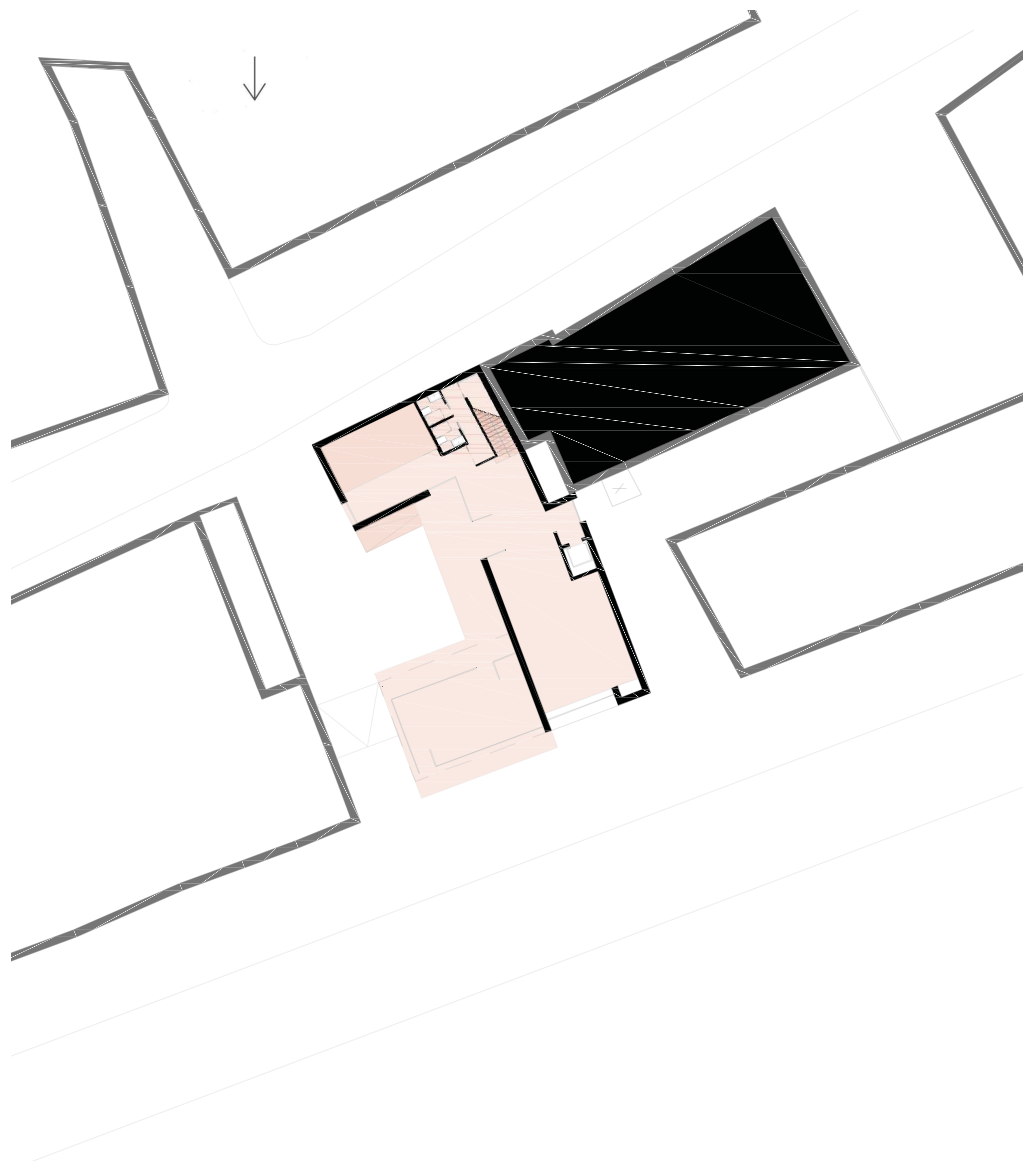
Página seguinte:

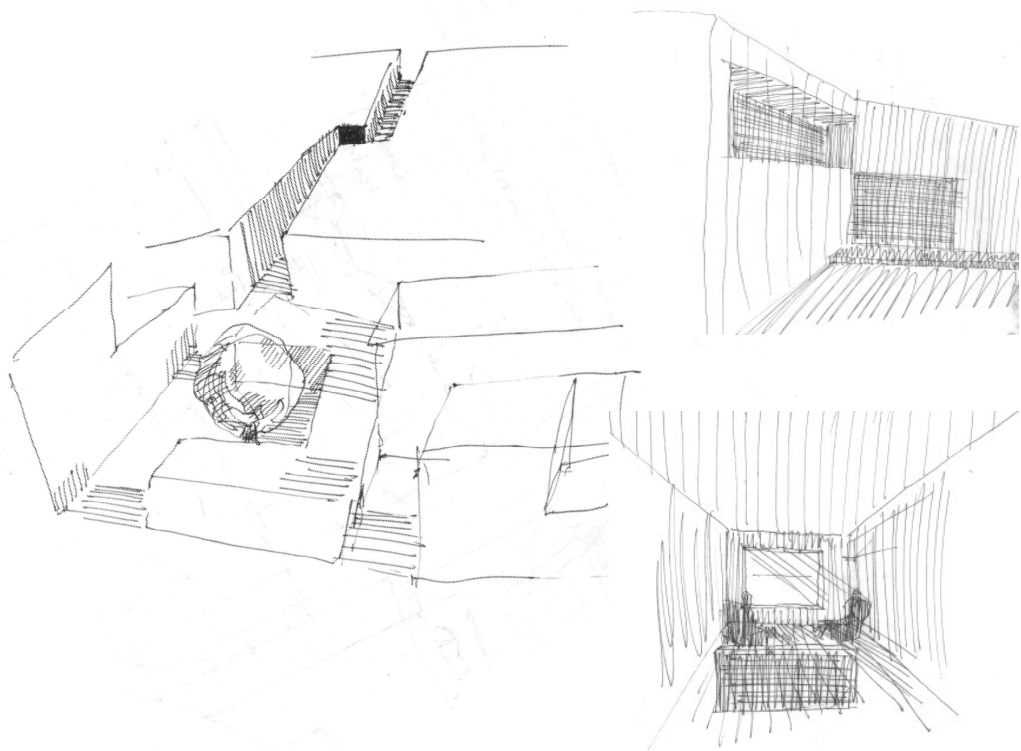
- 131. Perspetivas do projeto Casa de las Ideas, em Tijuana
- 132. Planta piso térreo da proposta Esc. 1/500
- 133. Perspetivas
- 134. Corte e Alçado Esc. 1/500
- 135. Perspetivas da relação com o exterior
- 136. Planta piso I Esc. 1/500
- 137. Perspetiva exterior e do átrio
- 138. Relação da proposta com o bairro e o rio
- 139. Alçado da avenida Bento Gonçalves
- 140. Definição do pátio
- 141. Alçado da rua Aguiar

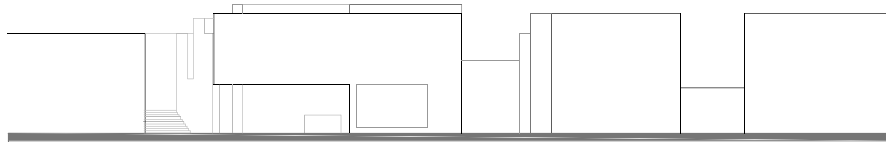
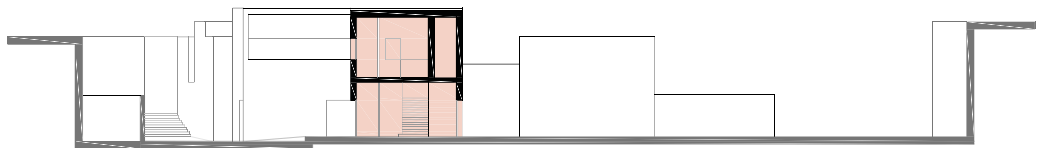
A conceção de um lugar de encontro de diferentes comunidades, conduz ao questionamento da ordem tipológica, que parece não contribuir para tal objetivo. Entende-se que a lógica do espaço circunscreve o tema da biblioteca, mas que esta deve ser recombinada e compor interações funcionais de outra forma. Neste sentido, privilegiou-se um espaço interior coletivo que acolhe diferentes atividades, assim como a sua pele que permite diferentes cenários no exterior, funcionando como um lugar de aprendizagem e troca de informação, extravasando a simples acessibilidade ao serviço e procurando incitar a vida cívica. No desenho da proposta no Barreiro Velho procurou-se definir um espaço matricial em forma de U, aberta para o exterior, suscetível de inscrever as diferentes vontades das pessoas. O pátio descrito como espaço comum e de encontros, é também o *hall* de entrada que recebe os transeuntes e distribui-os pelo restante edifício, garantindo o acesso a todos os espaços. Relacionado diretamente com o pátio e com a avenida Bento Gonçalves define-se, por intermédio da ausência de opacidade, um espaço “transparente” possivelmente comercial, como forma de dinamizar e relacionar os percursos exploratórios de quem passeia. Procura-se que os cenários interiores articulem esses percursos exploratórios, despertando esse sentido através da sensível relação entre a atividade interior e a exterior, compondo uma realidade harmoniosa em que o ponto de contacto entre as atividades quase se dissolve na materialidade transparente. Assim, no piso térreo as interações funcionais resultam num espaço multimédia, passível de acolher aulas, workshops, leitura e acesso ao computador, e um espaço dedicado à imprensa; o piso I dedica-se à literatura de ficção articulada com um pequeno auditório.

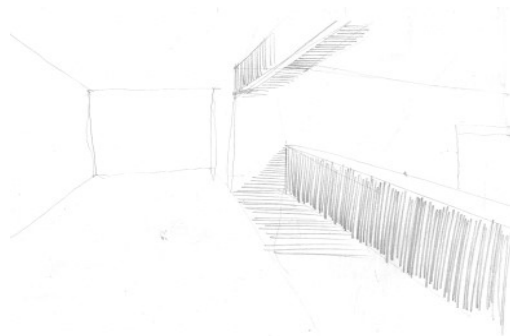
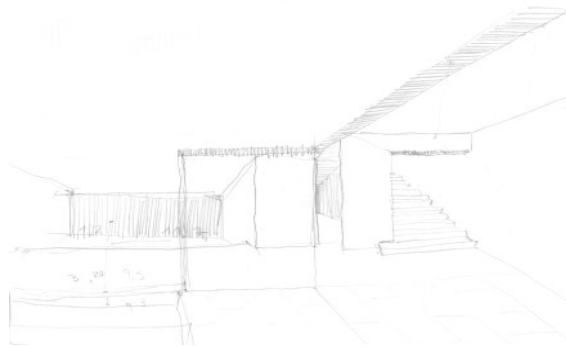
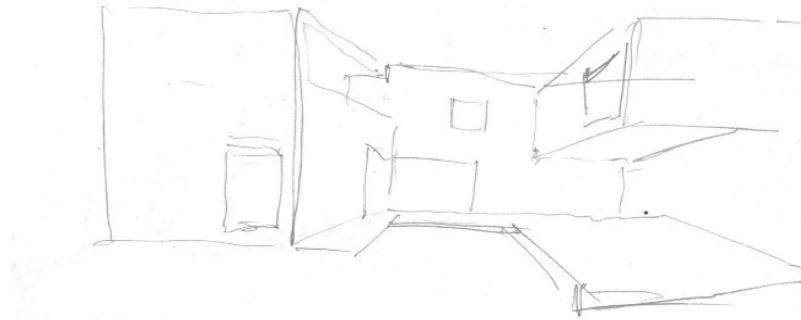
Neste processo de combinação emerge um edifício social destinado à cultura e à educação, promovendo o contacto entre fragmentos, reunindo a diferença ao agregar diferentes usos atrativos e contribuindo como complemento para a esfera pública do bairro.

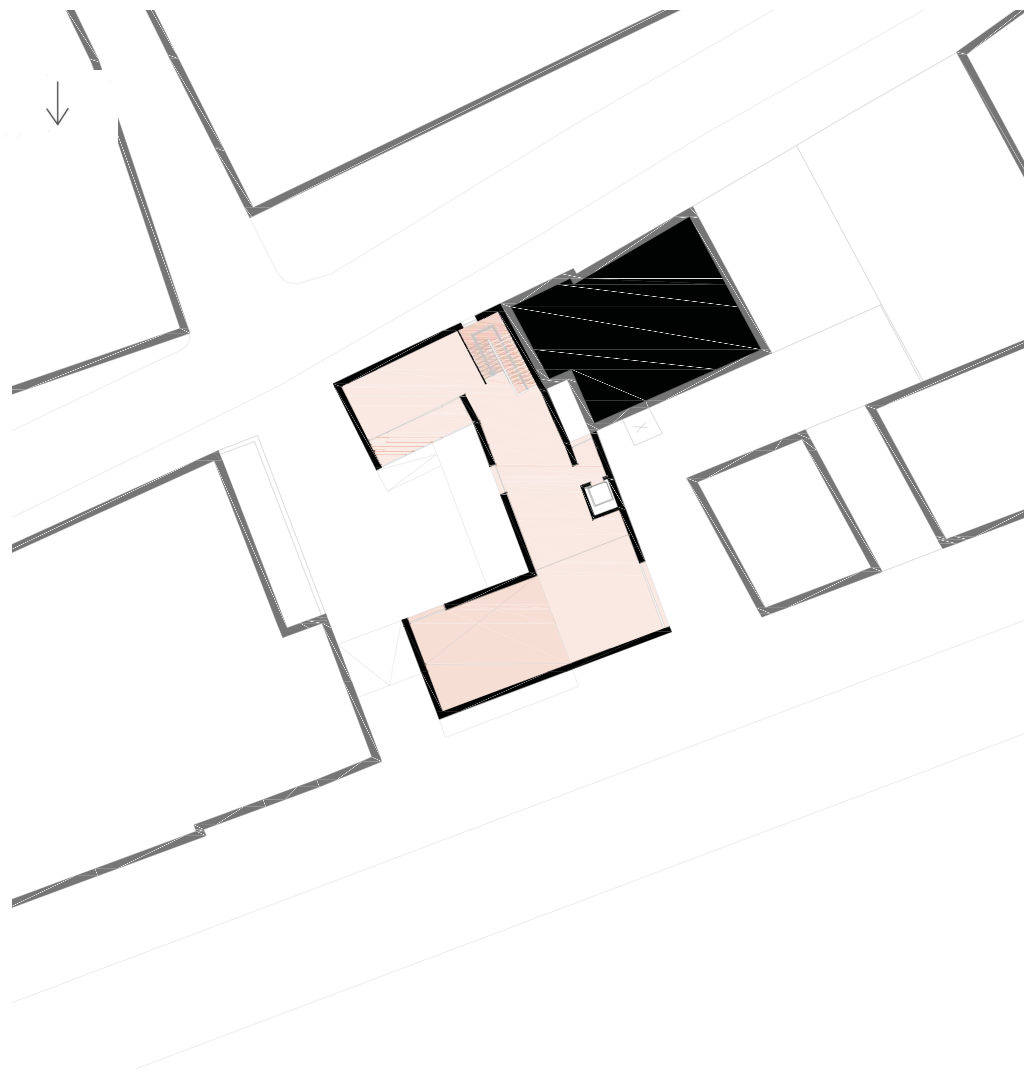


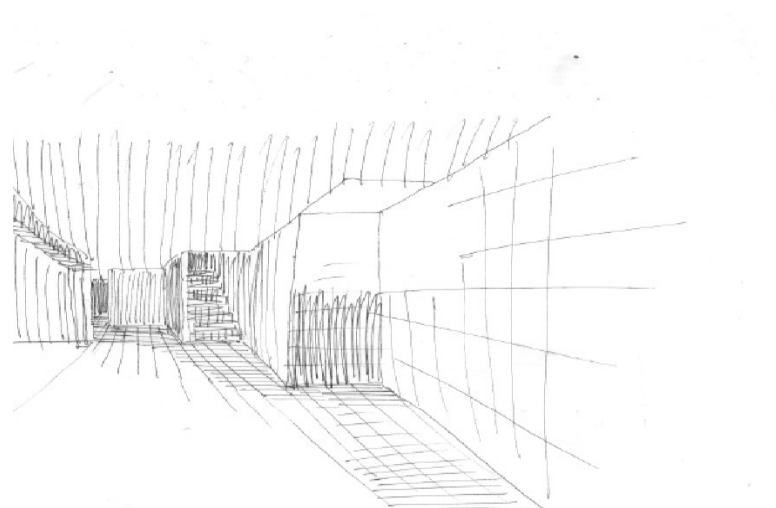


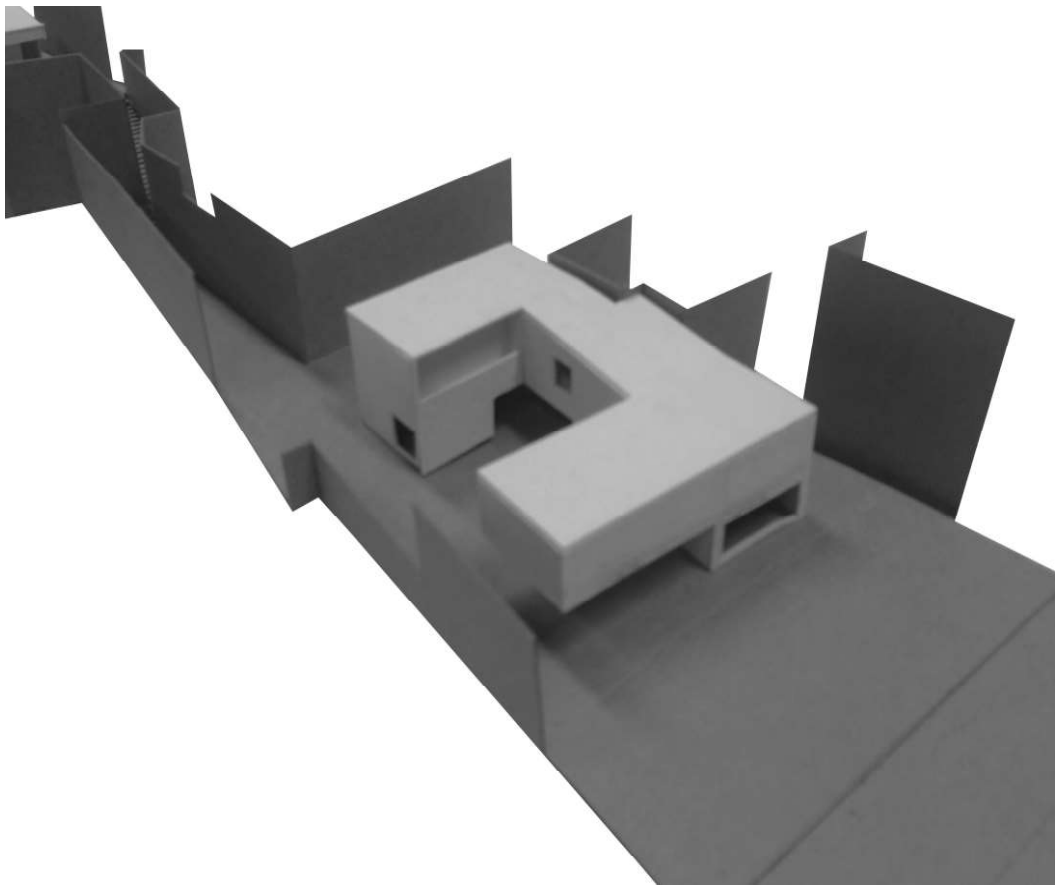


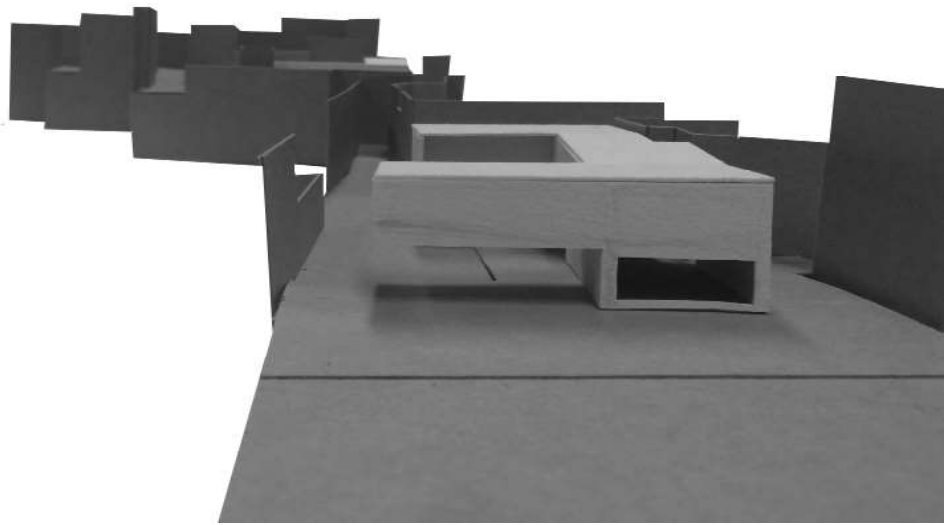


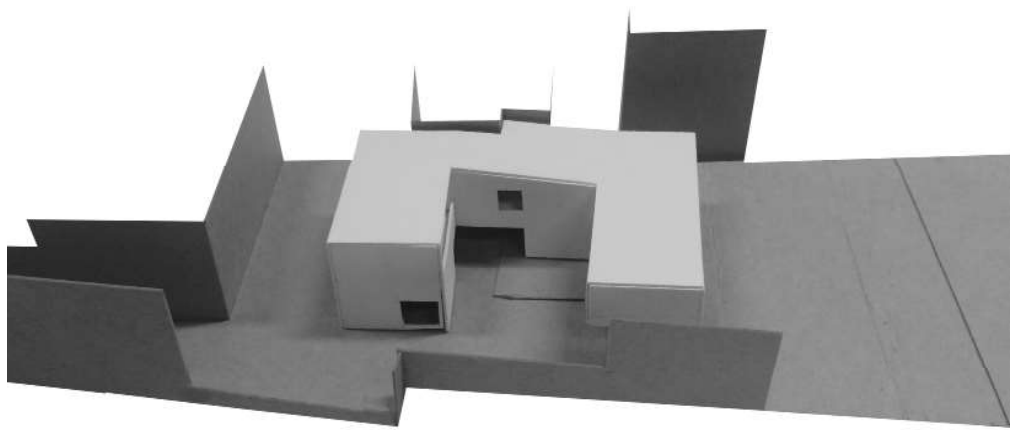


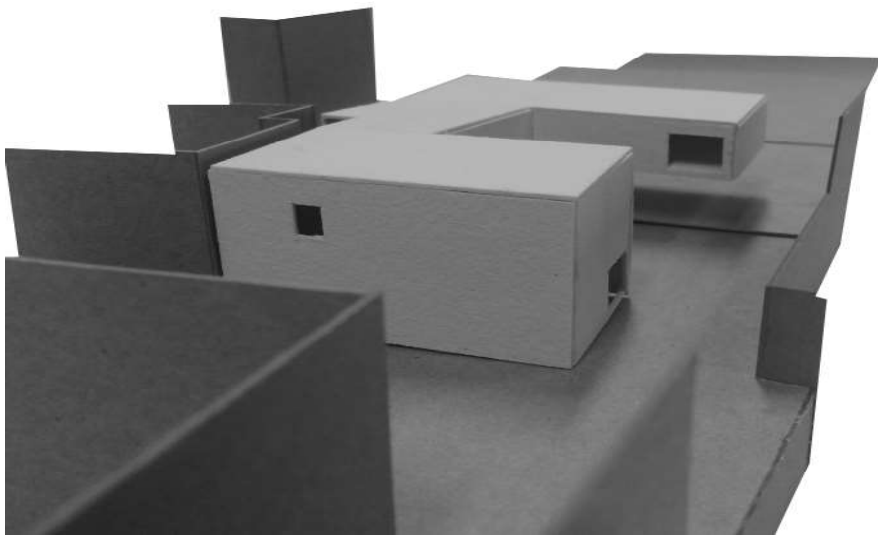


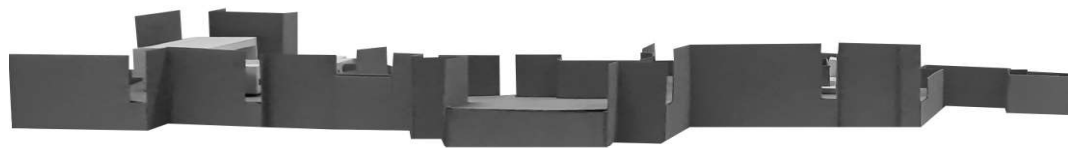


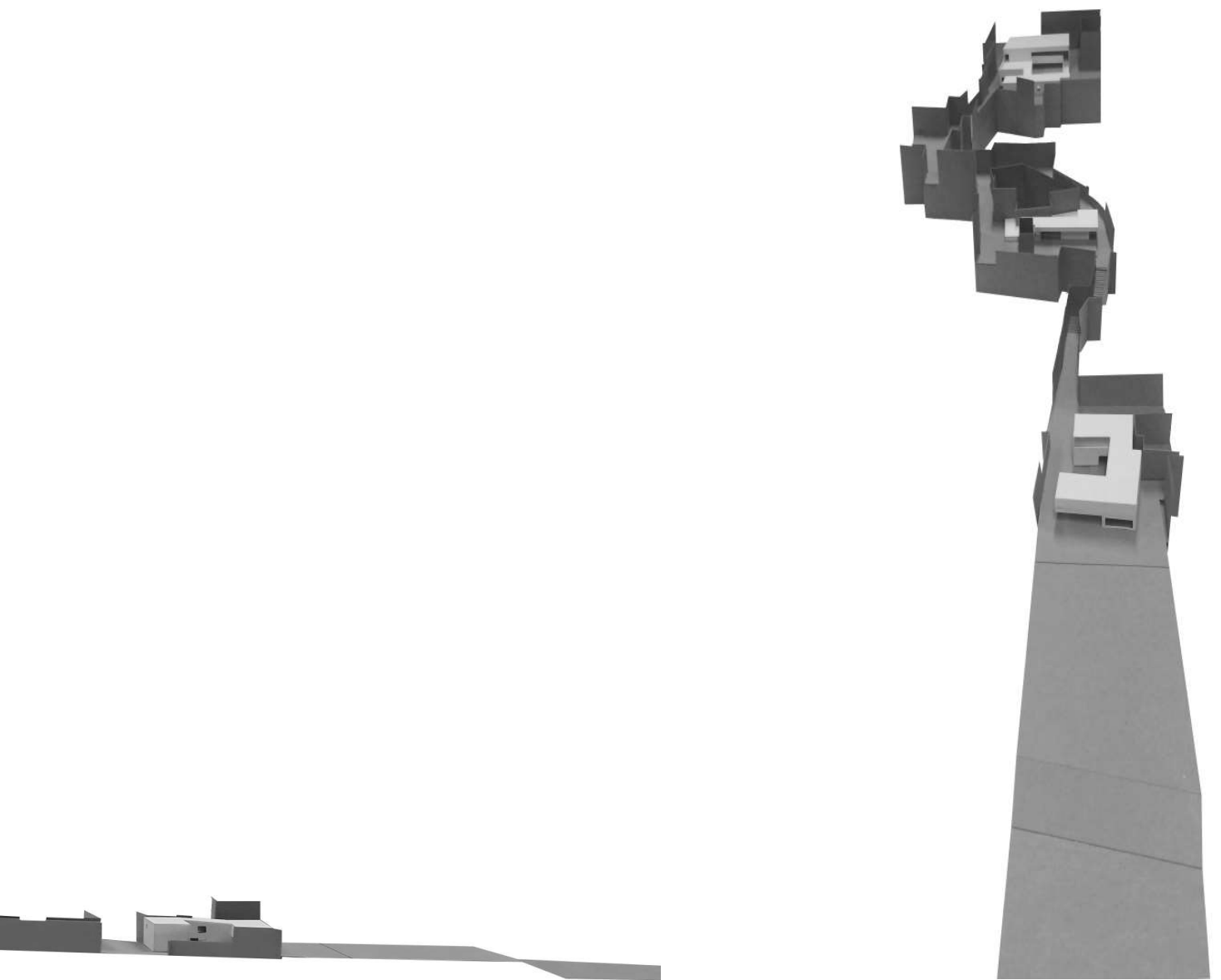












Considerações finais

O argumento do presente PFM desafia a procura de uma proposta arquitetônica que contemple a realidade social e a singularidade da estrutura urbana do bairro do Barreiro Velho, com o objetivo de influenciar as novas apropriações e estimular o encontro entre diferentes comunidades, de modo a diluir as fronteiras no território e a devolver a heterogeneidade das apropriações ao bairro.

Perspetivando a sua valorização e de acordo com o estudo do local, procura-se potenciar momentos de conexão através da introdução de uma narrativa que tem como base o conhecimento no espaço público. Segundo essa intenção, definiu-se a biblioteca como enunciado programático, cuja exploração objetiva o desenvolvimento individual do sujeito, e, em paralelo, pretende estimular o encontro e discussão entre indivíduos de diferentes comunidades (população residente e exterior ao bairro), num território frequentado por população com pouca instrução. Considerando a escala e dinâmica do bairro, entende-se que o projeto de um único edifício que circunscreve o uso da biblioteca, não sustenta o contexto social, cultural e físico do bairro como era espectável segundo os objetivos. Nesse sentido, a “biblioteca” foi fragmentada programaticamente em três unidades funcionais, cuja disseminação e localização em três pontos distintos do bairro se pretende catalisadora de novas atividades e encontros; e que possibilite a diluição dos limites que se constituem como fronteira entre o bairro e a envolvente. A configuração dos dispositivos arquitetônicos no sistema do bairro baseia-se na organização em pátio e na sua particular (e diferenciada) circunscrição como elemento que relaciona a interiorização e exteriorização das propostas com as especificidades do lugar, cuja associação se reflete também na funcionalidade das intenções. O conceito de pátio, na simbiose entre o espaço exterior e o espaço interior, traduziu-se, associadamente, no elemento do átrio no acolhimento do exterior para o interior; e no largo como atração na transição do interior para o exterior.

O espaço público como vínculo entre as partes é considerado o fio condutor entre as três unidades não só através do percurso físico que as une, mas prin-

principalmente pelo impacto que as atividades que decorrem nos edifícios têm nas pessoas que os frequentam e, por conseguinte, no espaço público que percorrem e habitam. Assim, compreende-se que o desenvolvimento de atividades nas três propostas pode desencadear encontros e discussões no espaço público, recuperando o conhecimento na narrativa do bairro e estimulando o sentido de direito coletivo capaz de valorizar o sentido social, cultural, histórico e físico do bairro.

Neste sentido e considerando todas as premissas, conclui-se que através de um projeto arquitetônico que relacione o lugar com quem o habita, não ignorando o contexto que o envolve, é possível contribuir para a valorização do bairro e construir condições para a heterogeneidade social e cultural.

Bibliografia

AAITO, Alvar – From Doorstep to Living Room. [Em linha]. School of Architecture of National Technical University of Athens. Disponível na WWW: <URL: http://courses.arch.ntua.gr/fsr/145063/A.Aalto_From%20doorstep%20to%20living%20room%5B1%5D-1.pdf>

ALMEIDA, Ana – A fábrica e a família: famílias operárias no Barreiro. 2.ª edição. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 1998. ISBN: 972-95121-9-1

ARENDTH, Hannah – A Condição Humana. 10ª edição. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2007. ISBN: 978-85-218-0255-6

BAUMAN, Zygmunt – Confiança e Medo na Cidade. Lisboa: Relógio D'Água, 2006. ISBN: 9789727088935

BORJA, Jordi; MUXI, Zaida – El espacio público: ciudad y ciudadanía. Barcelona: Electa, 2003. ISBN: 84-8156-343-9

LAMAS, José – Morfologia urbana e desenho da cidade. 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. ISBN: 9789723109030

CABRITA, Augusto – O Barreiro na Pintura de Belmiro Ferreira. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 1997.

COELHO, Carlos D. – Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2015.

ECO, Umberto – A Biblioteca. 5ª edição. Lisboa: Difel, 2002. ISBN: 972-29-0608-9

FARIA, Miguel F.; MENDES, José A. - Actas do colóquio internacional Industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro. 1ª edição. Lisboa: EDIUAL – Universidade Autónoma Editora, S.A., 2008. ISBN 978-989-8191-18-2.

FLEIG, Karl – Alvar Aalto. Berlim: Birkhauser, 1999. ISBN: 3-7643-6139-5

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean – A Estetização do Mundo. Viver na Era do

Capitalismo Artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

MENDES, M. e MAGAMO, O. – Ciganos Portugueses. Olhares Plurais e Novos Desafios Numa Sociedade de Transição. Lisboa: Mundos Sociais, 2013. ISBN: 978-989-8536-26-6

MENEZES, Marluci - Espaço Público Urbano e Práticas Socioculturais de uso, sua apropriação e representação. Lisboa: LNEC, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice – Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999. ISBN: 85-336-1033-5

NÓVOA, António – O espaço público da educação: Imagens, narrativas e dilemas. Espaços de Educação, Tempos de Formação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. ISBN: 972-31-0956-5

OLIVEIRA, Francisco – O Intelectual, Conhecimento e Espaço Público. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. ISSN 1413-2478 (2001) 125-132

PAIS, Armando – O Barreiro Antigo e Moderno. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 1963

PALLASMA, Juhani – The Eyes of The Skin. Londres: Academy, 1996. ISBN: 1-85490-439-6

PAVEL, Fabiana – Transformação Urbana de uma. Área Histórica: O Bairro Alto. Reabilitação, Identidade e Gentrification. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2015. Tese de Doutoramento

ROBERTSON, D.S. – Arquitectura griega y romana. Madrid: Cátedra, 1988. ISBN: 84-376-0269-6

SENNETT, Richard – Flesh and Stone. The body and the city in Western Civilization. Londres: Penguin Books, 2002. ISBN: 0-141-00759-1

TÁVORA, Fernando – Da Organização do Espaço. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2008

TUOMI, Timo; PAATERO, Kristiina; RAUSKEE, Eija - Alvar Aalto in Seven Buildings. Interpretation of an architect's work. Helsinquia: Museu de Arquitetura Finlandesa, 1998. ISBN: 952-5195-02-3

Manual

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO – Programa de Reabilitação Urbana Barreiro Antigo. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 2007

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO – Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 2011

Artigo

CASTRO, Alexandra – Ciganos e Habitat: entre a itinerância e a fixação. Sociologia – Problemas e práticas. Lisboa: CIES-ISCTE / CELTA, 1995

MOURA, Dulce [et. al] – A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para a formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN. Lisboa, 2005

MENDES, Manuela – Etnicidade cigana, exclusão social e racismos. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ISSN: 0872-3419. (1998) 207-246

SERDOURA, Francisco – As Dimensões do Espaço Urbano Público. ARTiTEXTOS. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. ISBN: 978-972-9346-03-3 (2007)

HORTA, Bruno – O Frágil abriu há 30 anos. Lisboa: Time Out Lisboa, (20 Set. 2018). ISSN: 1711-7976

WEBGRAFIA

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO – Planeamento, Ambiente, Mobilidade, Gestão e Regeneração Urbana [Em linha]. Barreiro: Ordenamento do Território e Urbanismo [consult. 20 Set. 2018]. Disponível na WWW: <URL:https://www.cm-barreiro.pt/pages/556>

CAPOTE, Charles - A Condição Humana/Hannah Arendt 01 – Resumo <https://www.youtube.com/watch?v=3DVCqjXiHA>

NASCIMENTO, Luís – Dos dias gloriosos do Barreiro Velho ao abandono das casas e à tristeza dos que ficaram [Em linha]. Lisboa: Público [consult. 3 Jan. 2018]. Disponível na WWW: [URL:https://www.publico.pt/2014/08/31/local/noticia/dos-dias-gloriosos-do-barreiro-velho-ao-abandono-das-casas-e-a-tristeza-dos-que-ficaram-1668111](https://www.publico.pt/2014/08/31/local/noticia/dos-dias-gloriosos-do-barreiro-velho-ao-abandono-das-casas-e-a-tristeza-dos-que-ficaram-1668111)

MACEDO, Artur C. – Barreiro [Registo vídeo]. Lisboa: Cinemateca, 1928. [consult. 14 Out. 2018]. Disponível na WWW: <[URL:http://www.cinemateca.pt/cinemateca-digital/Ficha.aspx?obraid=7779&type=Video](http://www.cinemateca.pt/cinemateca-digital/Ficha.aspx?obraid=7779&type=Video)>

ROSAS, Fernando – História a história – A CUF do Barreiro, um século de indústria [Registo vídeo]. Lisboa: RTP/Gardens Films, 2015. [consult. 22 Jun. 2018]. Disponível na WWW: [URL:http://ensina.rtp.pt/artigo/cuf-barreiro-seculo-industria/](http://ensina.rtp.pt/artigo/cuf-barreiro-seculo-industria/)

<https://visit.alvaraalto.fi/en/destinations/alvar-aalto-in-seinajoki/>

<https://www.archdaily.com.br/br/877675/classicos-da-arquitetura-camara-municipal-de-saynatsalo-alvar-aalto>

<https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=100861>

<https://www.archdaily.com.br/br/01-50705/classicos-da-arquitetura-casa-experimental-muuratsalo-alvar-aalto>

http://www.casadelasideas.org/casa_de_las_Ideas.php

<https://www.archdaily.com/571046/casa-de-las-ideas-library-crostudio>

<https://www.facebook.com/municipio.barreiro/videos/2016926838558232/>

- 142. Biblioteca Municipal de São Lázaro
- 143. Biblioteca Municipal de Belém
- 144. Biblioteca Municipal das Galveias

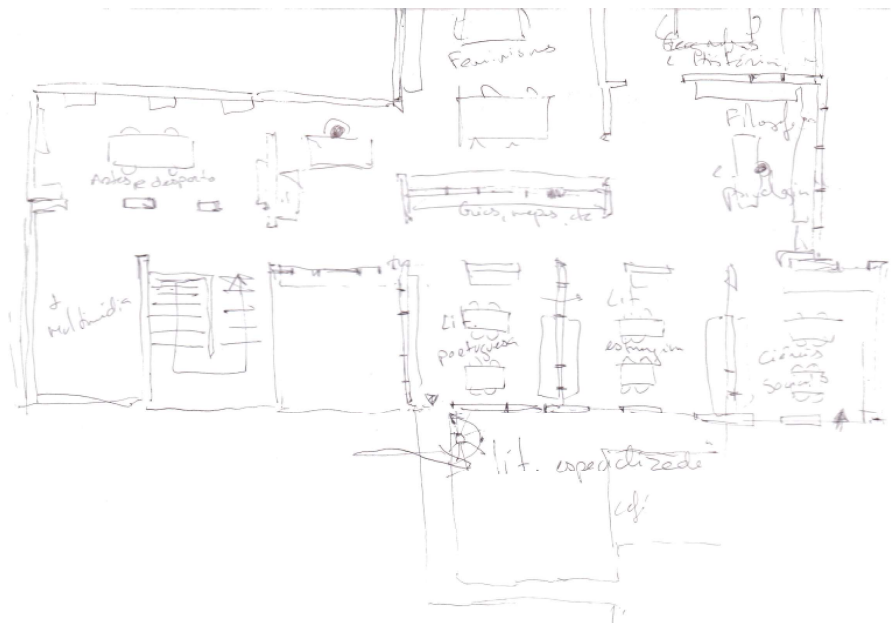
Página seguinte:

- 145. Esboço da distribuição da biblioteca de Belém
- 146. Esboço biblioteca

Anexos

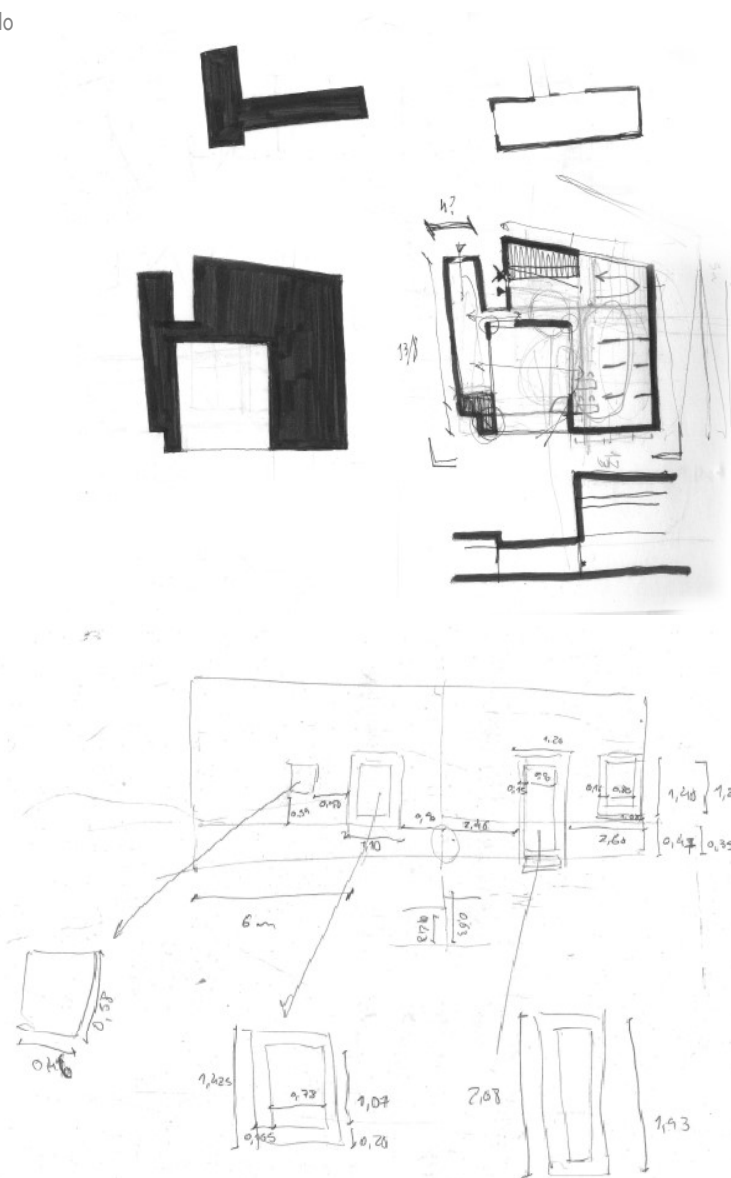
Estudos



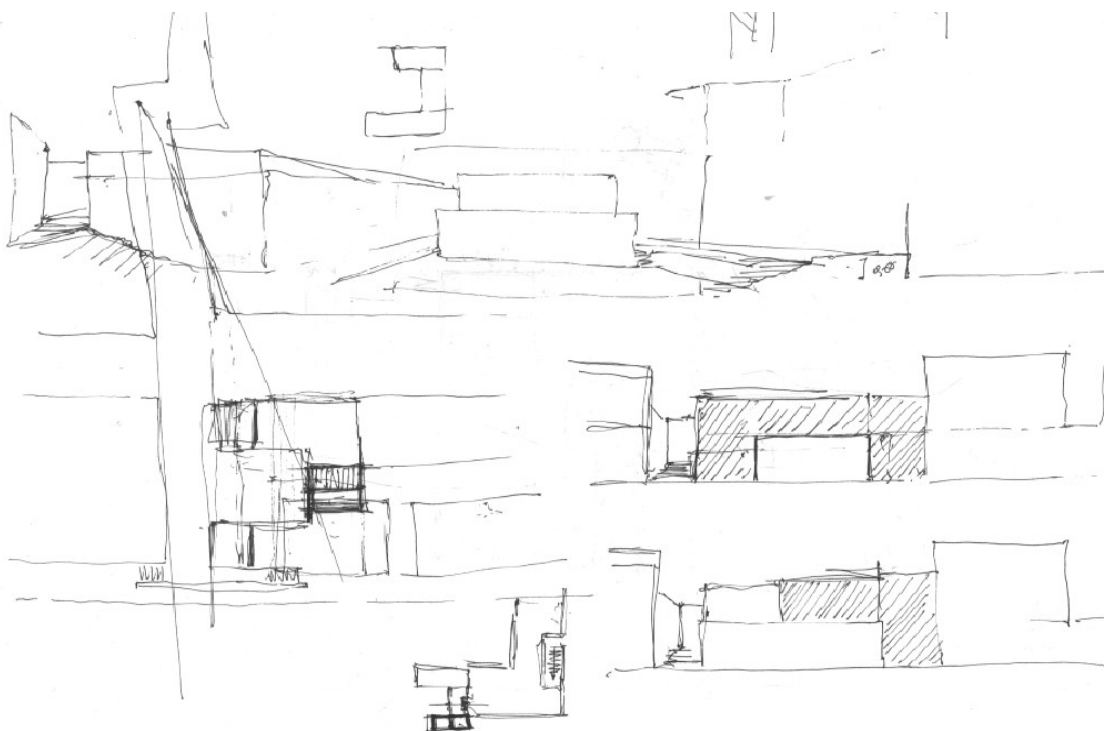


CRID San Miguel Capatzen / OCA
 Capatzen, Guatemala
 11/3/2016

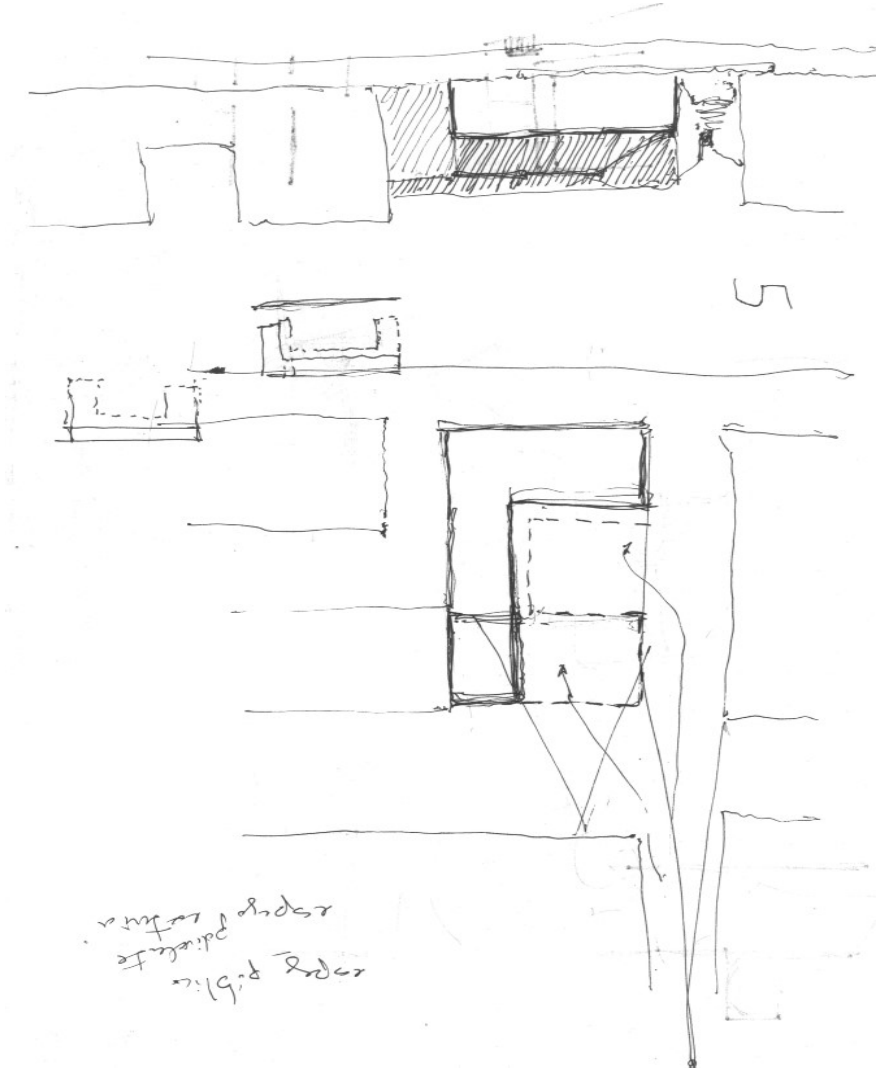
147. Esquissos do projeto na travessa do Alto do Hospital

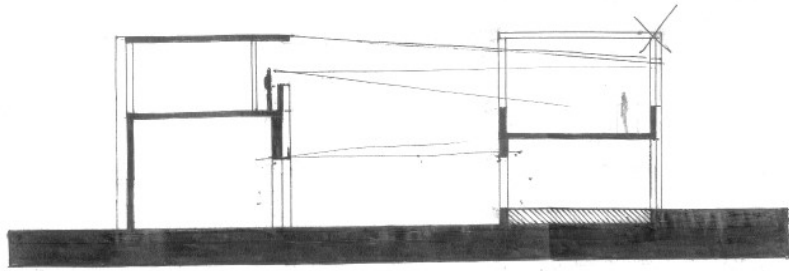


148. Esquissos do projeto na travessa do Loureiro

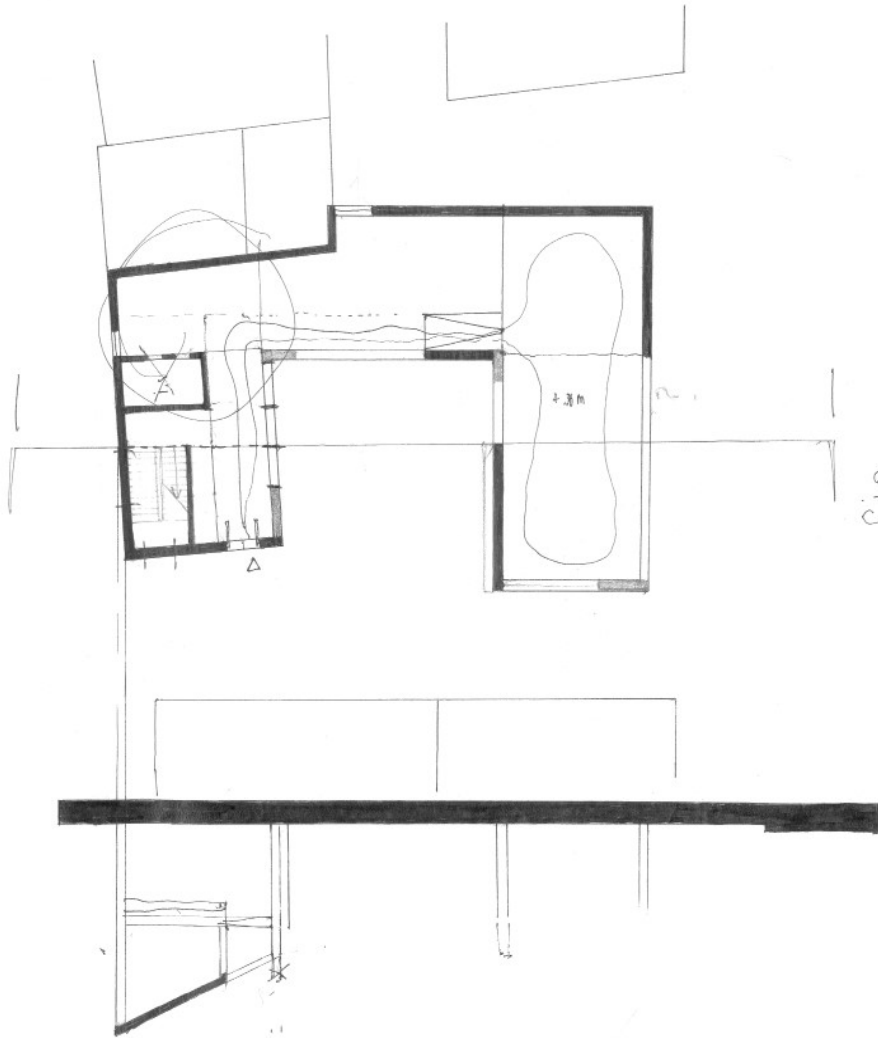


149. Esquissos do projeto na travessa do Loureiro



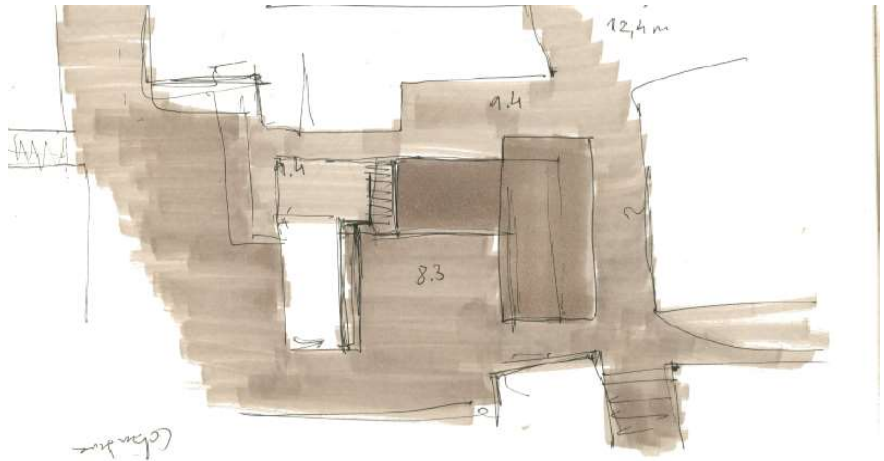


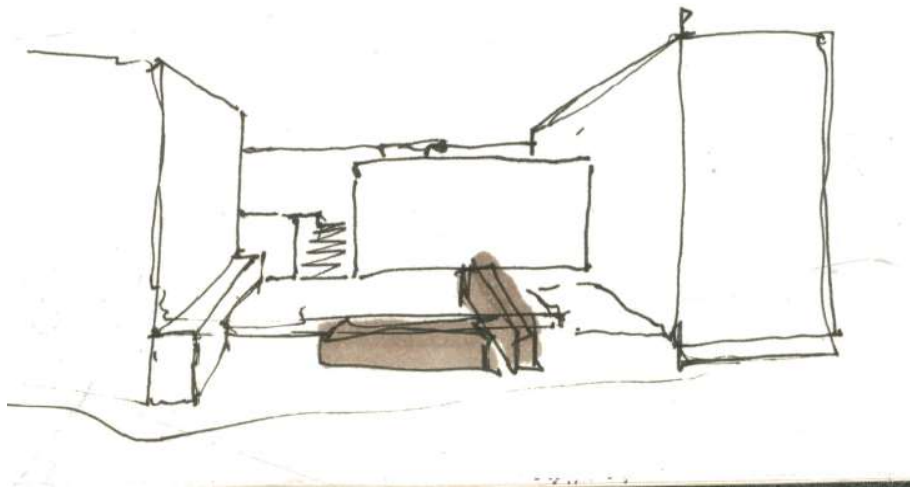
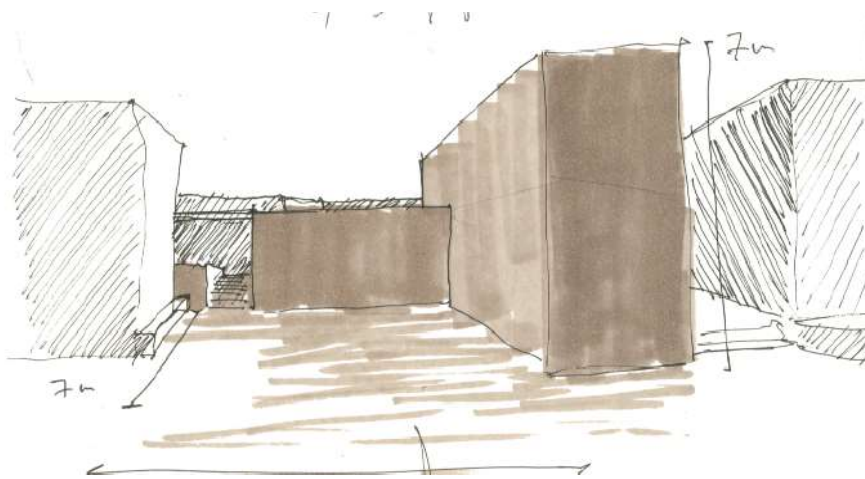
N



Pio

150. Esquissos do projeto na rua Almirante Reis







151. Estudo de sombra à tarde Esc. 1/2000

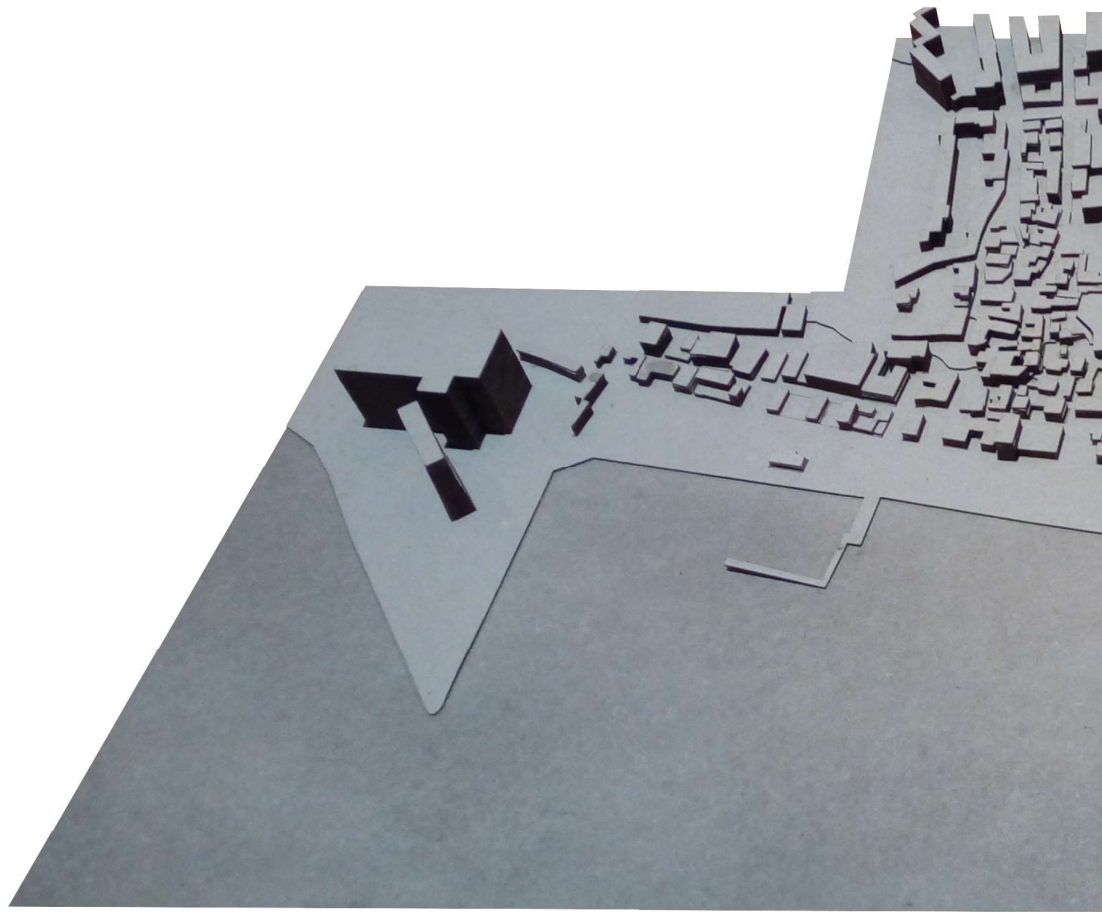


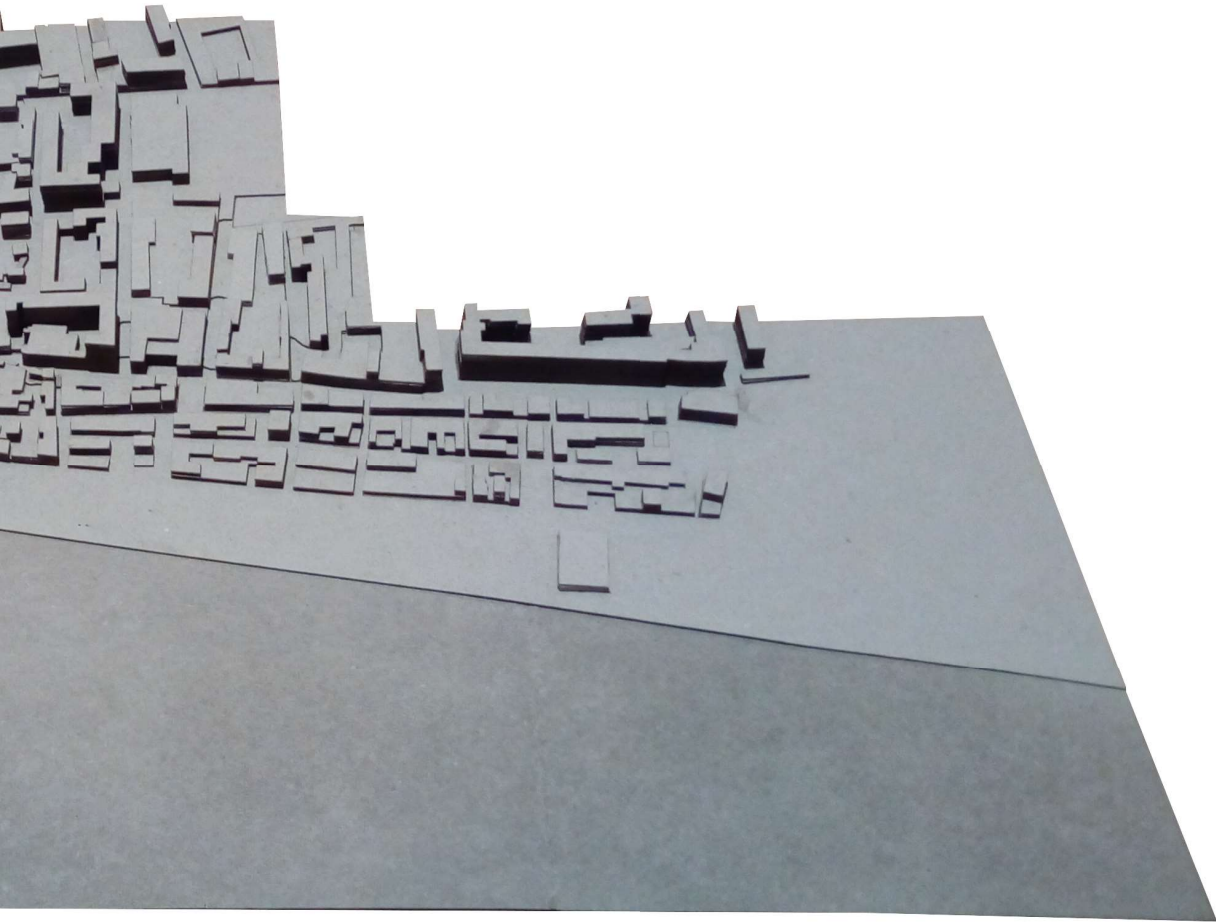


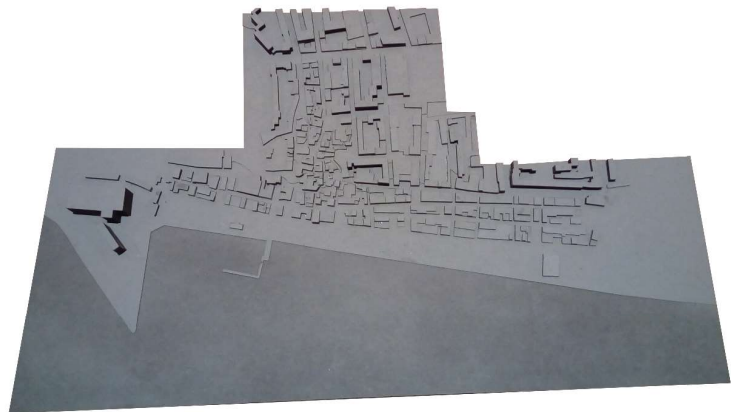
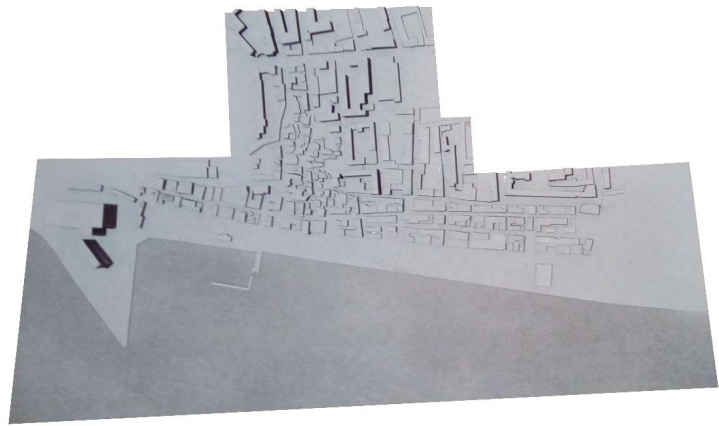
152. Estudo de sombra de manhã Esc. 1/2000



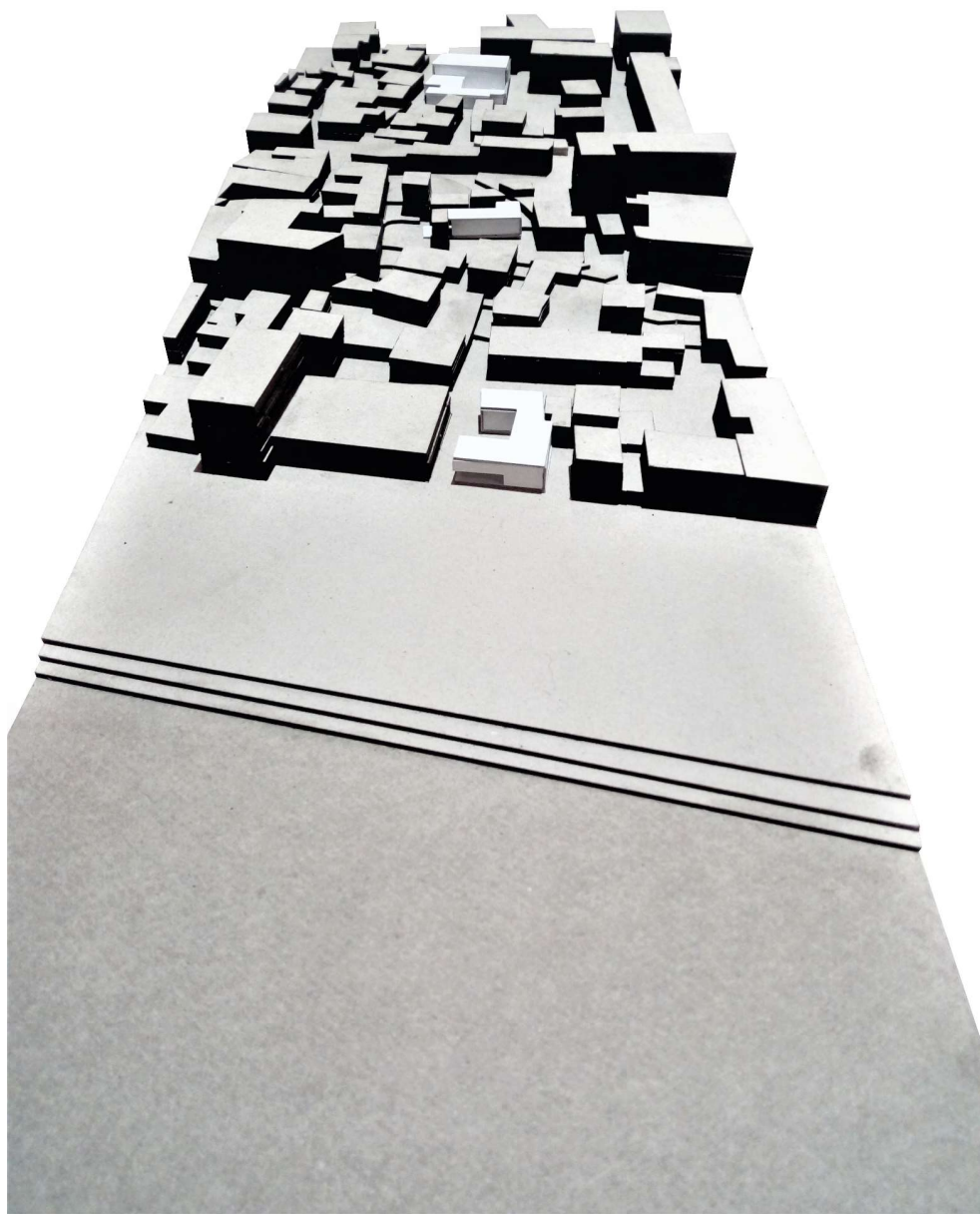
Maquetes

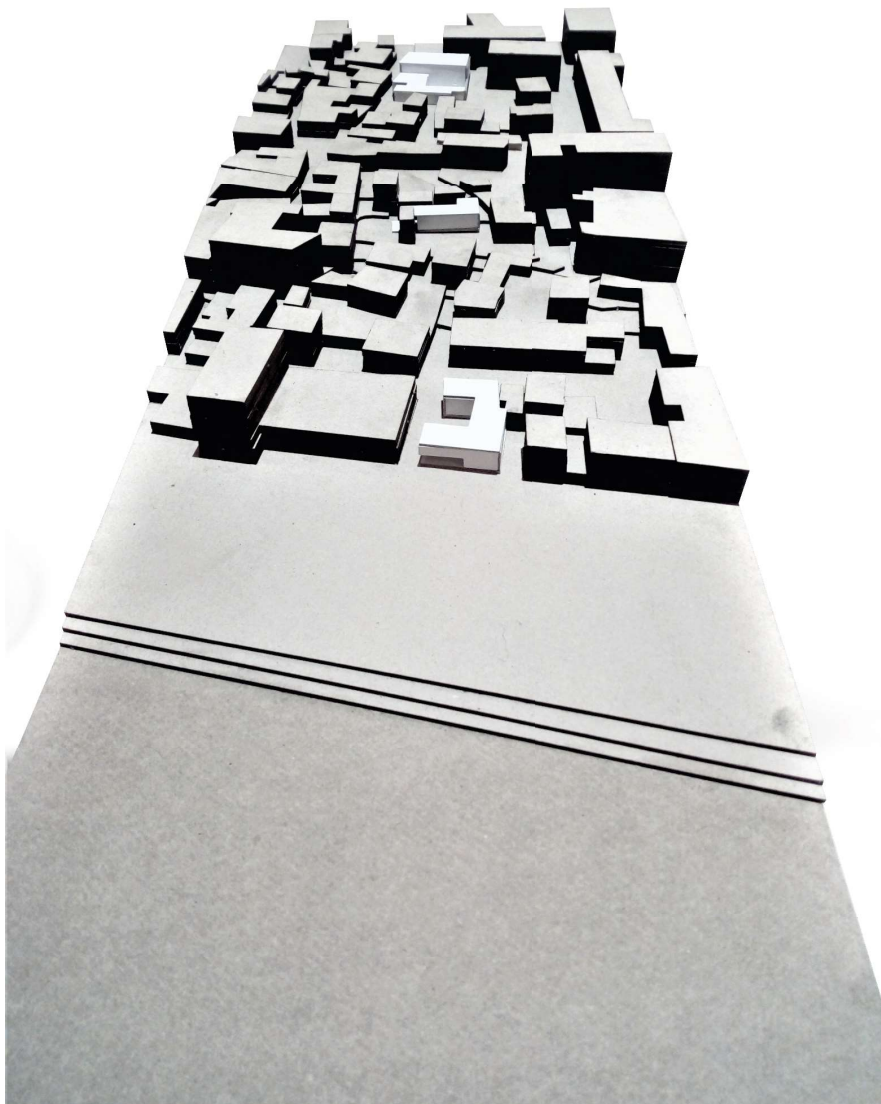


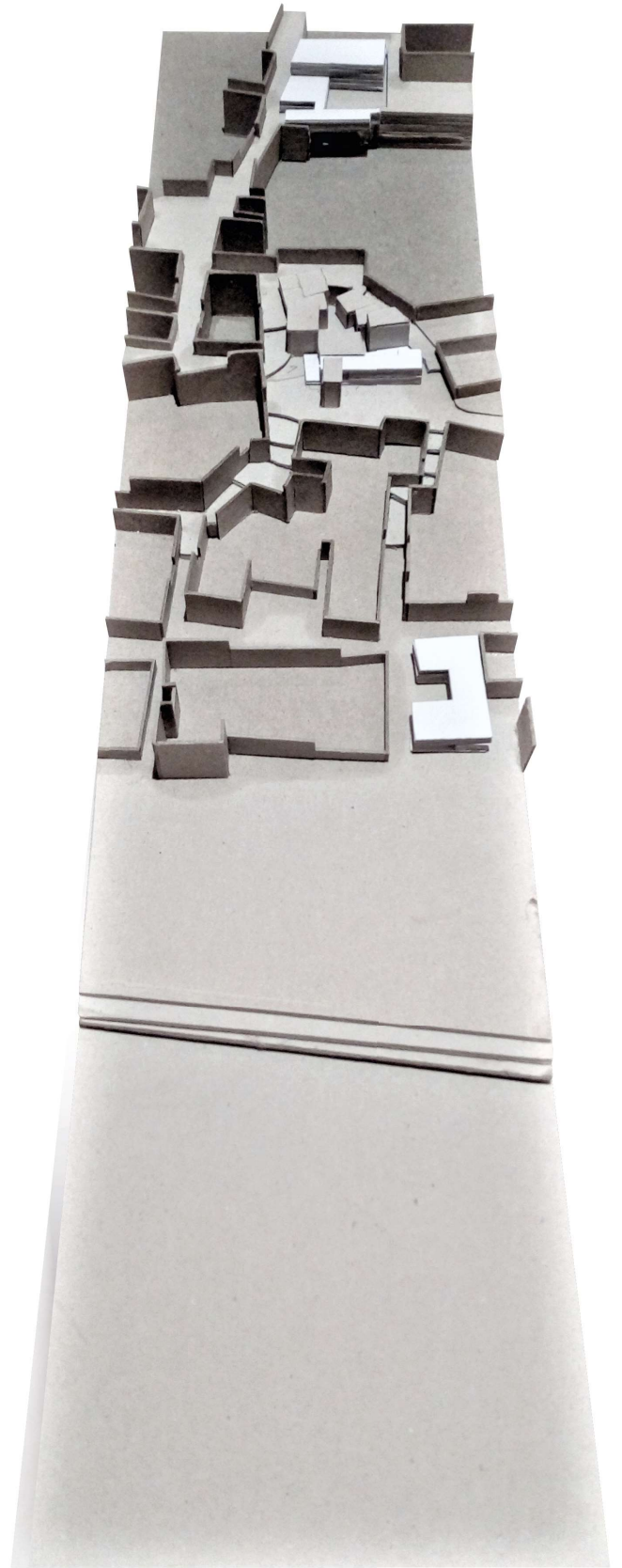
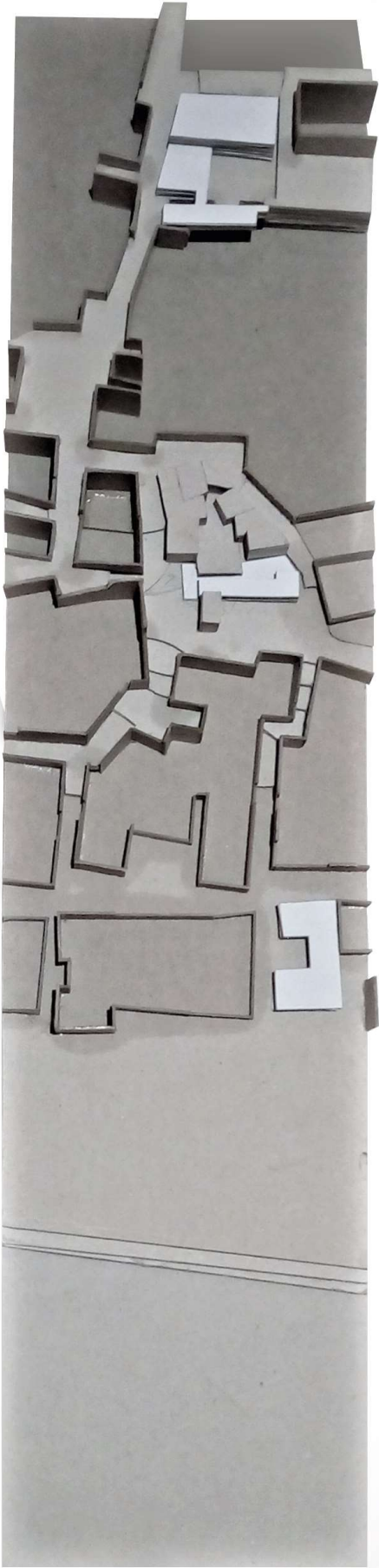




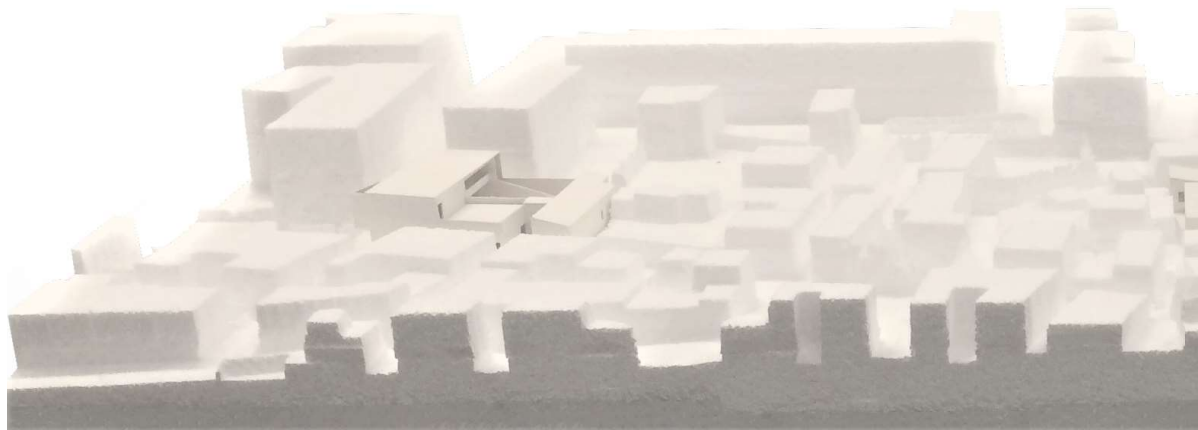
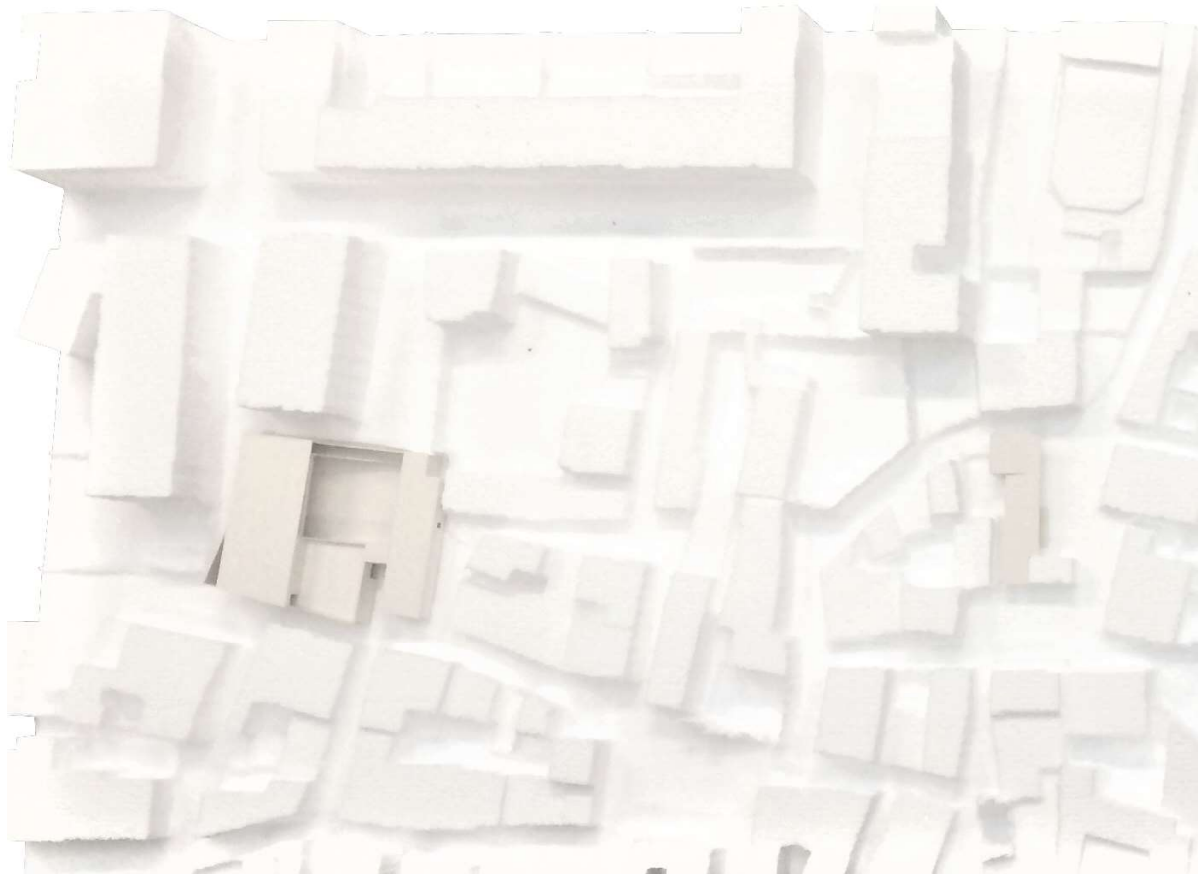


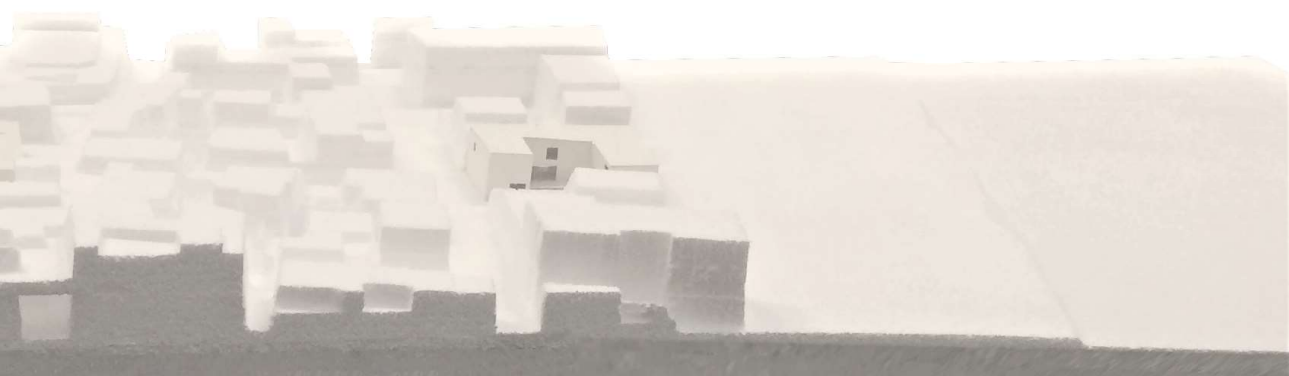
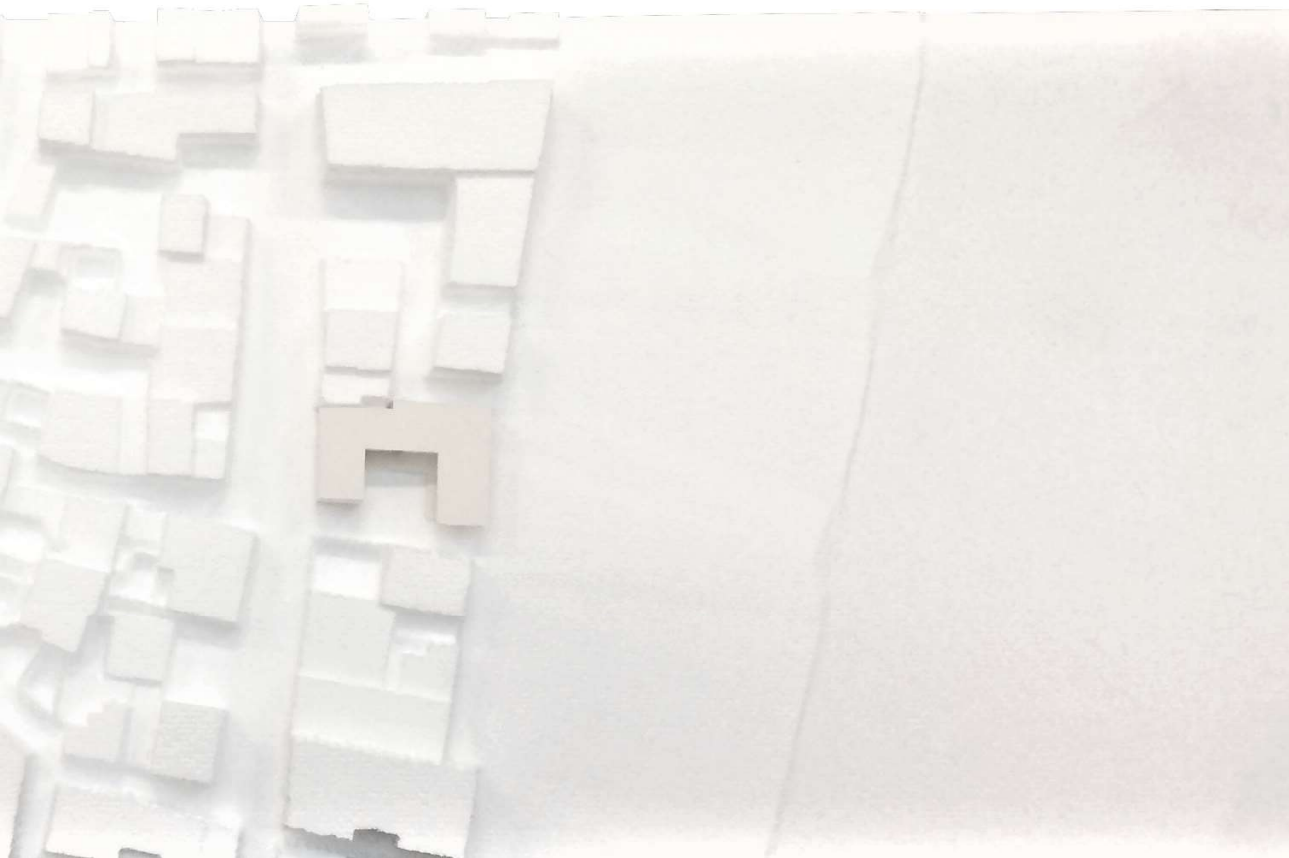




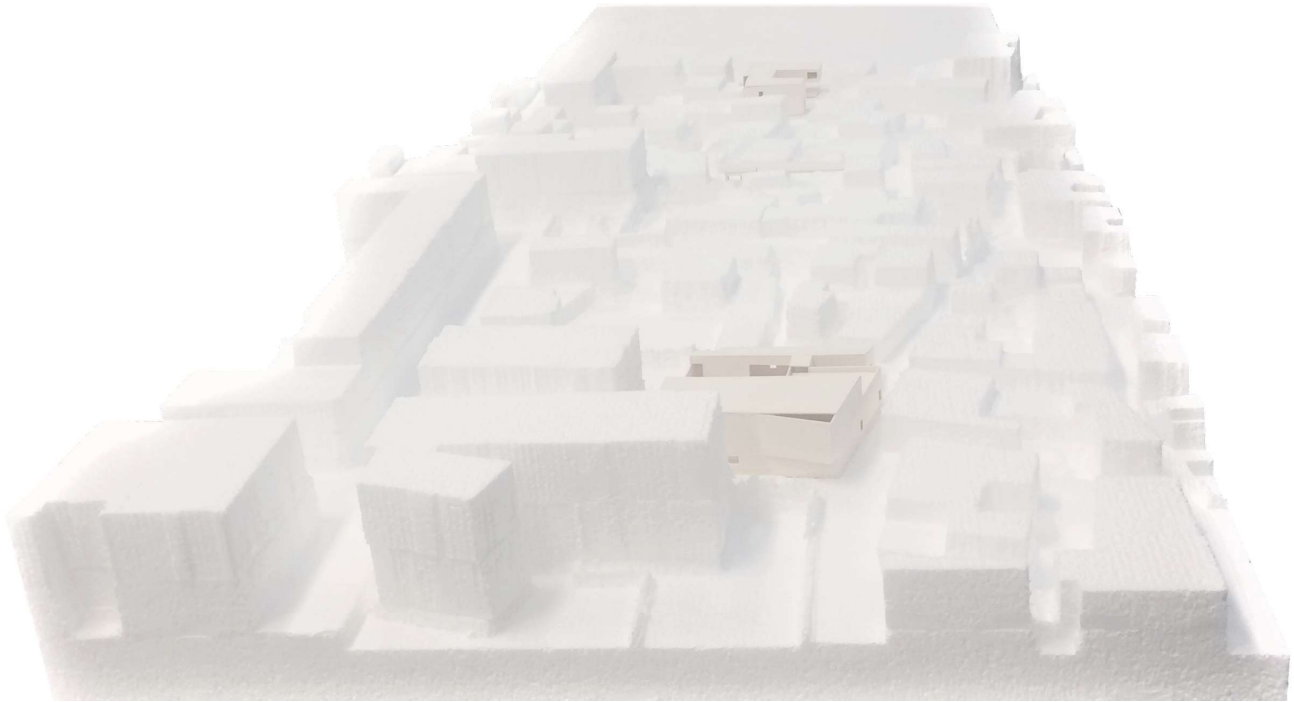


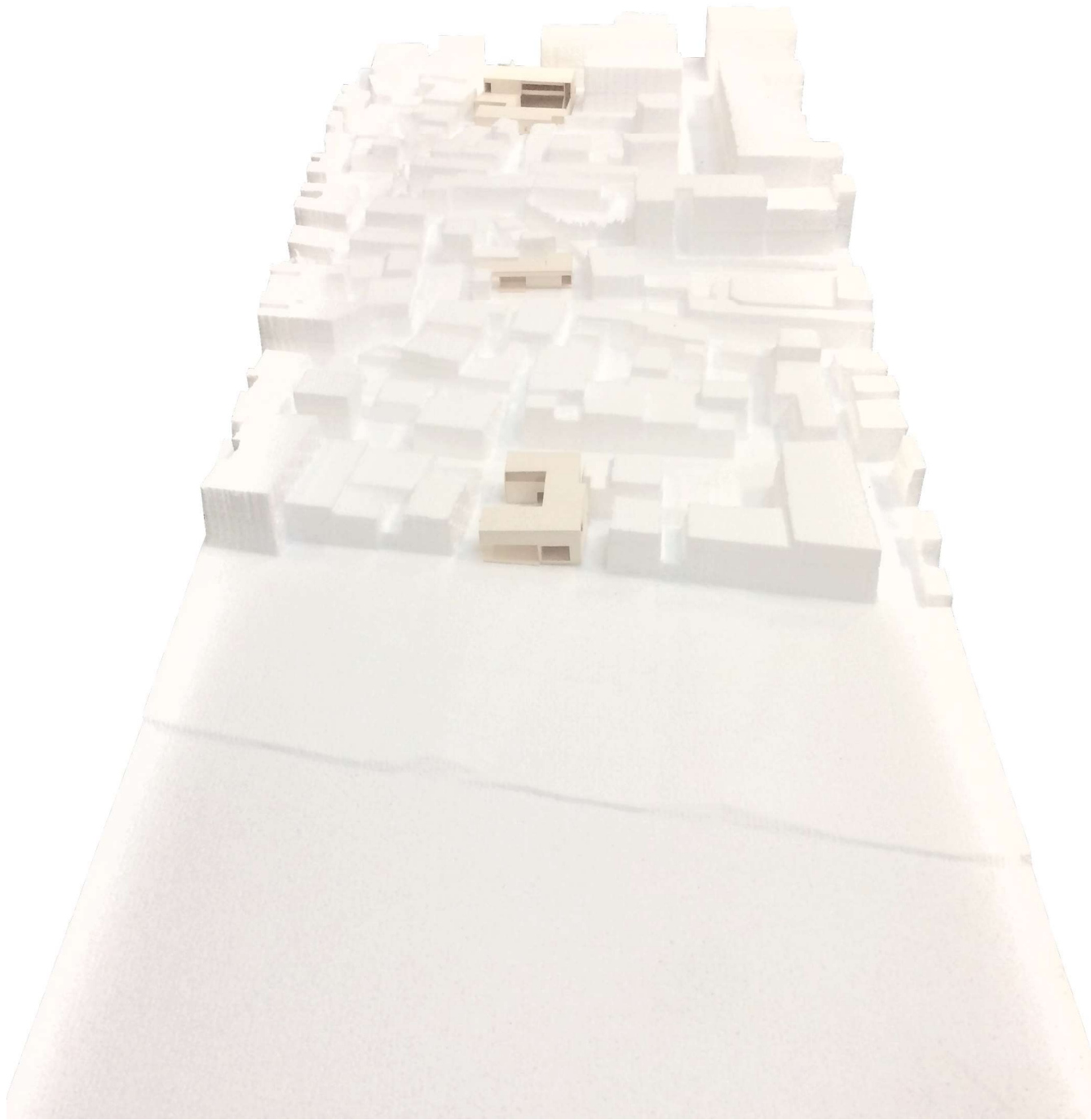


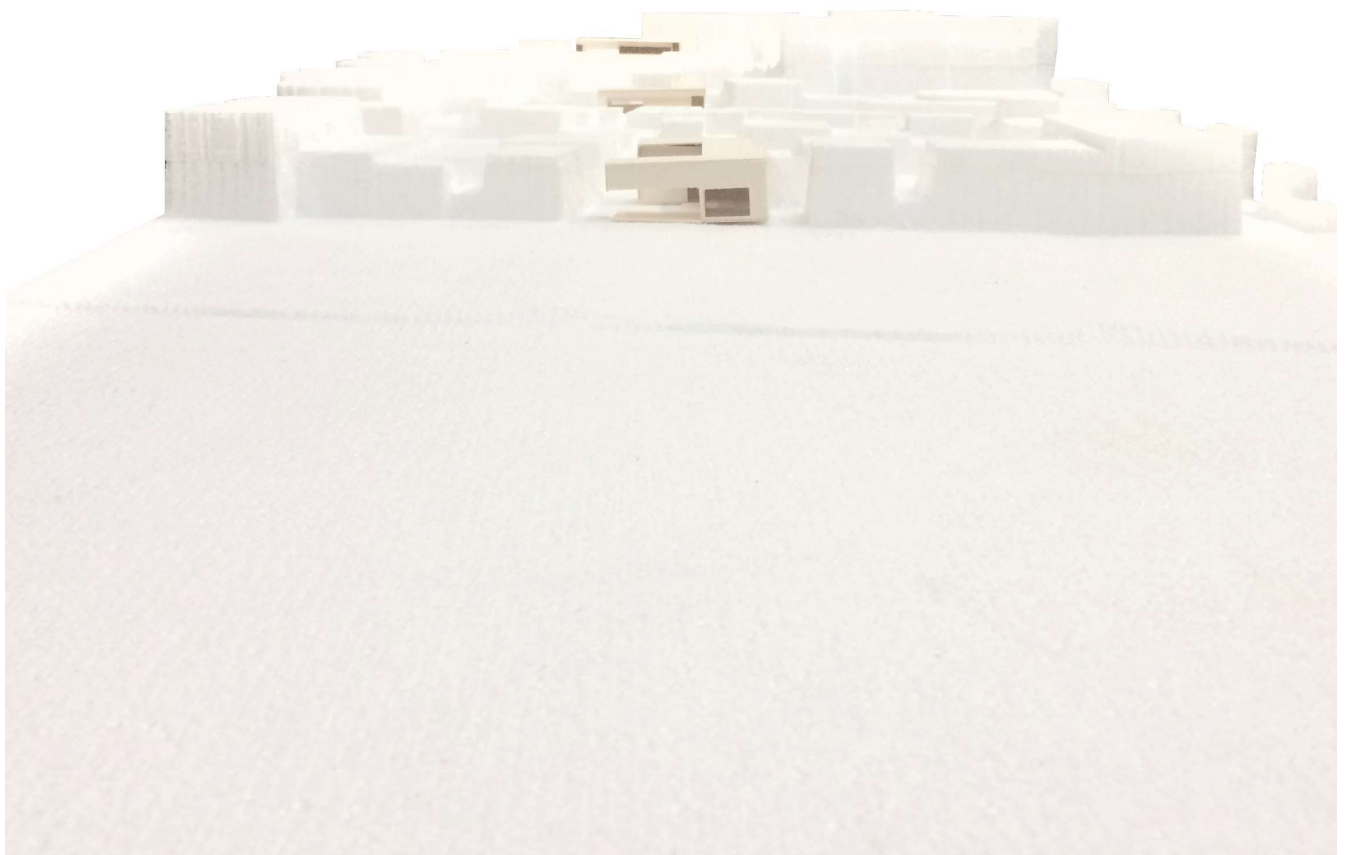




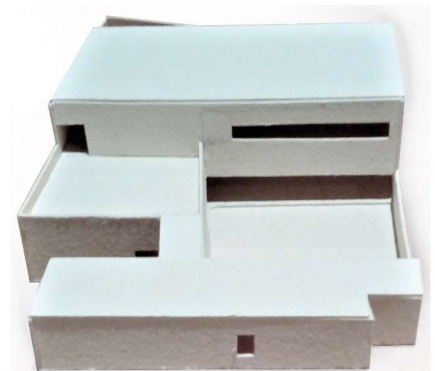
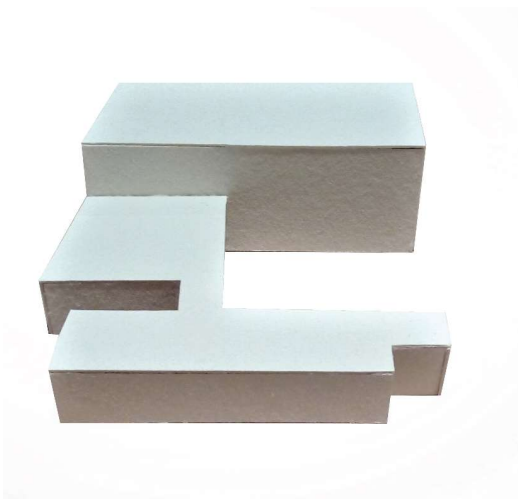
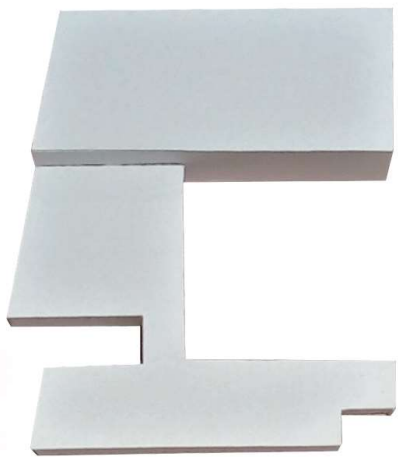


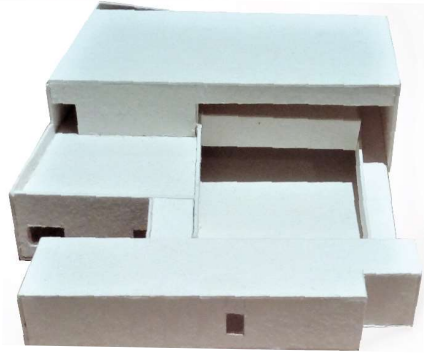
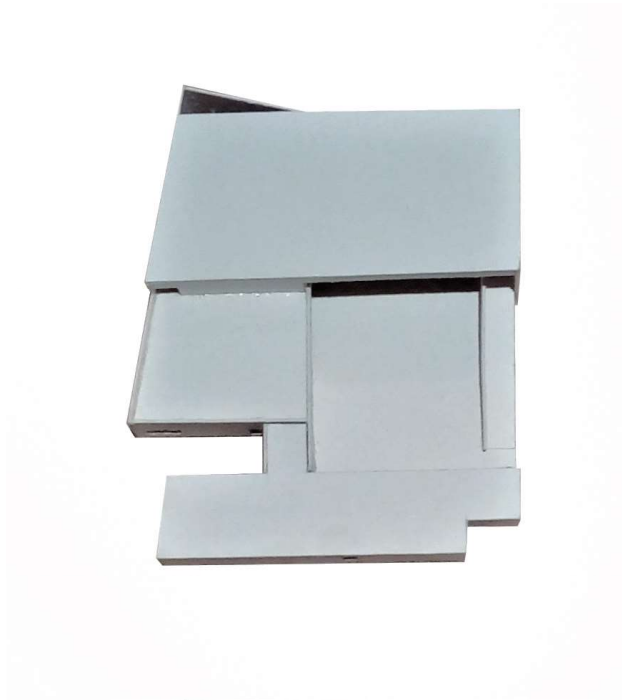


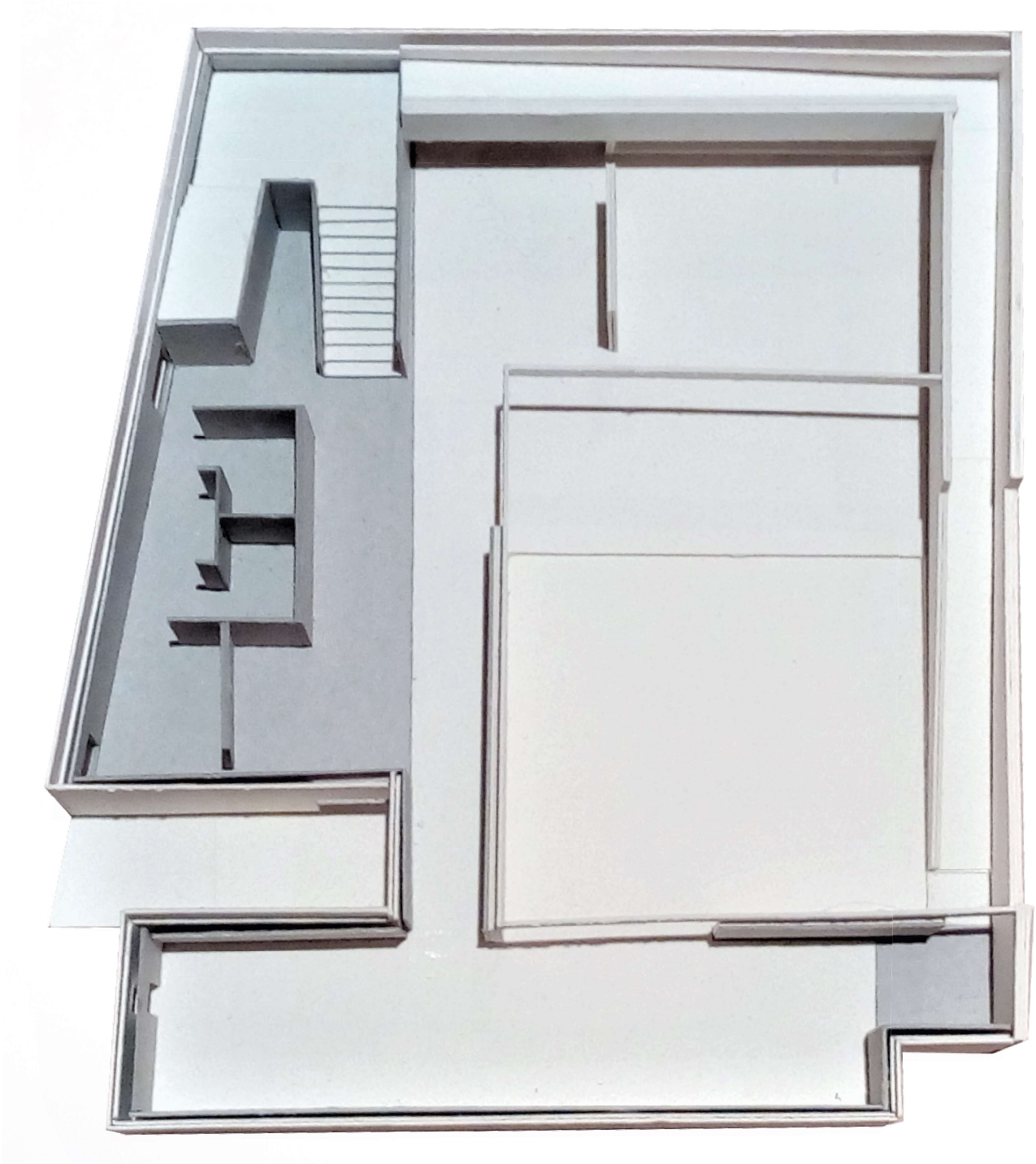


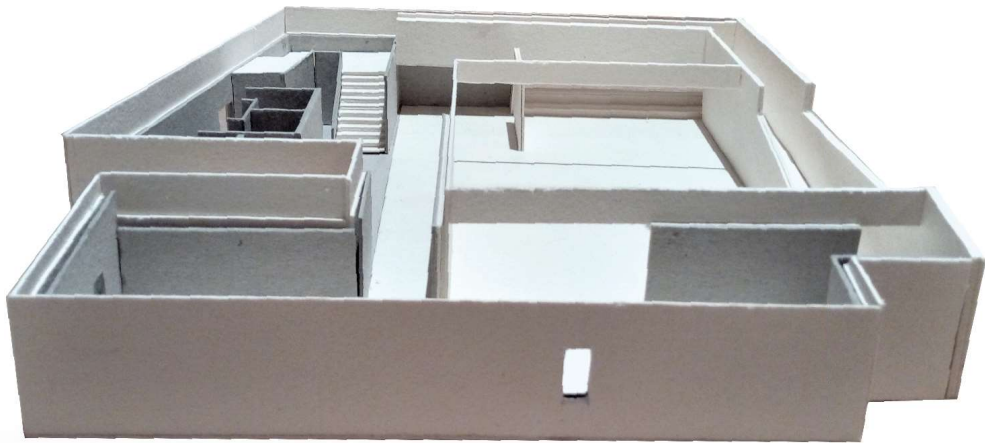
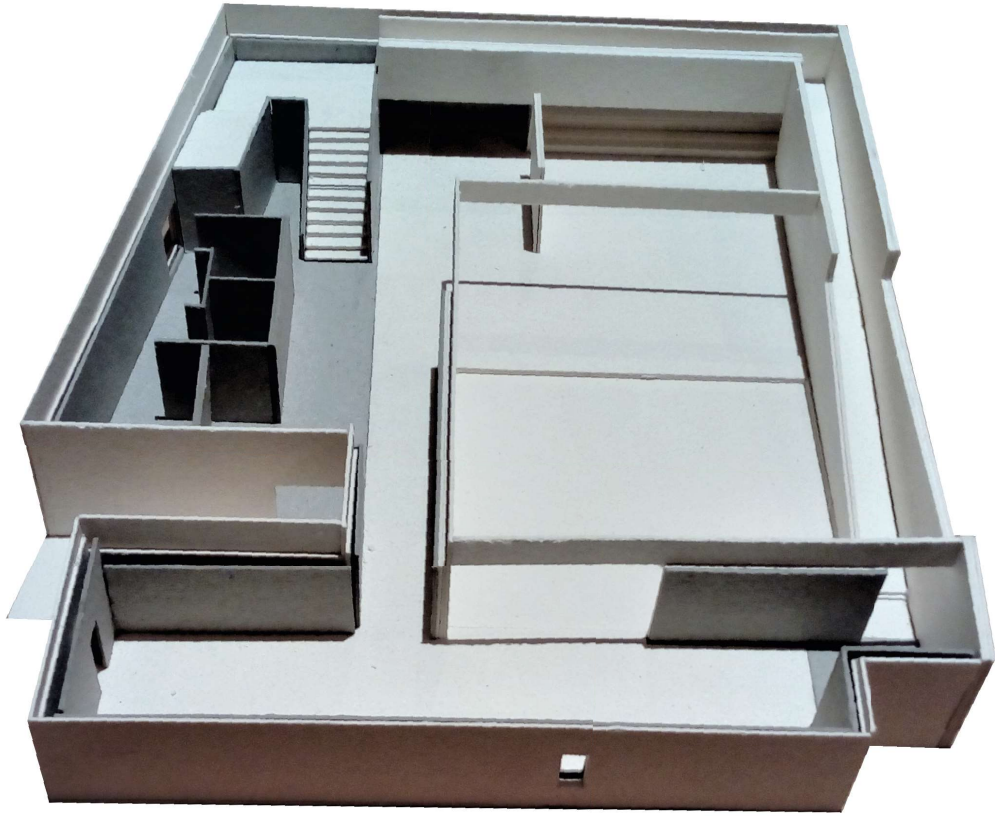


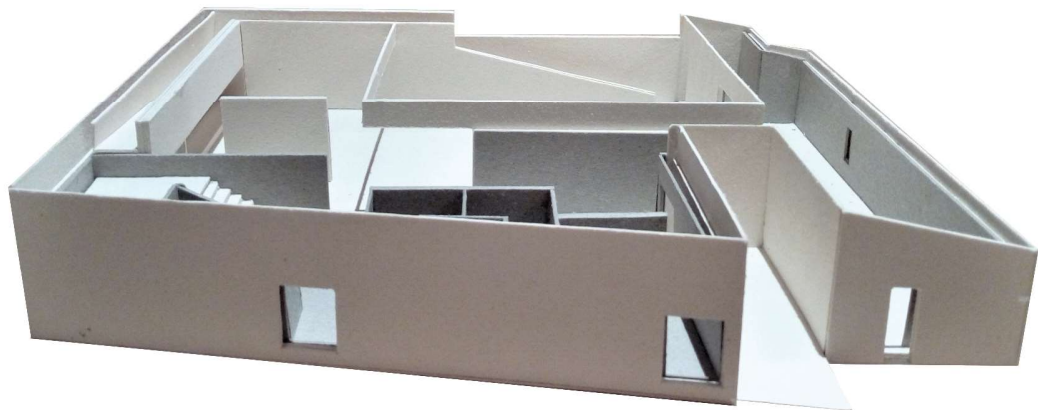
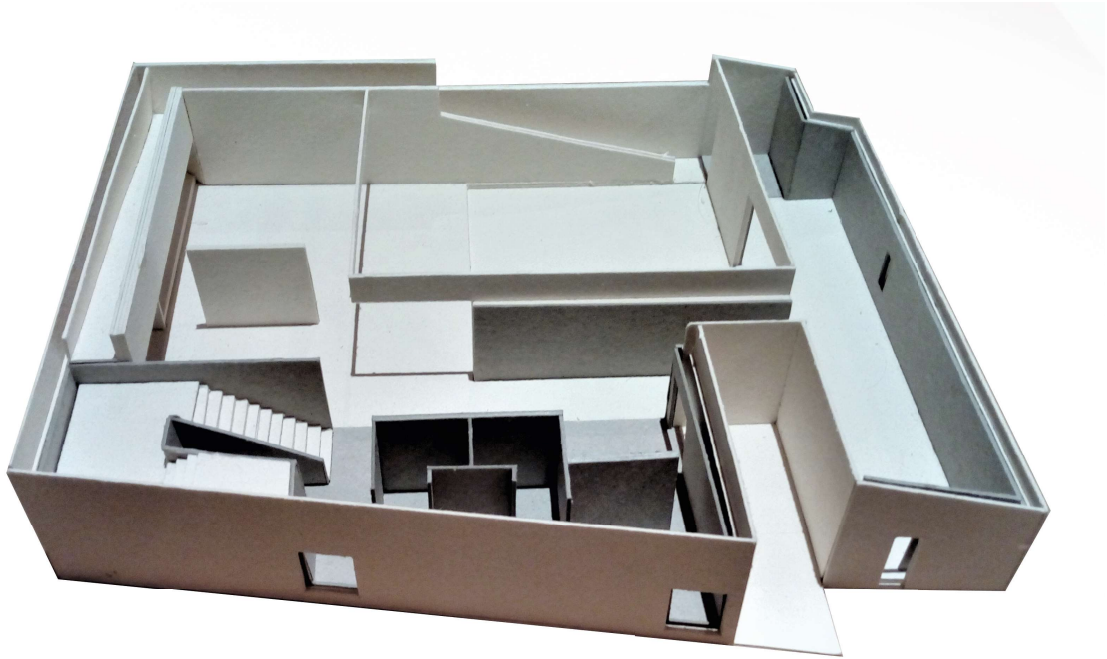
02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100



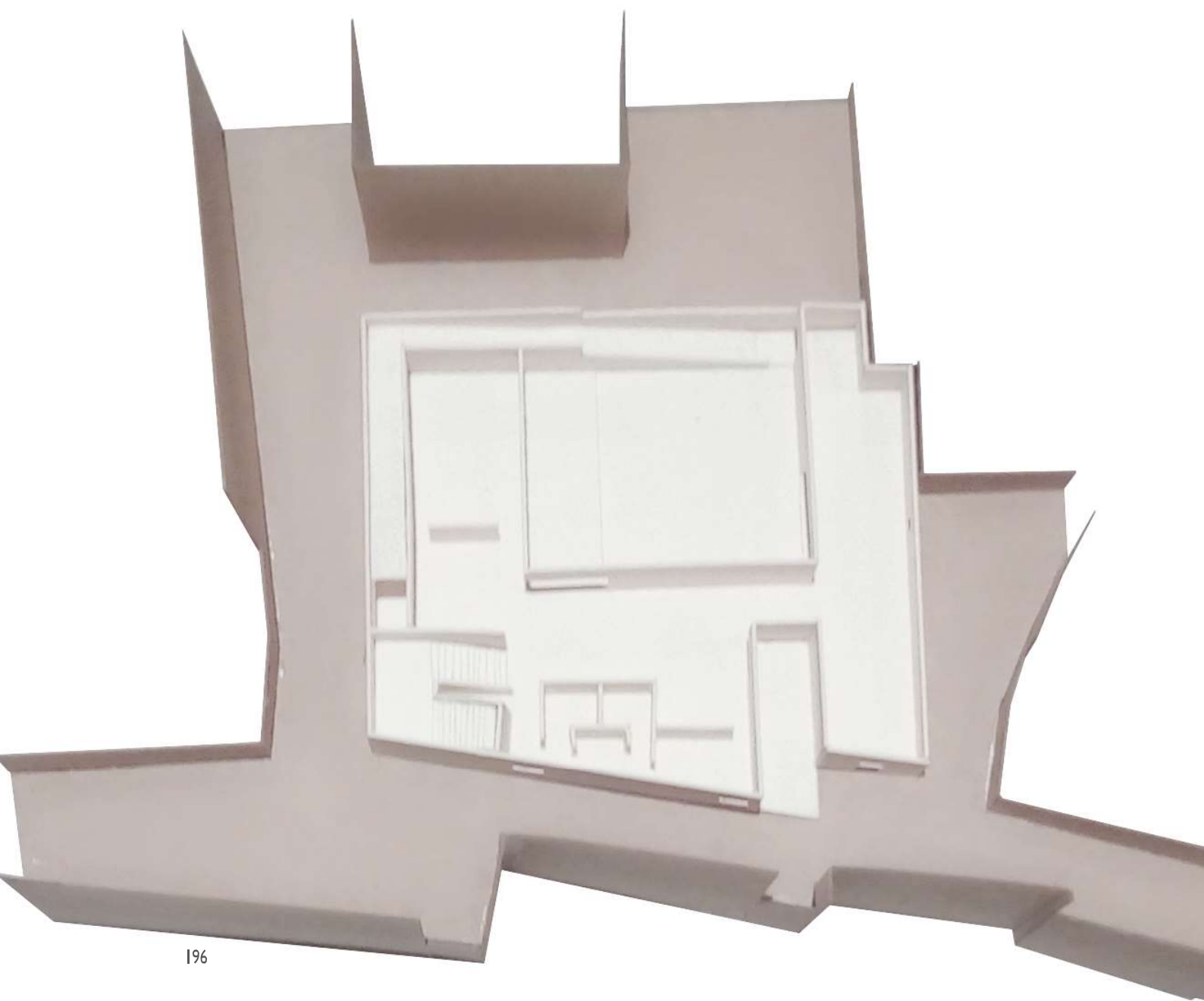


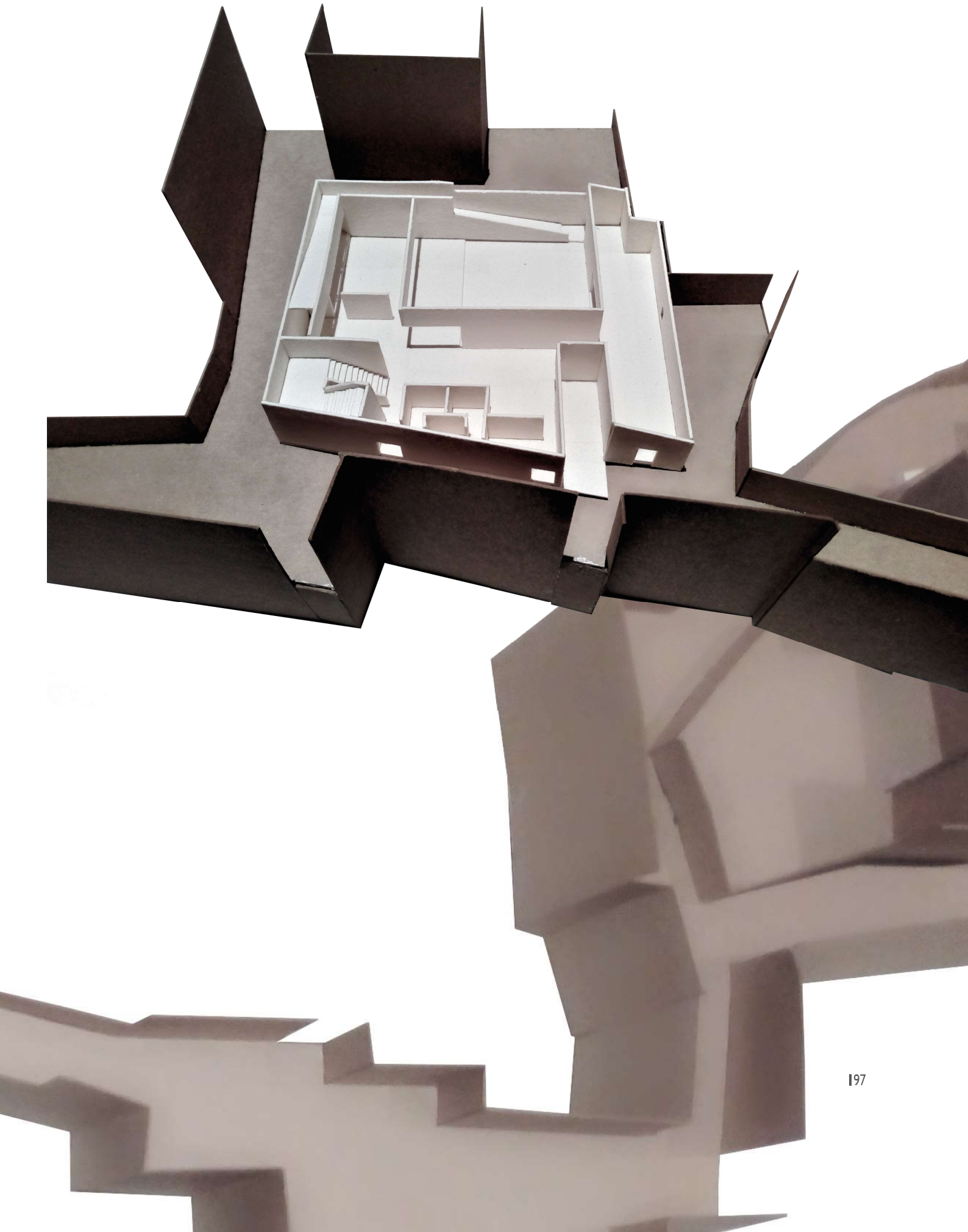


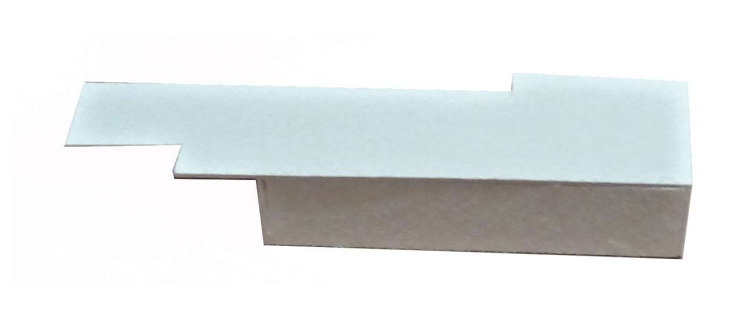
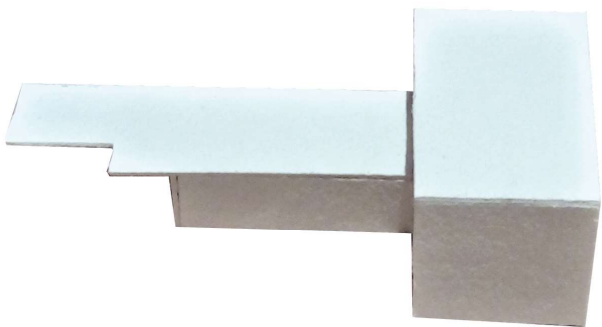
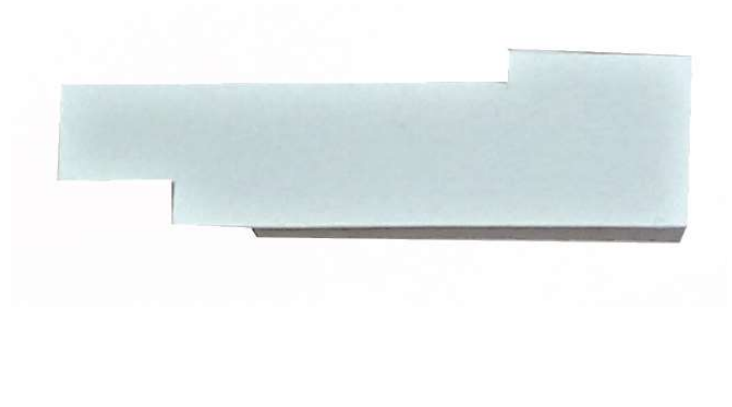
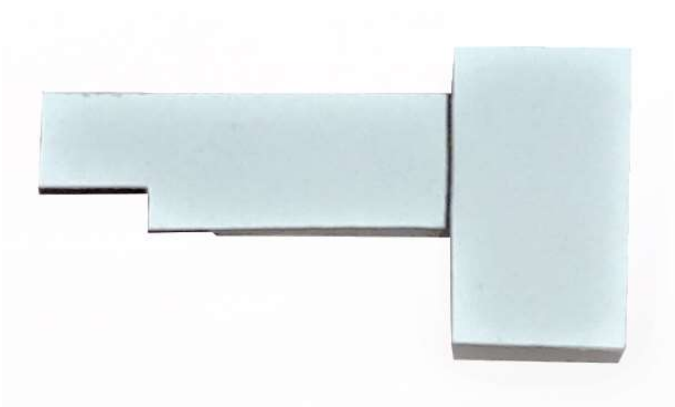




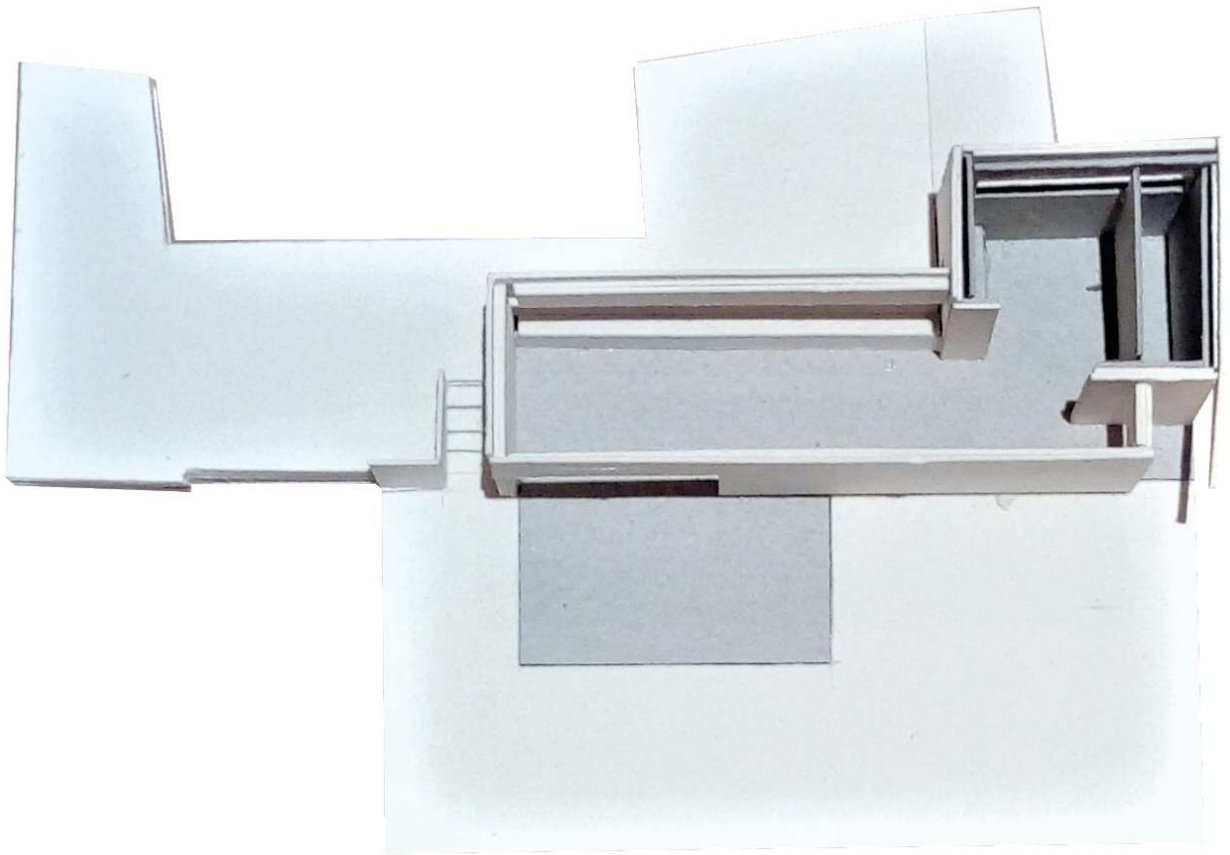


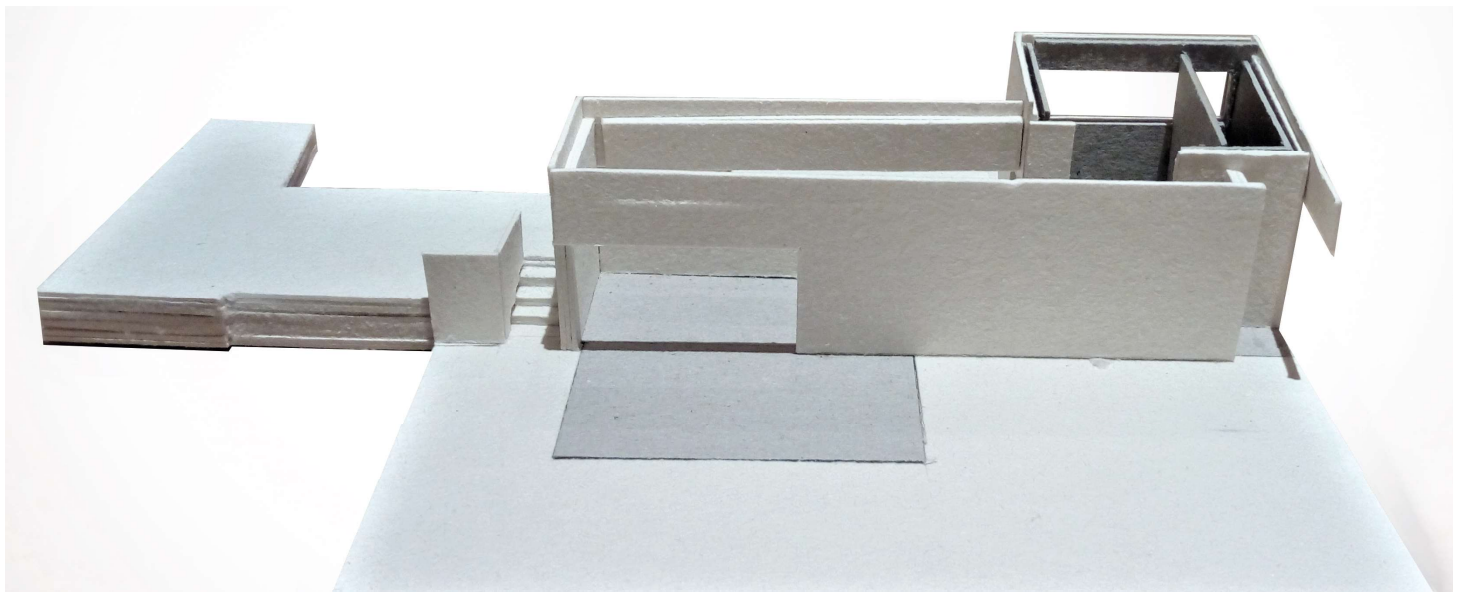
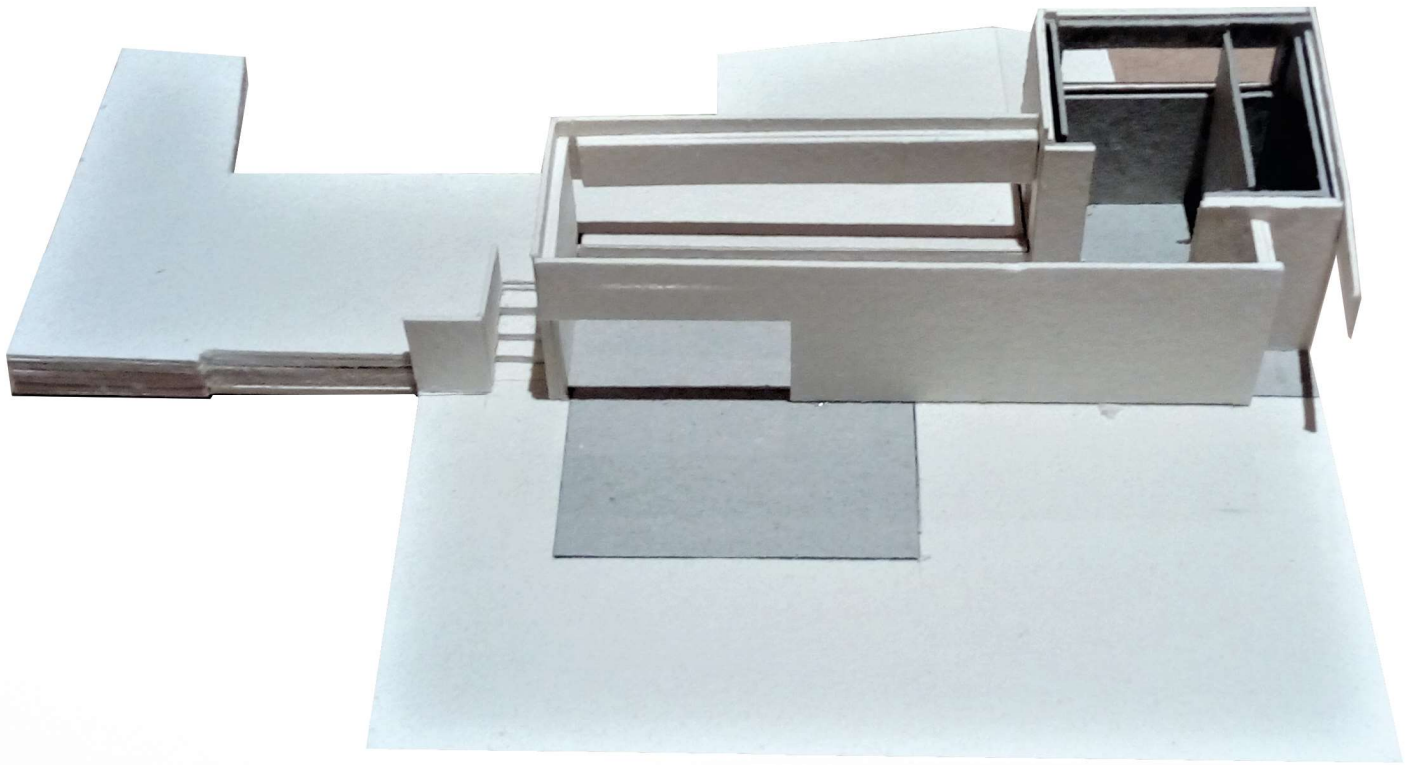


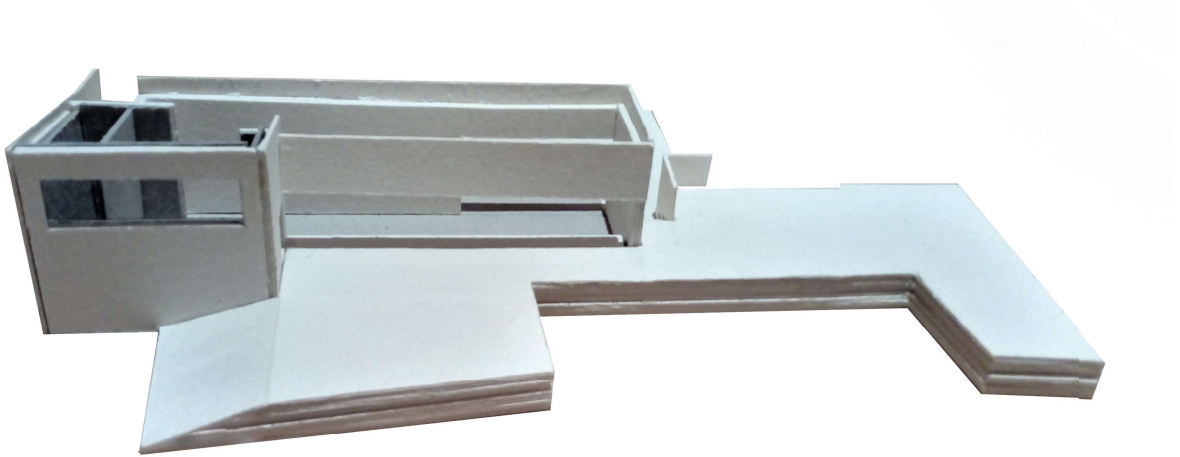
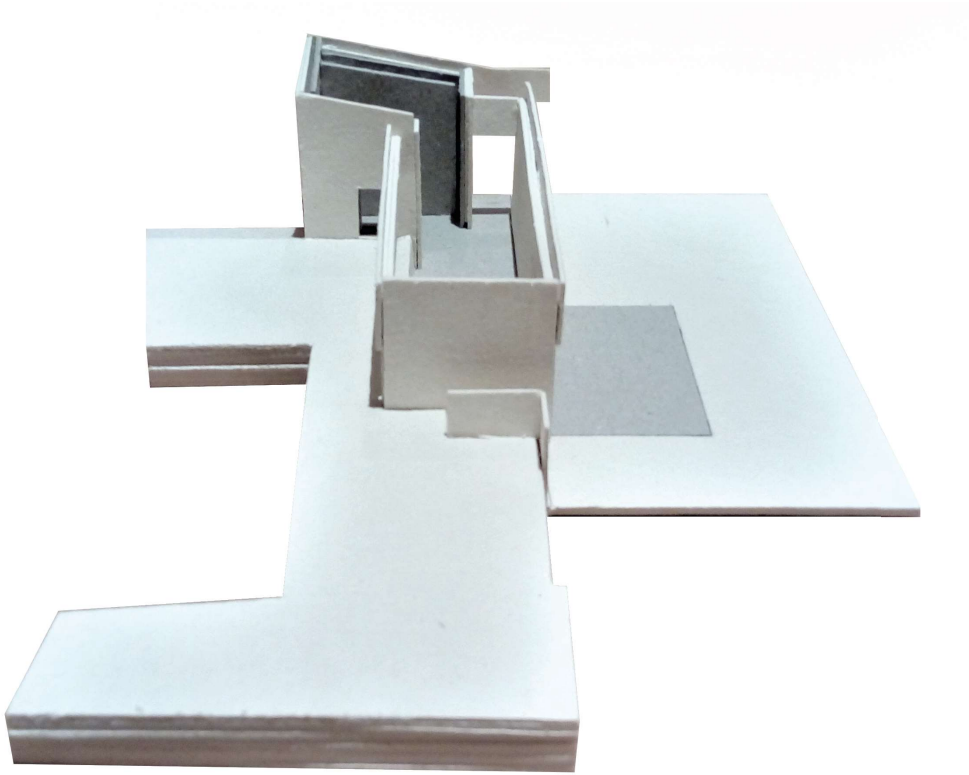


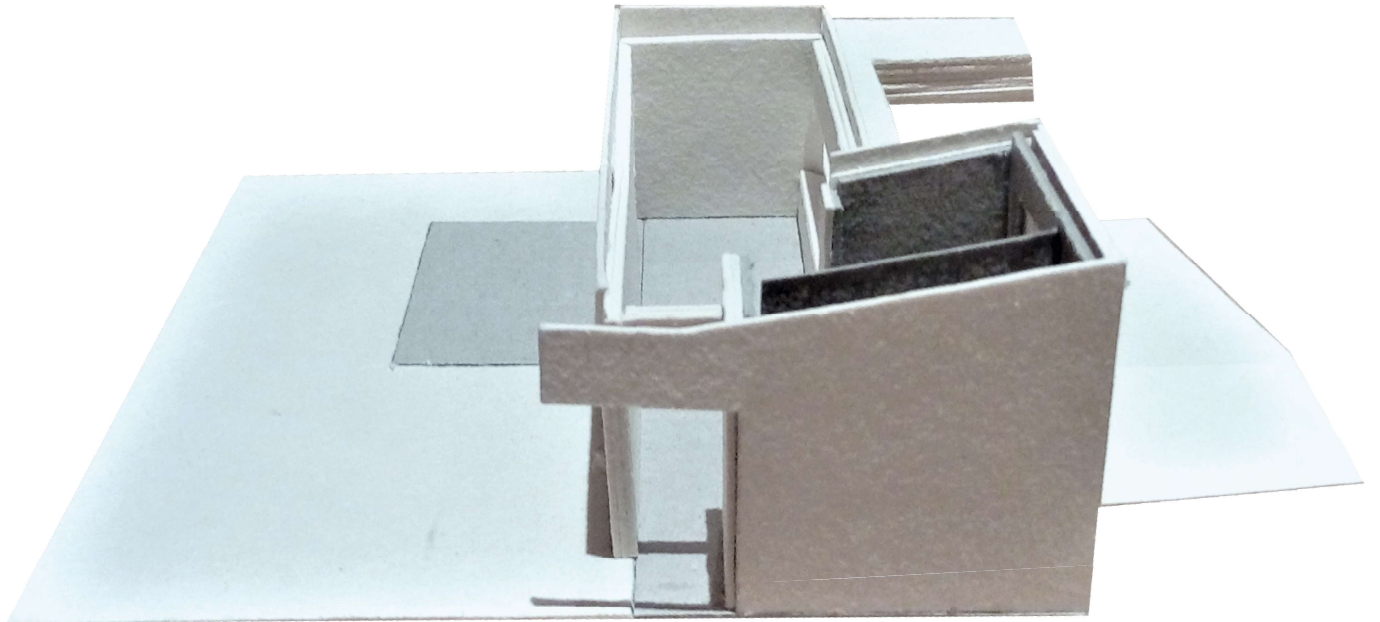






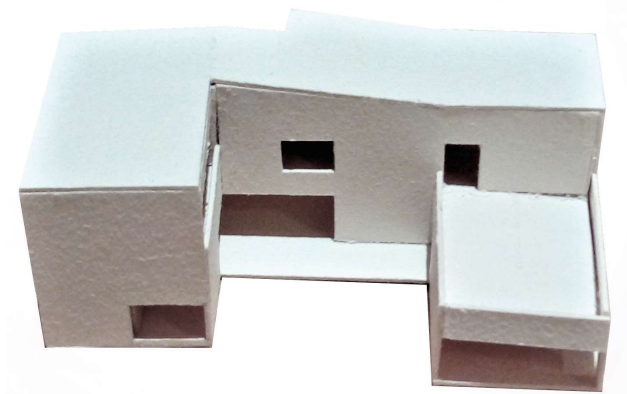
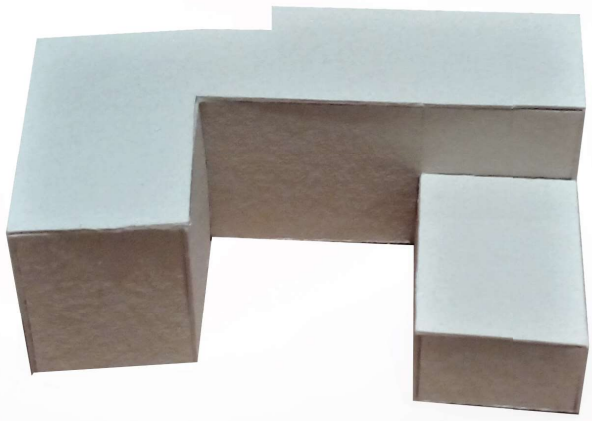
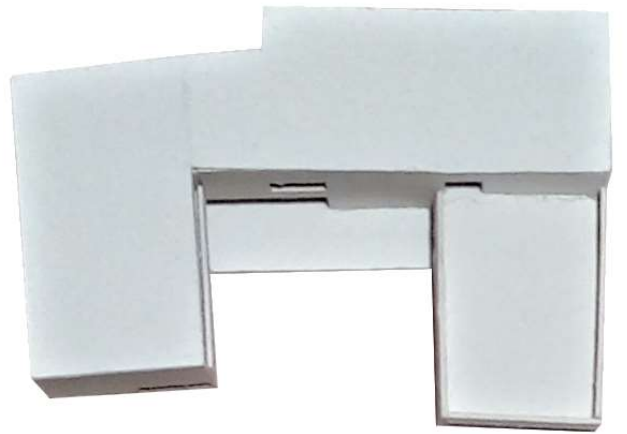
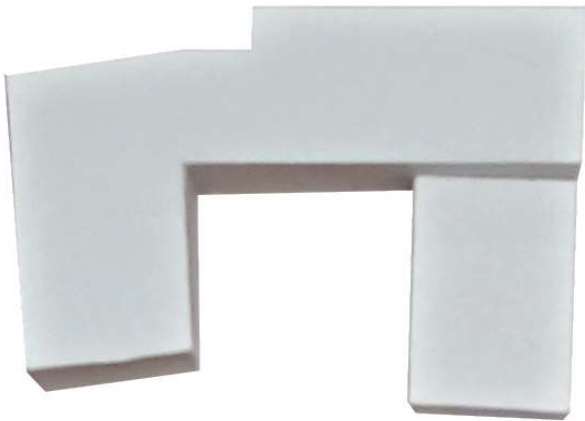


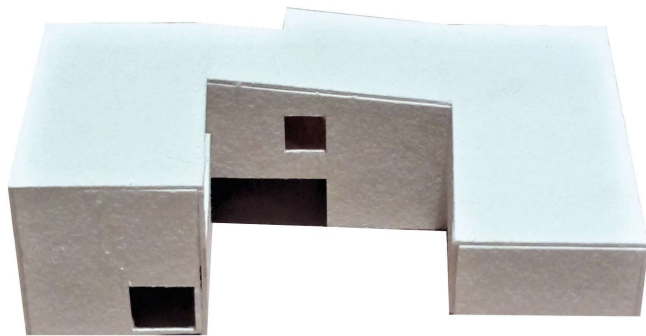


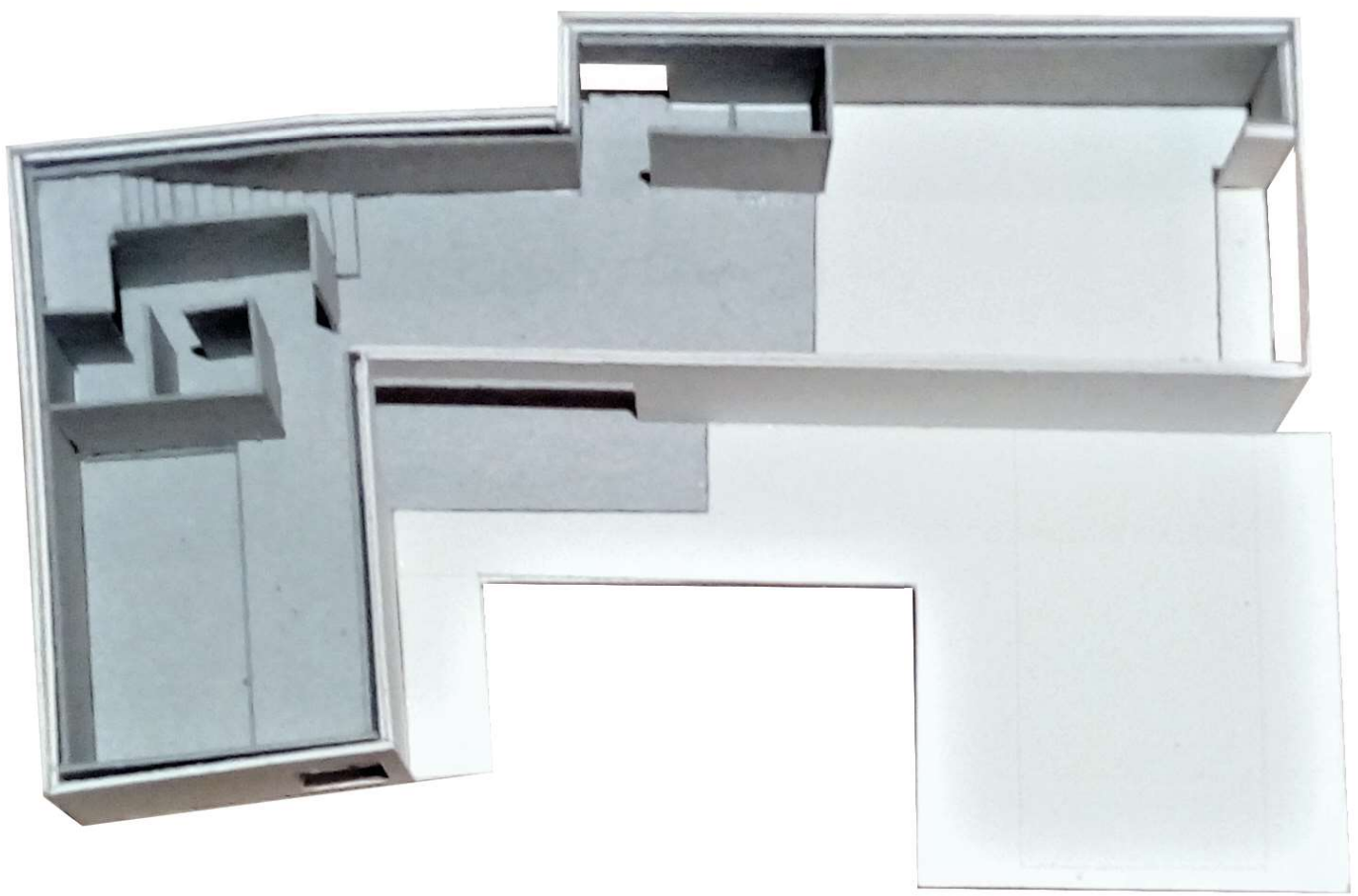


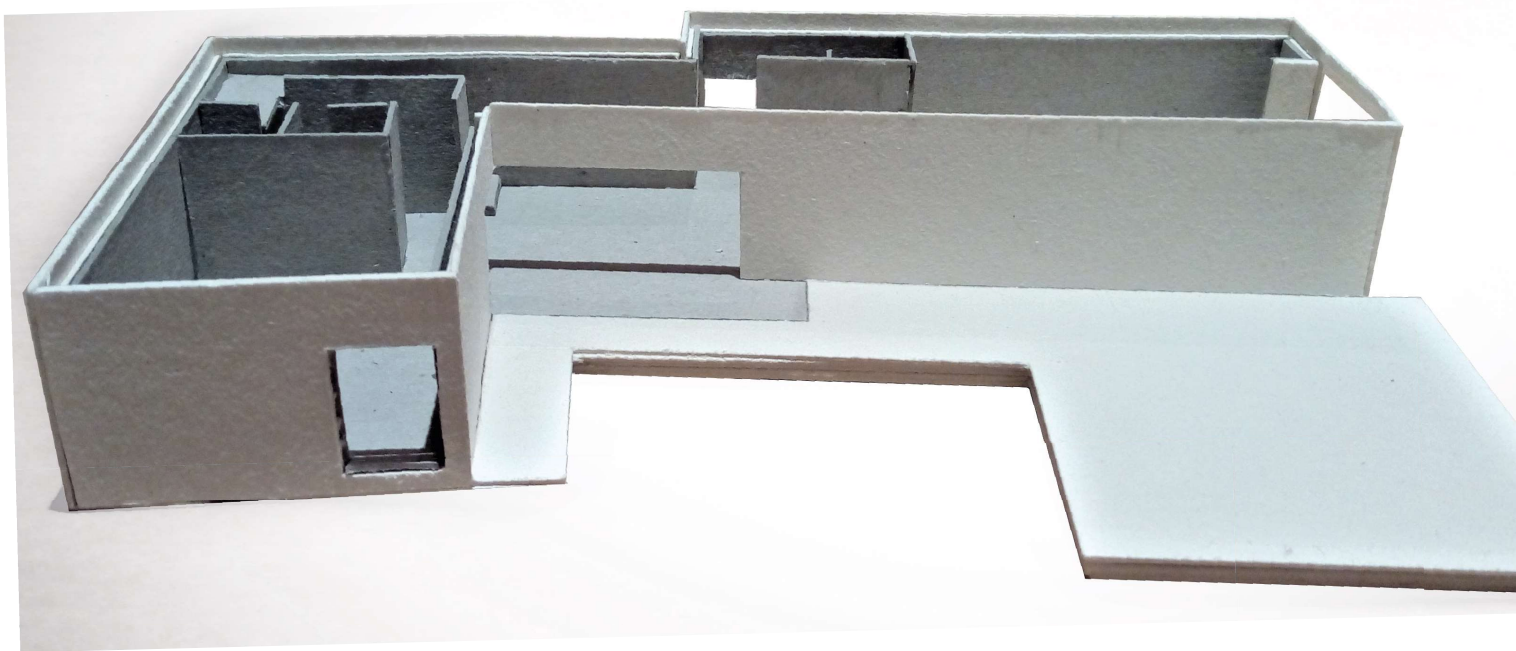


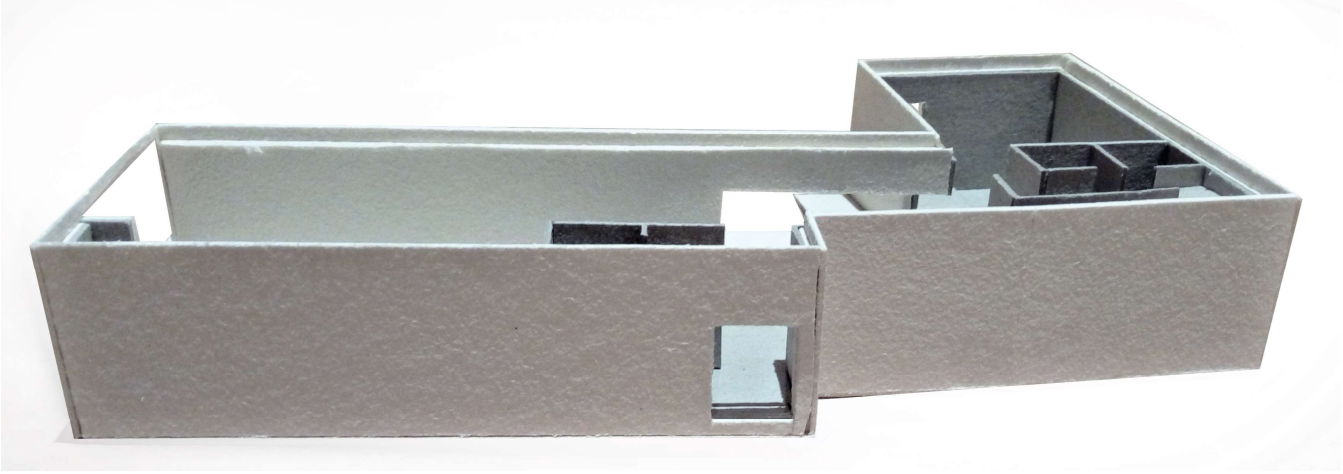
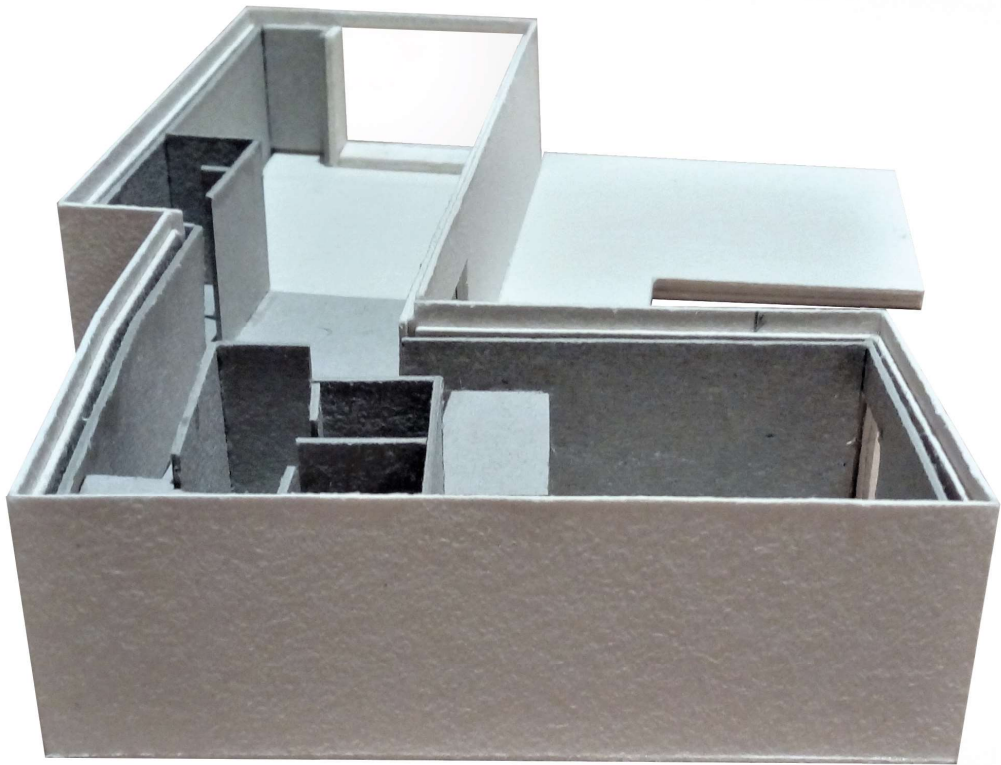


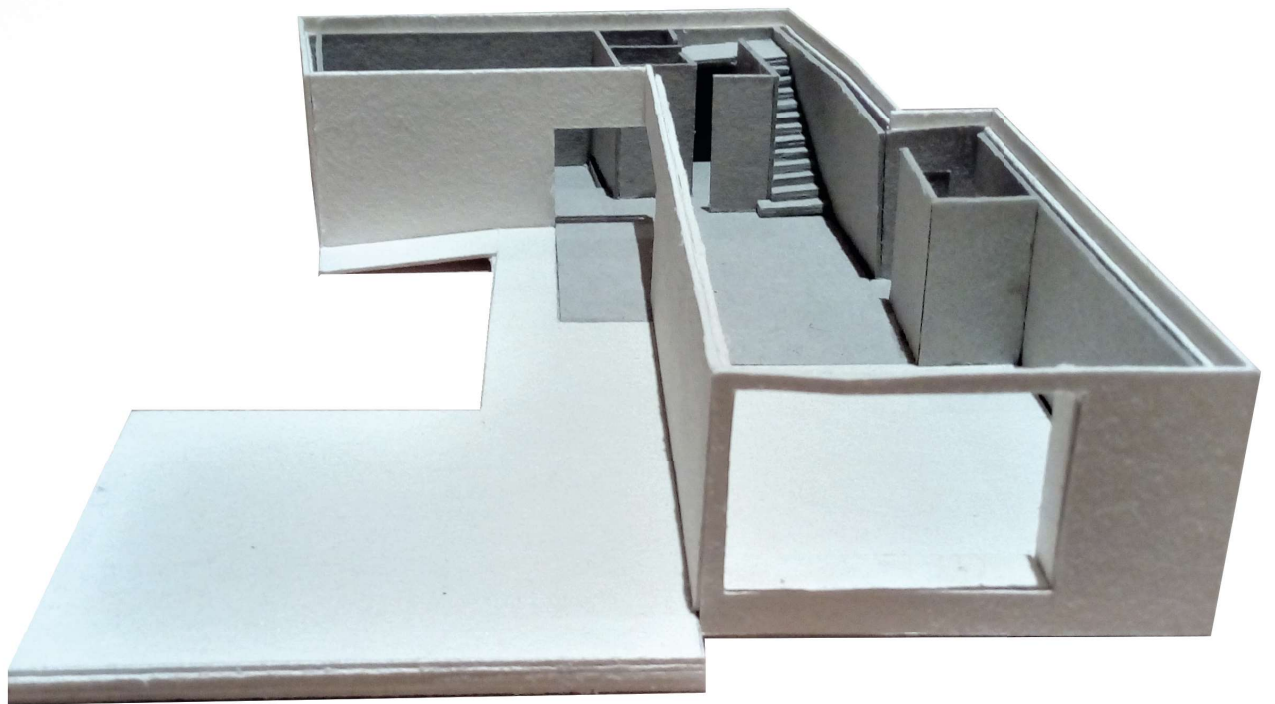


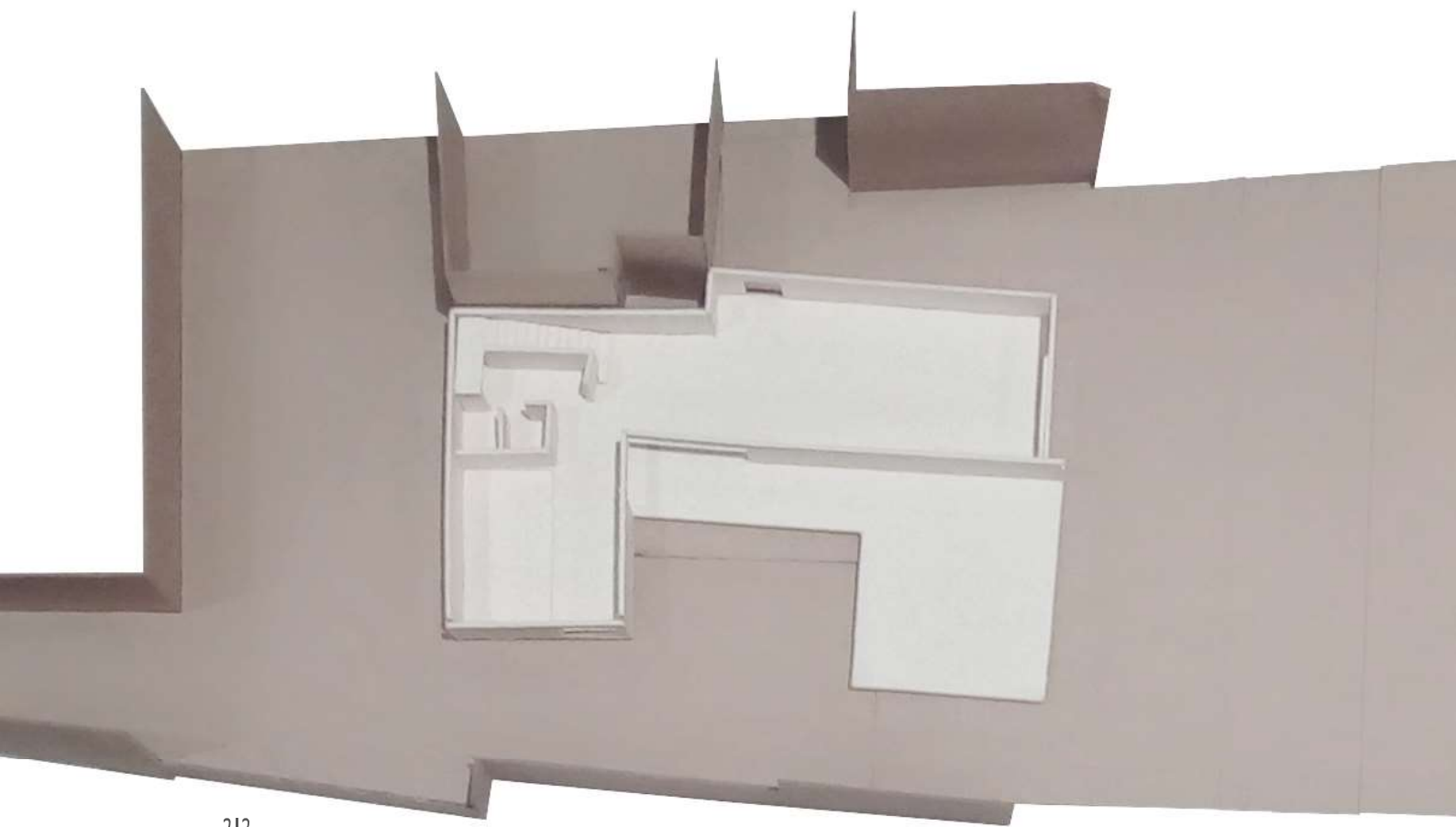


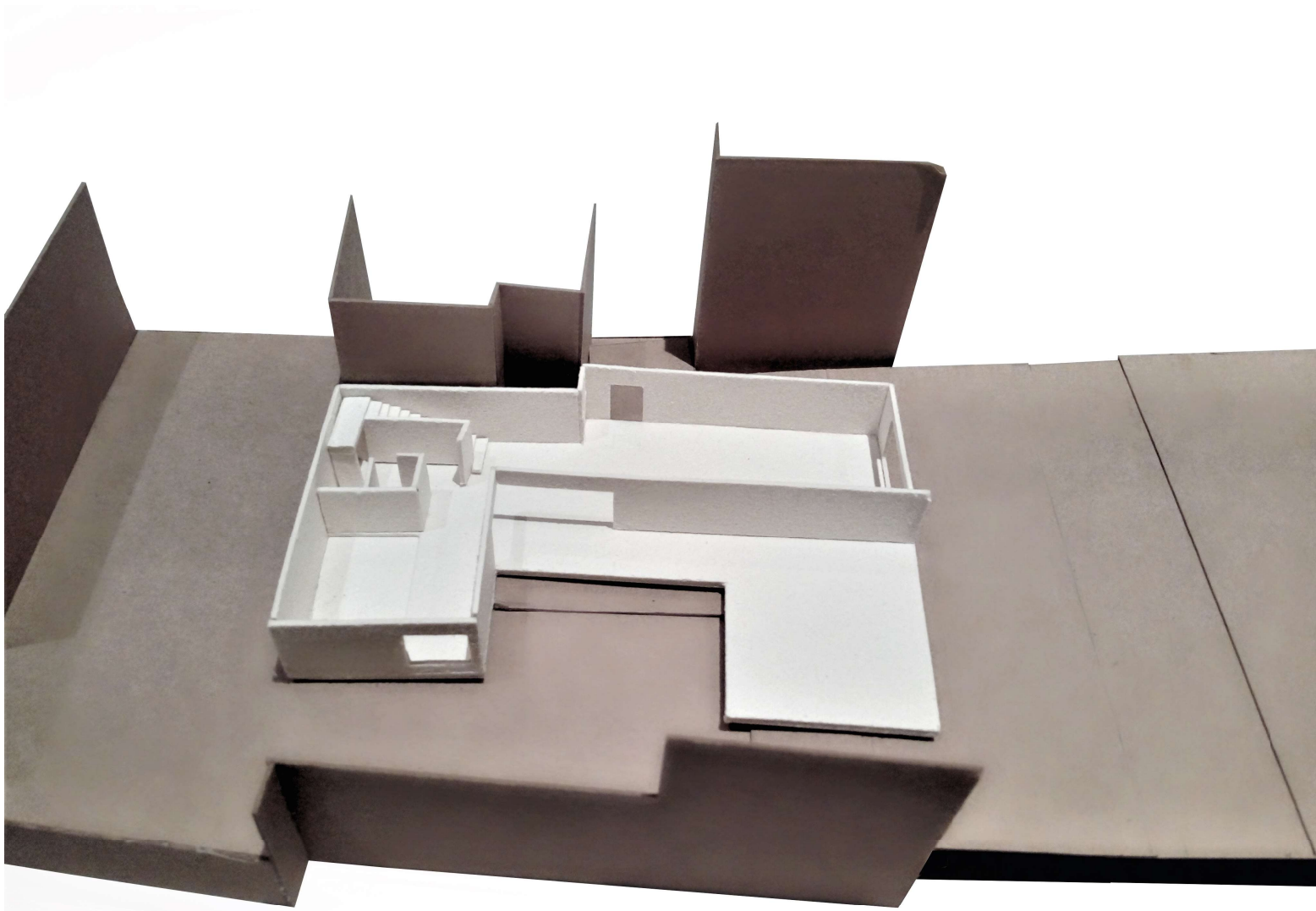




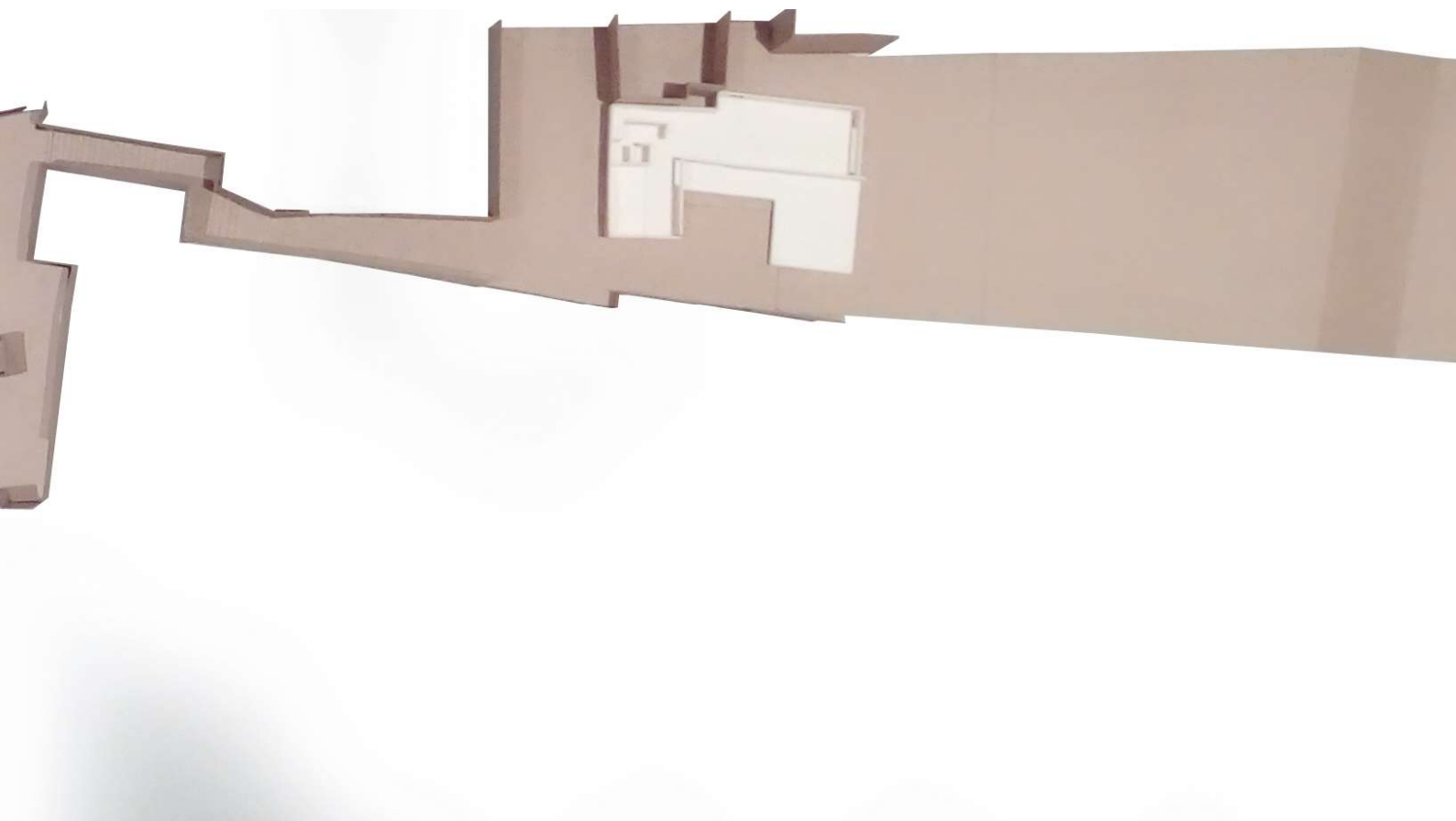


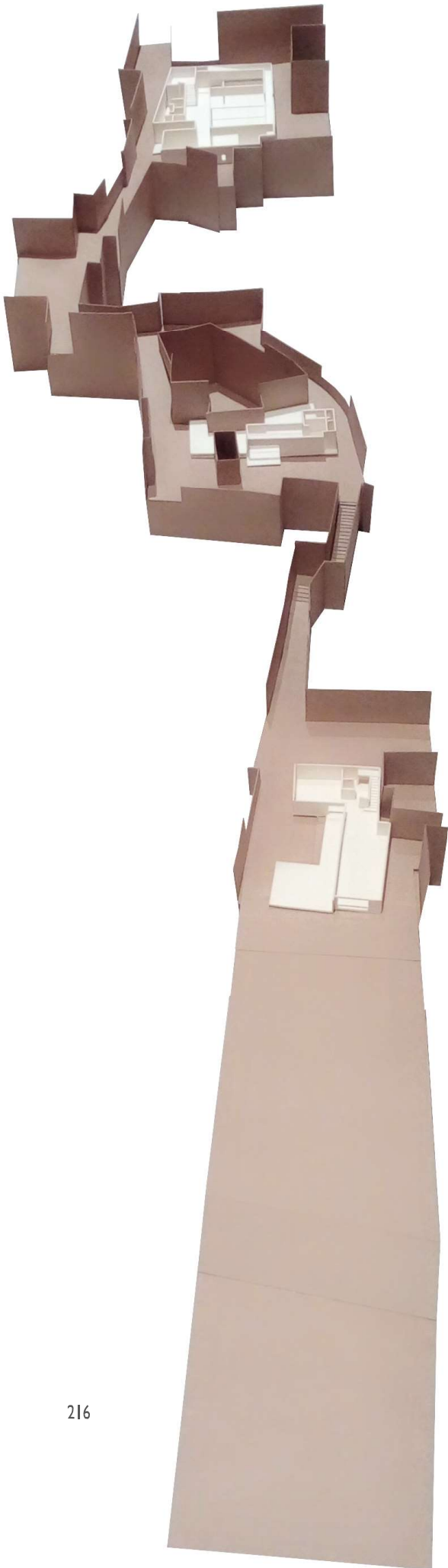






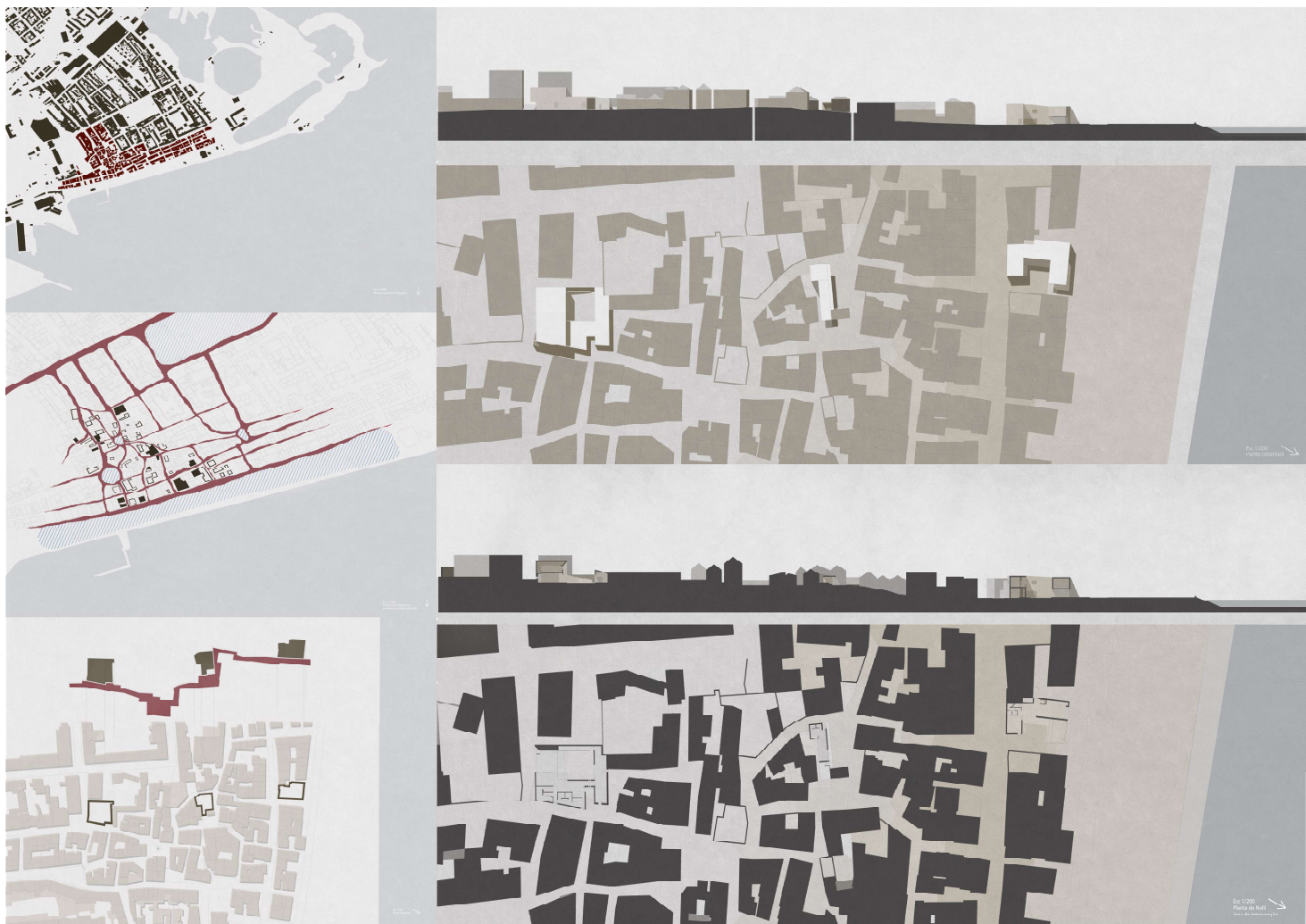








Painéis finais





Esc 1/3000
Planta implantação Barreiro

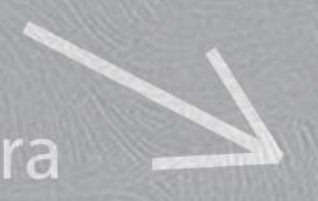
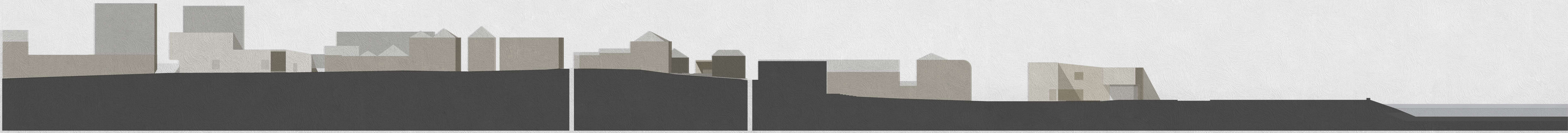


Esc 1/1000
Planta interpretação de
problemas e potencialidades

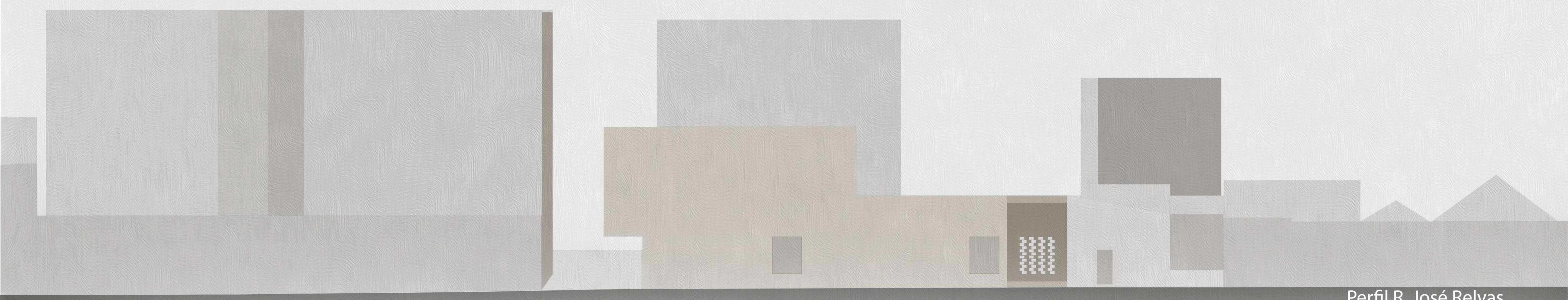


Esc 1/500
Planta estratégica

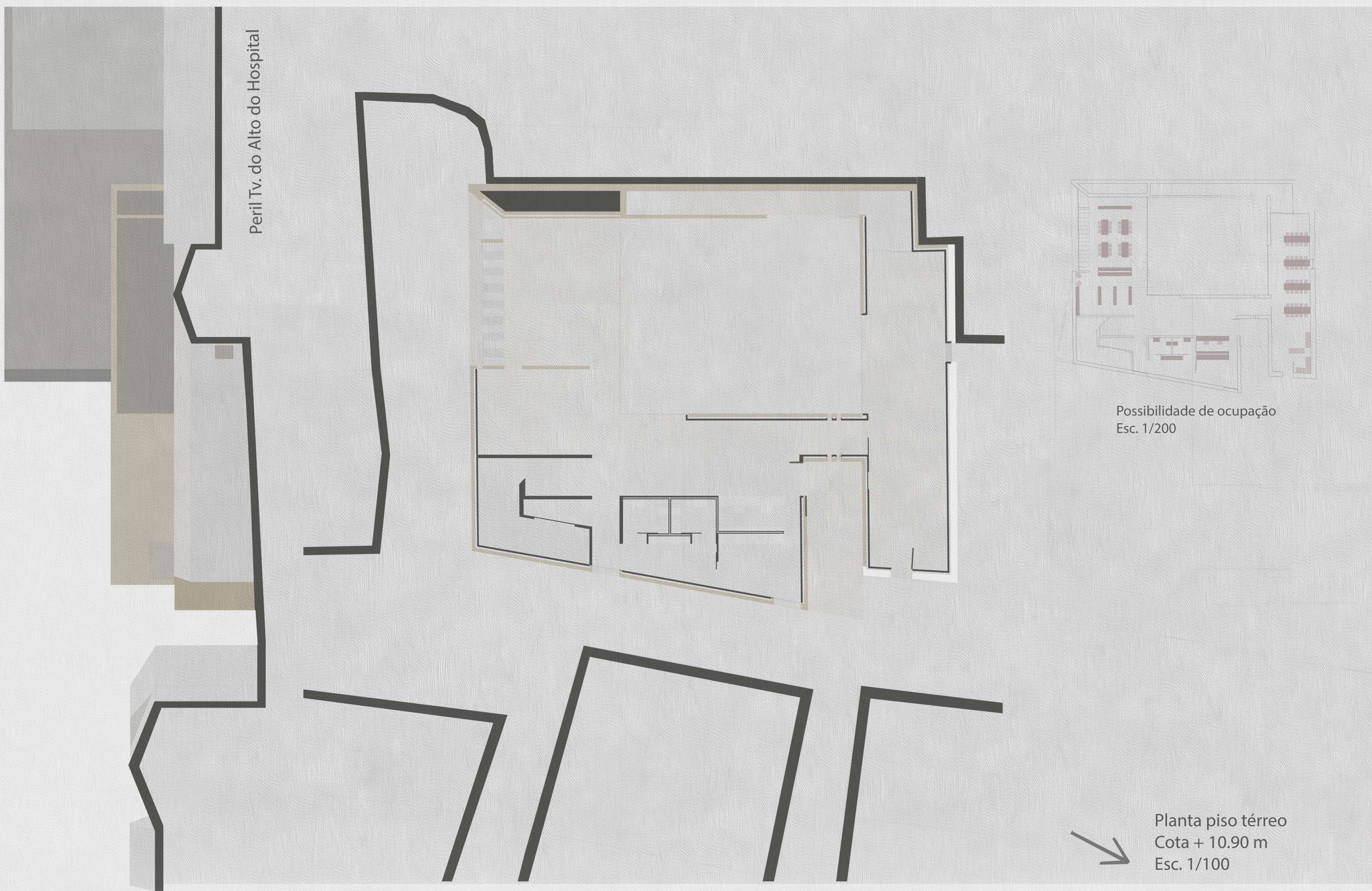








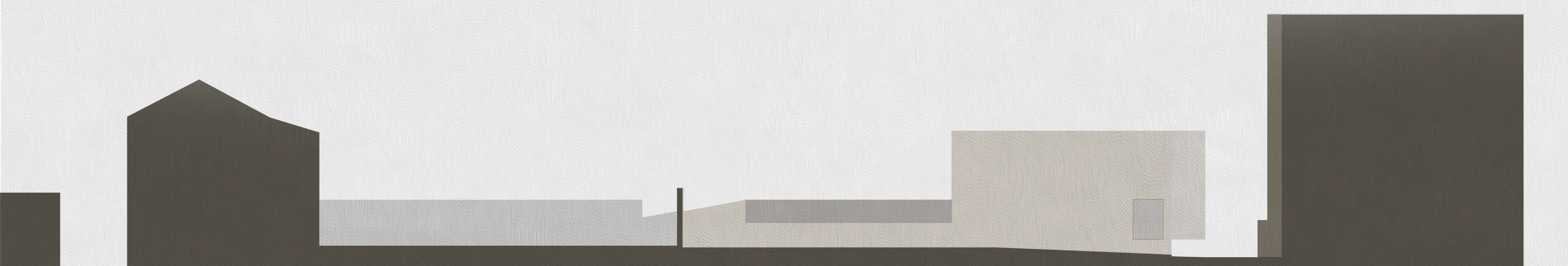
Perfil R. José Relvas



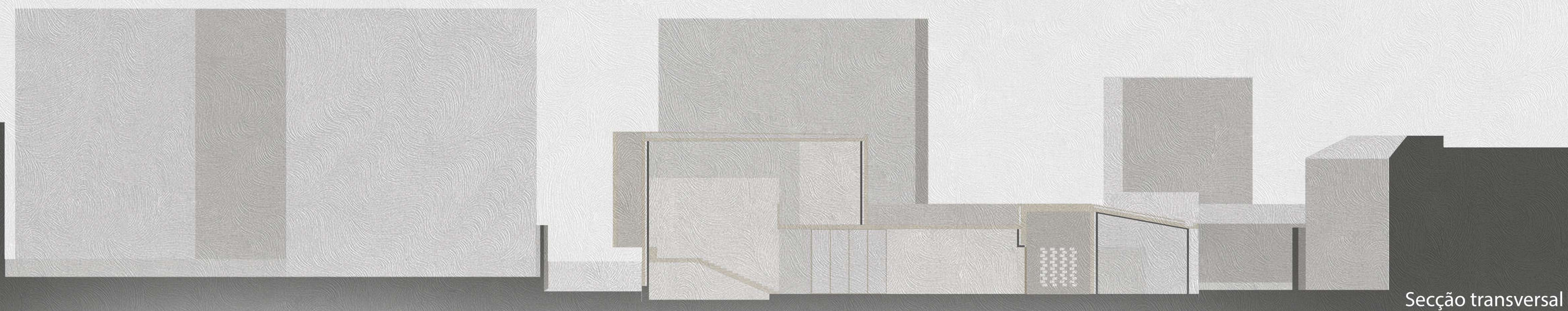
Peril Tv. do Alto do Hospital

Possibilidade de ocupação
Esc. 1/200

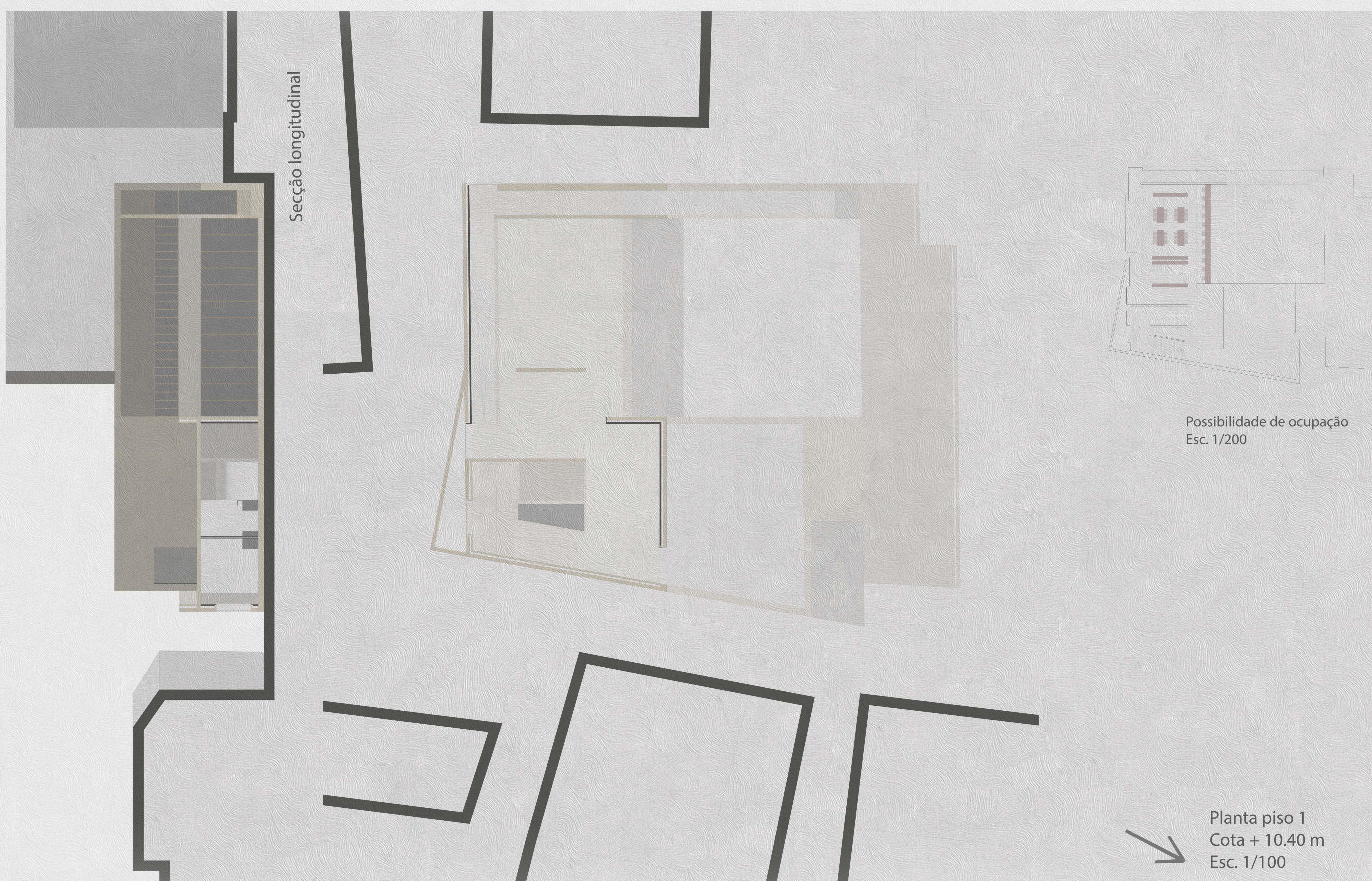
Planta piso térreo
Cota + 10.90 m
Esc. 1/100



Perfil Tv. da Creche



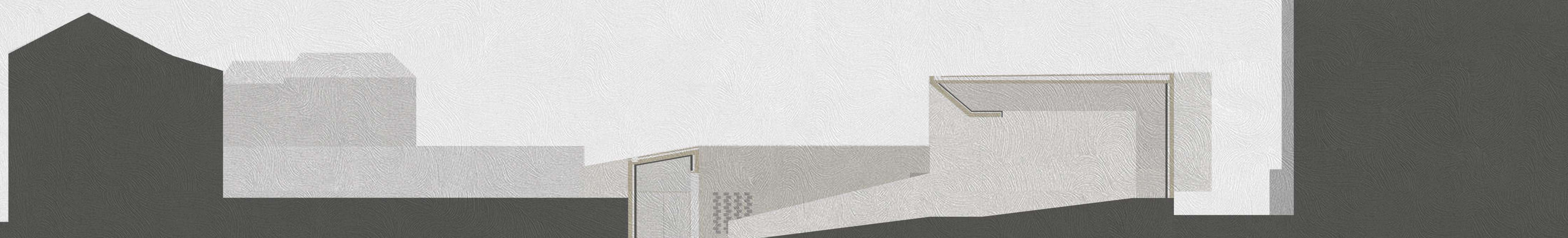
Secção transversal



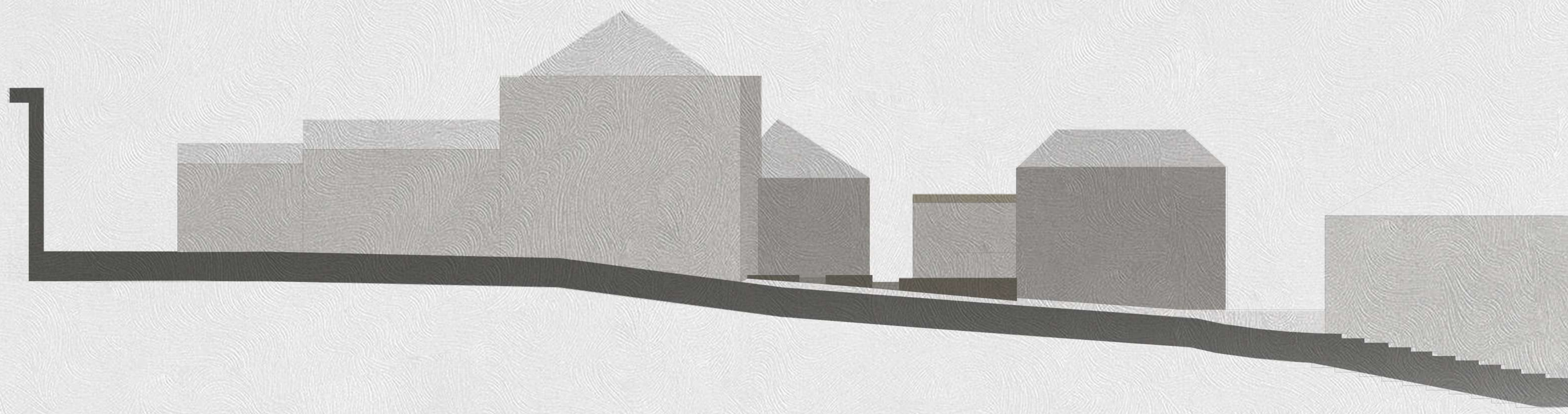
Secção longitudinal

Possibilidade de ocupação
Esc. 1/200

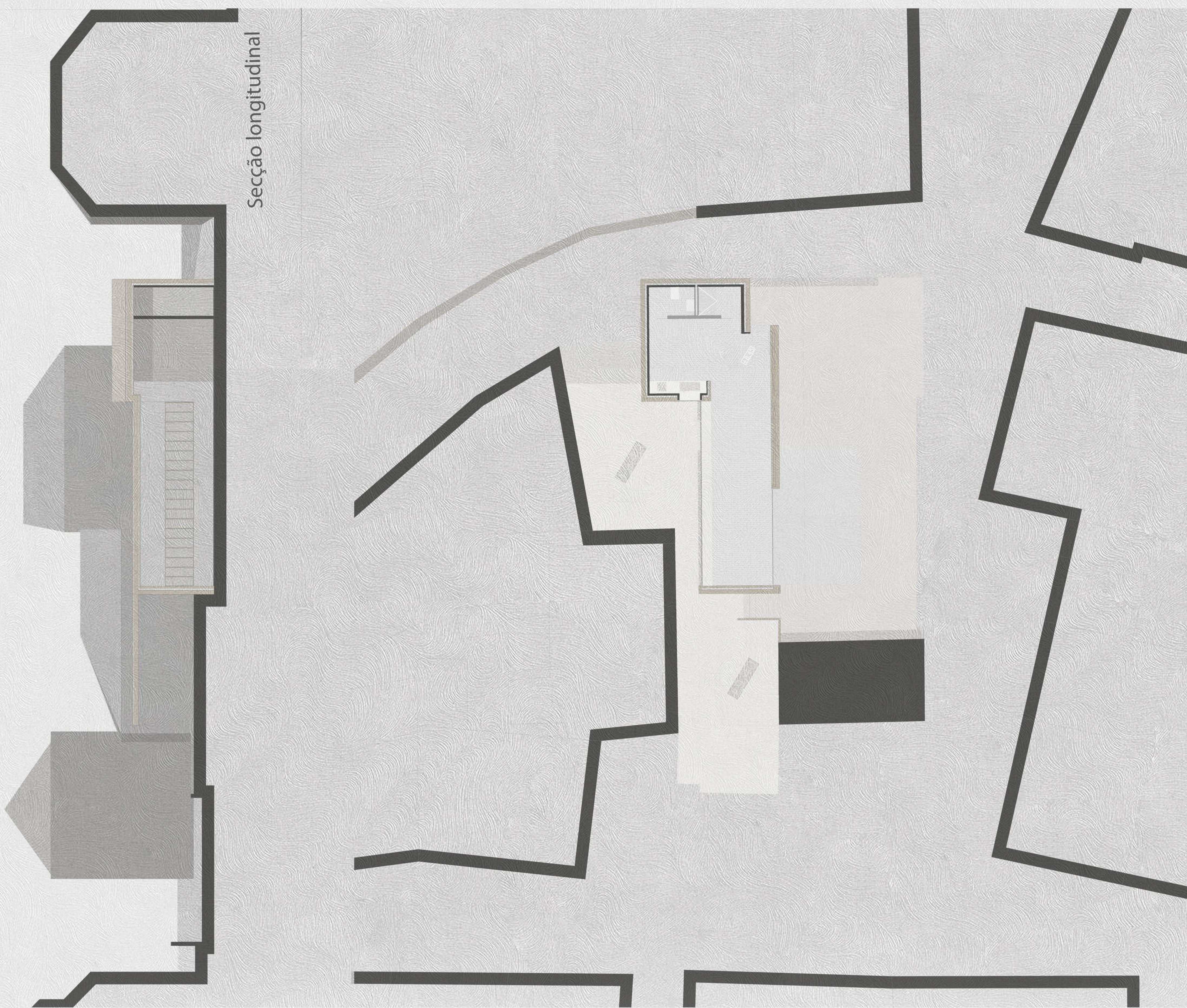
Planta piso 1
Cota + 10.40 m
Esc. 1/100



Secção transversal

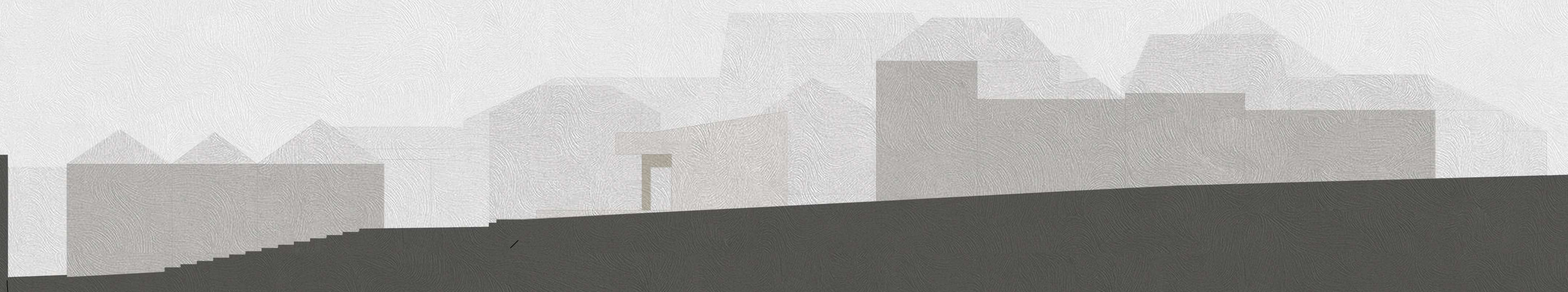


Perfil R. da Amoreira

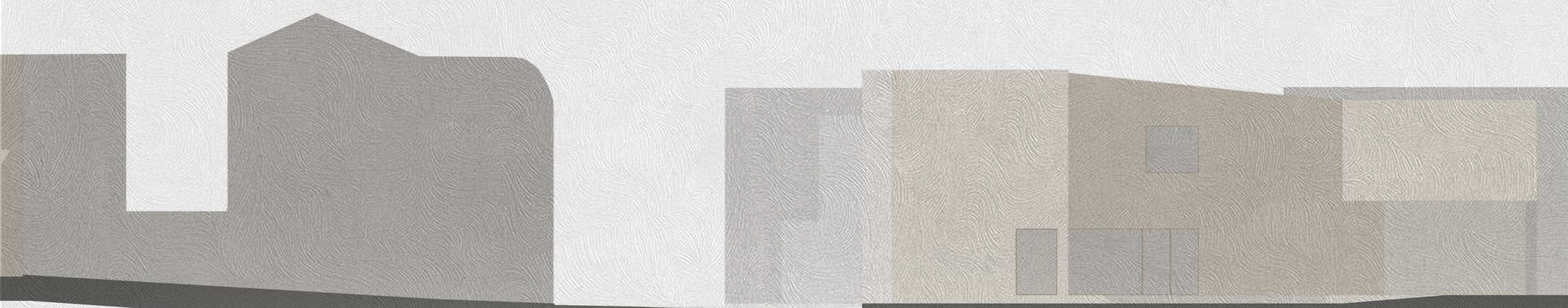


Possibilidade de ocupação
Esc. 1/100

Planta piso térreo
Cota + 09.60 m
Esc. 1/100



Perfil Tv. do Loureiro



Perfil Tv. do Loureiro

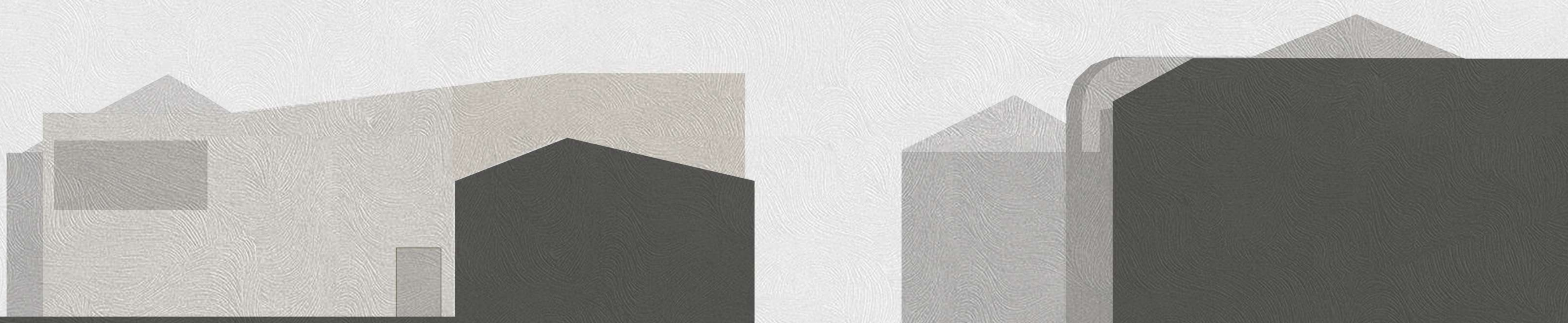


Perfil Av. Bento Gonçalves

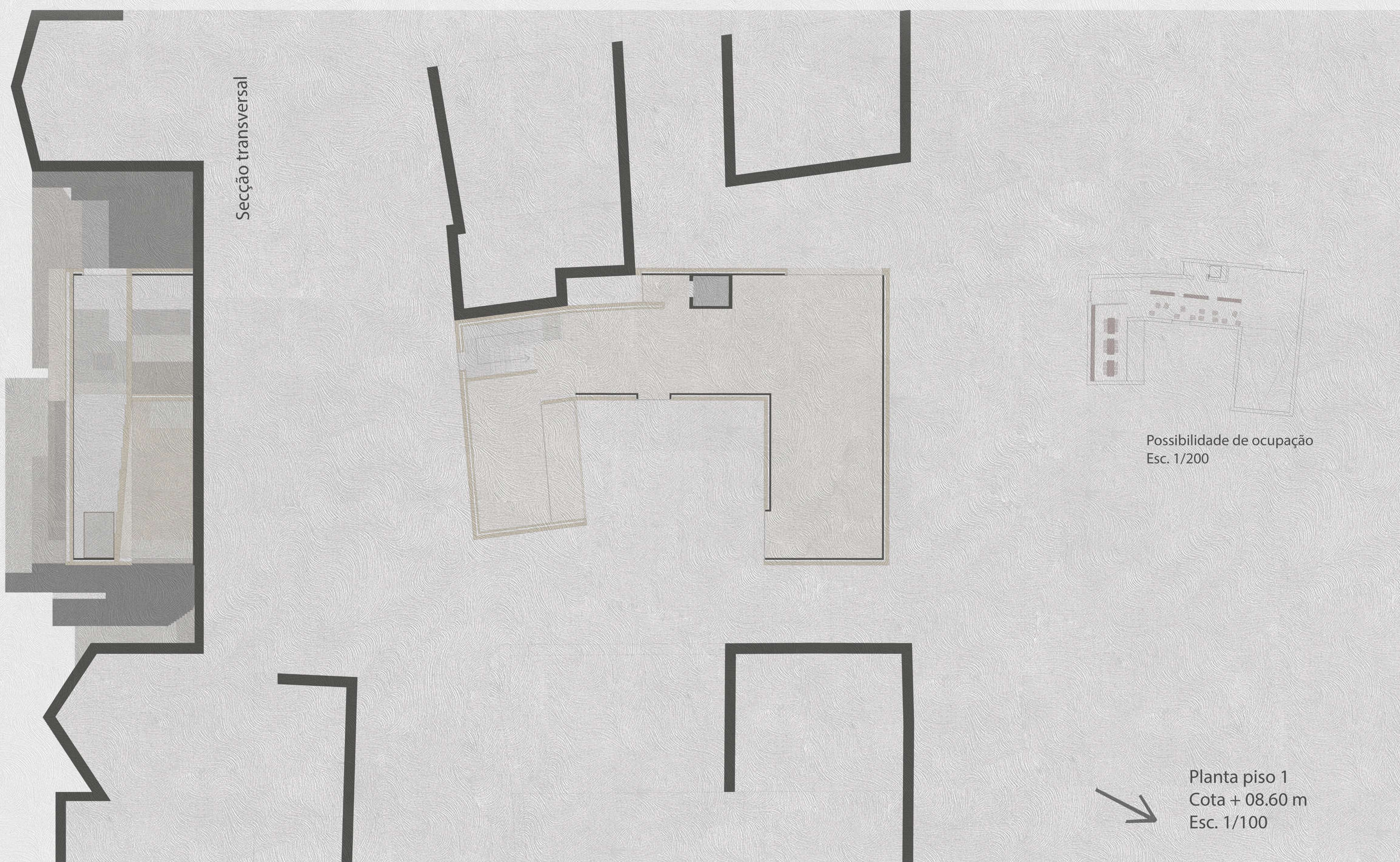
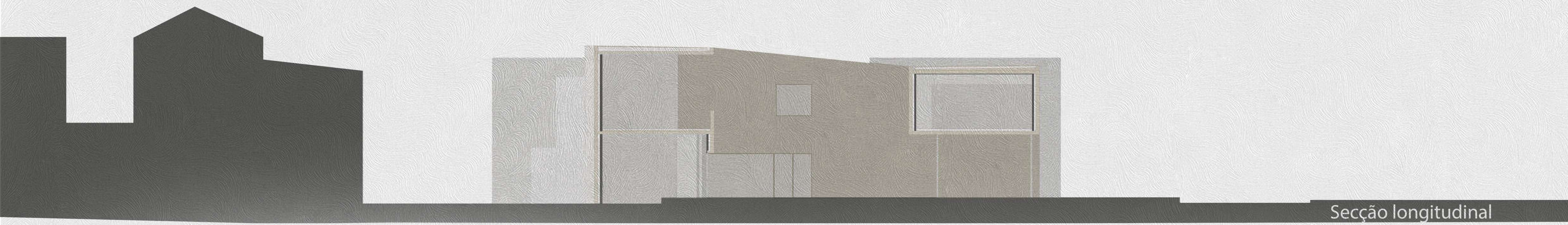


Possibilidade de ocupação
Esc. 1/200

Planta piso térreo
Cota + 04.90 m
Esc. 1/100



Perfil Tv. Pública



+ 17.90 m

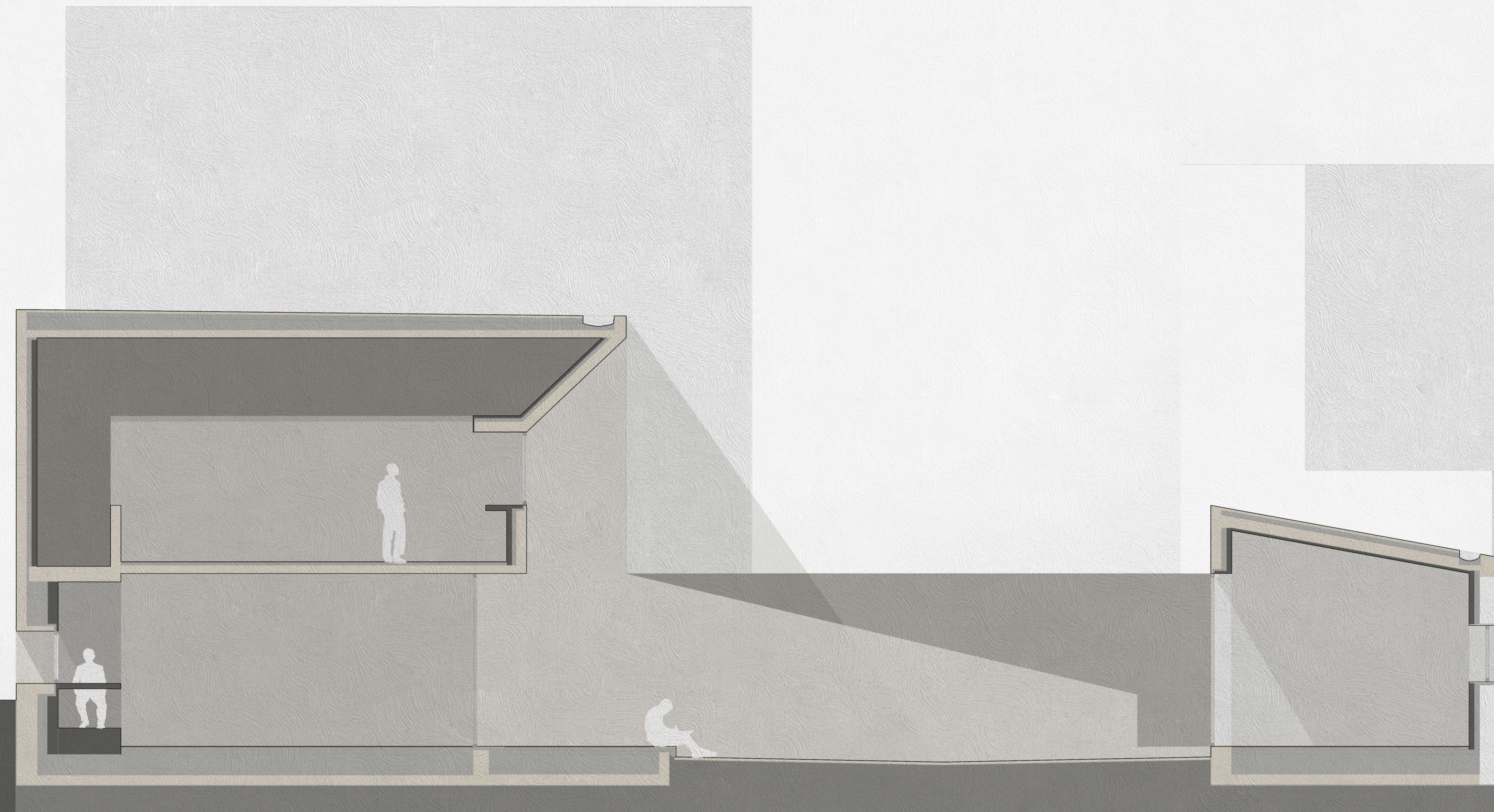
+ 14.30 m

+ 13.20 m

+ 10.90 m

+ 09.70 m

+ 09.50 m



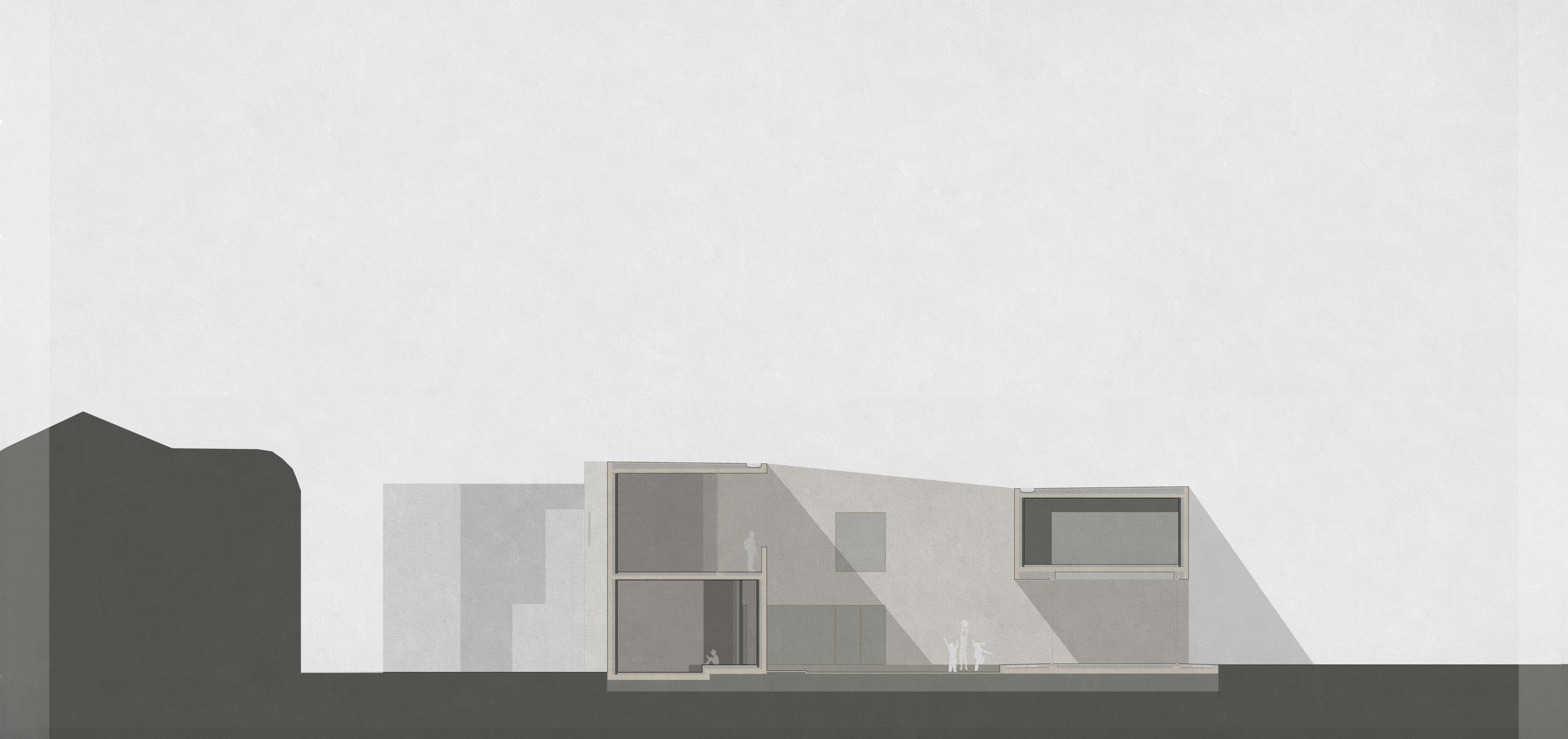


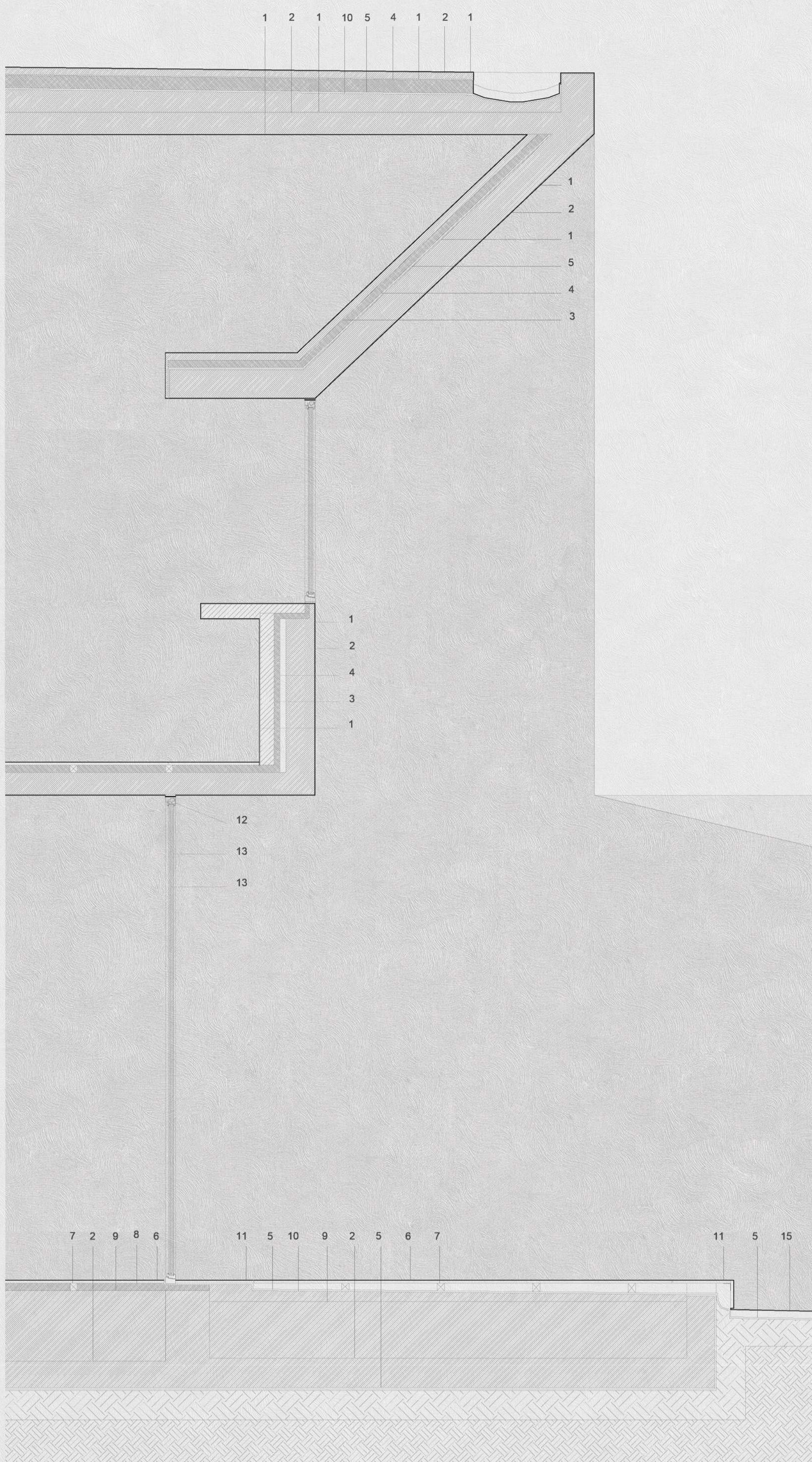
+ 13.00 m

+ 12.00 m

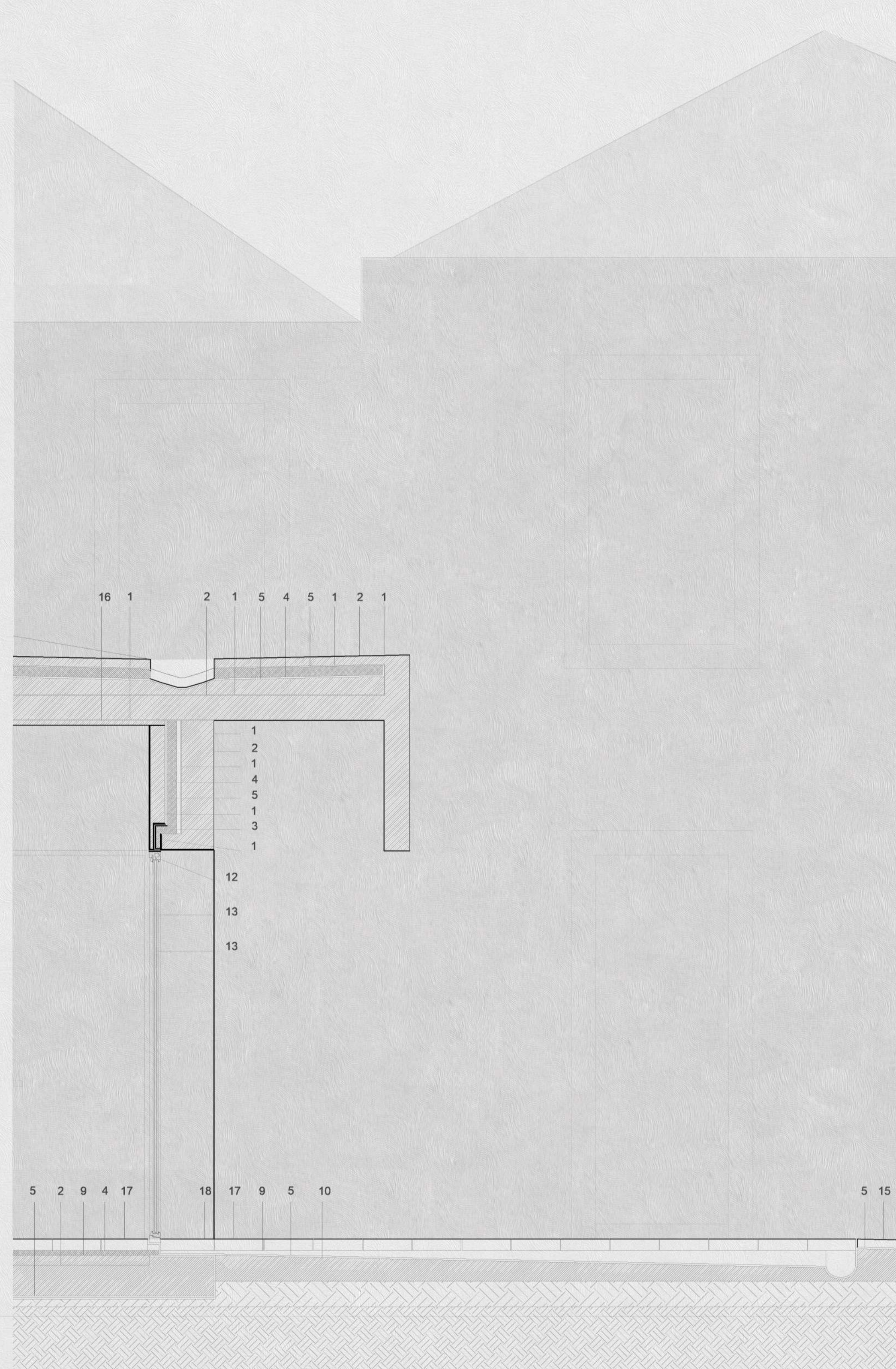
+ 09.40 m

+ 08.40 m





1 Protetor de superfície hidrorrepelente (incolor) 2 Betão estrutural colorido marrom + amarelo 3 Painel de Viroc Bruto cinza 100mm 4 Aglomerado negro de cortiça expandida 5 Tela de impermeabilização 6 Soalho de madeira de cedro 20mm 7 Barrote de madeira 8 Regranulado negro de cortiça expandida 9 Betonilha de enchimento 10 Betonilha de pendente 11 Soleira em pedra Ataija bege 12 Caixilharia madeira de cedro 13 Vidro temperado 15 Saibro estabilizado



16 Painel de Viroc Bruto cinza 30mm 17 Bloco de betão 300x100x70 mm 18 Bloco de betão 500x330x70 mm

